CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

Suplemento # 22 - junho 2017
VASCO PEREIRA DA COSTA

Todas as edições em www.lusofonias.net

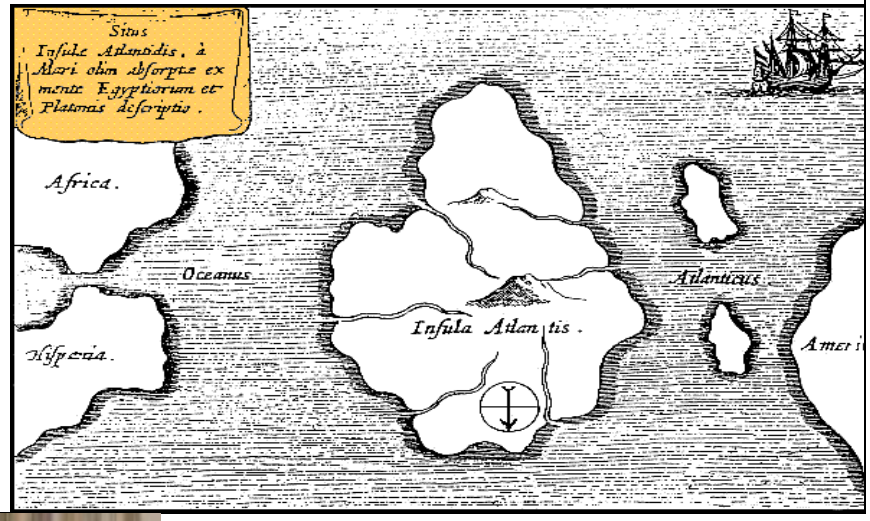
Editor AICL - Colóquios da Lusofonia

Coordenador CHRYS CHRYSTELLO

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)

©™®

Editado por COLÓQUIOS DA LUSOFONIA
(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)
Em linha ISSN 2183-9239* CD-*ROM ISSN 2183-9115



Nota introdutória do Editor dos Cadernos,

Os suplementos aos Cadernos Açorianos servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até Pelos próprios autores.

Hoje este Suplemento # 22 é o segundo dedicado a VASCO PEREIRA DA COSTA depois do Suplemento nº 4 de maio 2010

TEMA 1.4 CIGARRAS AÇORIANAS TRABALHAM COMO FORMIGAS,

Tradicionalmente, com base na leitura bíblica, o trabalho tem sido visto como castigo para o homem em queda. Perdida a felicidade do Éden, desde o pecado original, toda a humanidade é obrigada a ganhar o pão com o suor do próprio rosto. E o trabalho se opõe ao descanso, ao lazer. Todavia, em nossos dias, em tempos de maior indulgência, os artistas já podem jactar-se por serem remunerados ao produzir obras que lhes dão prazer. O trabalho pode sim, mesmo que a duras penas, ser forte aliado do ócio criativo.

Nesta comunicação, parte-se da *Antologia Bilingue de Autores Açorianos*, de CHRYSTELLO e GIRÃO (2011), secundada pela *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano*, de Melo (1978) e tendo por mote a lenda da cigarra e da formiga, tentar-se-á mostrar que, para os escritores açorianos, o canto da cigarra não é incompatível com o trabalho da formiga. Tabuladas as informações advindas das antologias, pode-se concluir que a atividade artística, mais vista como lazer, não impede o exercício de atividades consideradas mais como trabalho propriamente dito.

Numa visão bastante maniqueísta da vida e do mundo, vive-se num jogo de escolhas entre polos contraditórios e excludentes. Entre as oposições disponíveis está a que se faz entre o bem e o mal. Nesta visão o bem é o trabalho e o mal, a diversão. Sociedades religiosas e laicas insistiram em perpetuar e passar tal visão. Hoje sabe-se que nem tudo é tão claro assim, nem tão oposto e excludente. Sabedoria popular, por exemplo, nem sempre se opõe a sabedoria fundada no conhecimento, no estudo.

Do mesmo modo, bem e mal nem sempre aparecem com tanta claridade e excludência; o trabalho e o lazer podem vir conjugados. Ilustrativa da evolução deste modo de pensar é a lenda da cigarra e da formiga. Tal lenda, atribuída a Esopo com raconto de La Fontaine, tradicionalmente opõe o trabalho da formiga ao canto da cigarra no tempo da primavera, premiando o primeiro (a formiga se refugia em casa aquecida e alimento abundante no inverno) e castigando o segundo (à cigarra imprevidente, só resta dançar ao frio).

Em nossos dias, a lenda tem aparecido em versões mais conciliadoras, com um final menos duro que o da versão primeva. Nesta, a formiga costumava condenar a cigarra ao frio e à fome, dizendo-lhe: “Cantou durante o verão?! Pois dance agora.” Já na nossa infância, líamos de Monteiro Lobato uma versão menos radical quanto a prêmio e castigo. O autor registra duas fábulas com títulos diferentes:

1. A Formiga boa. Nesta a cigarra, com a chegada do inverno, procura a formiga e, tossindo e tremendo. E a história assim termina:

> – Ah!..exclamou a formiga recordando-se. Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?
>
> – Isso mesmo, era eu...
>
> – Pois entre amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora. Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.
>
> A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

2. A formiga má. Termina diferentemente:

> [....] a formiga era uma usurária sem entranhas. Além disso, invejosa. Como não soubesse cantar, tinha ódio à cigarra por vê-la querida de todos os seres.
>
> – Que fazia você durante o bom tempo?
>
> – Eu... eu cantava.
>
> – Cantava? Pois dance agora, vagabunda! E fechou-lhe a porta no nariz.
>
> Resultado: a cigarra ali morreu intanguidinha; e quando voltou a primavera o mundo apresentava um aspecto mais triste. É que faltava na música do mundo o som estridente daquela cigarra morta por causa da avareza da formiga. Mas se a usurária morresse, quem daria pela falta dela?

E o autor que fazia alegria de nossa infância ainda tem o cuidado de apor à fábula a moral da história: “Os artistas – poetas, pintores, músicos – são as cigarras da humanidade”.

Na Internet, que tudo aceita, aparece no site Qdivertido.com.br (2011), uma adaptação com um seguinte final em que a formiga rainha institui o canto como uma tarefa para a cigarra, integrando-a, assim, na comunidade do formigueiro:

> Certo dia o inverno chegou, e a cigarra começou a tiritar de frio. Sentia seu corpo gelado e não tinha o que comer. Desesperada, foi bater na casa da formiga.
>
> Abrindo a porta, a formiga viu na sua frente a cigarra quase morta de frio.
>
> Puxou-a para dentro, agasalhou-a e deu-lhe uma sopa bem quente e deliciosa.
>
> Naquela hora, apareceu a rainha das formigas que disse à cigarra:
>
> - No mundo das formigas, todos trabalham e se você quiser ficar conosco, cumpra o seu dever: toque e cante para nós.
>
> Para cigarra e para formigas, aquele foi o inverno mais feliz das suas vidas.

Aqui se conciliam os opostos ócio/ocupação, trabalho/lazer, legitimando o ócio criativo, tão simpático na atividade artística. Aliás, a atividade artística era muito mais associada à busca do lazer, ao descanso do trabalho, oportuna apenas para as horas de

folga. E não somente ao lazer, mais respeitado na sociedade maniqueísta, que ligava lazer a descanso e prazer atividades condenáveis. No Brasil, tal fato se evidenciava sobremaneira, pois artistas só obtinham Carteira de Identidade em Delegacia de registro de atividade de prostituição.

As palavras tradicionalmente usadas para a atividade produtiva têm uma história interessante, que parece oportuno considerar. No grego, trabalhar se expressava através de dois verbos diferentes:

1) γργάζομαι: definido como trabalhar, no sentido de produzir algo; tendo o substantivo correspondente εργον;
2) o segundo verbo, διαπονεω, tem o significado de trabalhar com esforço. Esta mesma palavra é definida como castigar, por Pereira (1961), que lhe apõe a observação "falando de estilo",

No latim aparece com uma só palavra para trabalhar: **tripaliare* que, na explicação etimológica de Houaiss é verbo românico, advindo do latim *tripalìum*, 'instrumento de tortura', derivado do adjetivo *tripális,* aparelho 'sustentado por três estacas ou mourões'. Com isto, para nós, falantes de língua latina, trabalho traz consigo, sempre, a ideia de esforço e de castigo. Aliás, o castigo imposto a Adão, em sua queda do paraíso, fala em "ganhar o pão com o suor de seu rosto. Assim, trabalho opõe-se a lazer que, na definição do mesmo dicionarista, se define como:

"**1** tempo que sobra do horário de trabalho e/ou do cumprimento de obrigações, aproveitável para o exercício de atividades prazerosas;
2 Derivação: por metonímia. atividade que se pratica nesse tempo;
3 Derivação: por extensão de sentido. cessação de uma atividade; descanso, repouso".

Ócio também se opõe a trabalho, com as seguintes explicações:
1 cessação do trabalho; folga, repouso, quietação, vagar
2 espaço de tempo em que se descansa
3 **falta** de ocupação; inação, ociosidade
4 falta de disposição física; preguiça, moleza, mandriice, ociosidade
5 Derivação: sentido figurado trabalho leve, agradável. Observe-se que a definição derivada de lazer bate com a derivada de ócio.

Temos até um sintagma para falar de atividade artística sem confundi-la simplesmente com ócio: a expressão "ócio criativo". Este pode resultar, de fato, de tarefa muito trabalhosa, às vezes até penosa. Olavo Bilac tem um soneto – "A um poeta", onde fala do esforço que se faz para alcançar um poema:

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua!

Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço: e trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua
Rica mas sóbria, como um templo grego

Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre. E natural, o efeito agrade
Sem lembrar os andaimes do edifício:

Por que a Beleza, gêmea da Verdade
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade.

Correndo os olhos no poema, ressaltam-se os verbos usados no último verso da primeira estrofe. São todos muito mais ligados ao trabalho visto como esforço – "Trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua!"– nas explicações a eles dadas por Houaiss (....). De fato, para obter o verso o poeta deve trabalhar com paciência e sossego; isolado em sua cela, pois deve:

- *trabalhar*, bem no sentido de sofrer tortura, do verbo latino; *teimar*, isto é, insistir, com grande obstinação, por repetidas vezes;
- *limar*, isto é, "corroer material duro com lâmina dentada";
- *sofrer*, isto é "experimentar com resignação e paciência; suportar, tolerar, aguentar";
- *suar*, isto é, "empregar grandes esforços na consecução de (algum objetivo); afadigar-se".

Mas o poeta parnasiano não se esquece de conciliar opostos, isto é *paciência*, vista como "capacidade de persistir numa atividade difícil, suportando incômodos e dificuldades; aliada a sossego, visto como "quietude física; descanso, repouso, ausência de problemas, de preocupações, de trabalho excessivo; descanso, calma, tranquilidade". Bilac encerra o poema também com um paradoxo ao definir Beleza como "a força e a graça na simplicidade".

De fato, força pode se opor a graça:

1. *força*, isto é, "robustez, vigor físico, energia vital;
2. *graça,* isto é "elegância e leveza de formas, do porte e/ou dos movimentos; graciosidade.

Ora, a simplicidade, em sua aquisição, pode resultar de ingente esforço.

Com efeito, nosso autor parnasiano, pontificou e "cigarreou" no Brasil há bastante tempo. Assim, para aqueles que gostam apenas de bibliografia recente e que veem a suprema arte na tecnologia avançada, pode-se brindar com afirmação mais recente e concisa, tornada preceito para Steve Jobs: "A simplicidade é a máxima sofisticação" (Isaacson, 2011: p. 99). O que é recente, na verdade é a forma e a síntese, porque a máxima adviria de Leonardo da Vinci, segundo o mesmo autor.

Convém agora atentar às cigarras laboriosas, formigas cantantes, aos nossos autores açorianos, cujo trabalho apraz considerar, neste momento em que a primavera começa a se anunciar no hemisfério norte.

Colhi[1] os autores, inicialmente, em Chrystello e Girão (1911) – *Antologia Bilíngue de Autores Açorianos*. Contudo, não podia deixar de fora dois autores não focados na obra, mas que me ocuparam bastante desde que frequento estas ilhas queridas. Um deles, Dias de Melo, foi objeto de minha consideração no Colóquio de 2009, aqui mesmo em Lagoa.

Do outro, Cristóvão de Aguiar, venho cuidando na tentativa de torná-lo conhecido no Brasil, tarefa de que fui incumbida pelo mesmo Colóquio e que, recentemente, no Colóquio realizado em Santa Maria, 2011, passou para a colega Dina Ferreira a quem devo ajudar. Tabulei[2], inicialmente, dados da Antologia. Todavia, mesmo em tabela bastante resumida e localizada, precisei lançar mão de pelo menos mais uma antologia, a *Antologia panorâmica do conto açoriano*, de João de Melo (1978), que percorre um tempo mais dilatado (séculos XIX e XX). Além disso, incluí alguns dados considerados oportunos, obtidos diretamente em obra de autor devidamente citado.

São autores ilhéus, embora esteja entre eles um autor angolano, Eduardo Bettencourt Pinto, que viveu em Ponta Delgada e, desde 1983, reside no Canadá. Publica em jornal e revista açorianos e possui poemas em antologias nos Estados Unidos, Brasil, Portugal, Inglaterra e Letônia. Açorianos todos os demais da *Antologia Bilíngue de Autores Contemporâneos* e os dois da *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano*: Álamo de Oliveira, Caetano Valadão Serpa, Daniel de Sá, Eduíno de Jesus, Emanuel de Sousa, Emanuel Félix, Fernando Aires, José Martins Garcia, Marcolino Candeias, Maria de Fátima Borges, Onésimo Teotónio de Almeida, Urbano Bettencourt, Vasco Pereira da Costa, Victor Rui Dores. Os dois constantes da outra antologia já foram acima apontados.

Nas três primeiras colunas da tabela, cada autor tem sua vida datada e localizada. Temos autores de cinco ilhas: Ilha das Flores e Graciosa: com um autor para cada uma; Ilha do Pico, quatro autores; São Miguel, seis autores; Terceira, quatro autores. Todos os autores analisados nasceram no século XX. O de data mais antiga nasceu em 1925, seguido por um de 1928 e um outro de 1936. Todos os demais, exceto cinco para os quais não aparece tal data, nasceram a partir de 1940, o que justifica sua classificação como contemporâneos, pois a primeira morte registrada só ocorreu em 2002. Assim, produziram até o século XXI. Na quarta coluna, aparece atividade essencialmente de formiga: constam nela os estudos de cada autor, no tempo de fazer provisões para o futuro, na primavera da vida. Apenas um autor não tem declinados seus estudos. A produção dos autores como cigarras aparece em quatro colunas da tabela: Outros Trabalhos, Publicações, Antologias e Obras traduzidas. Na primeira coluna estão referidas as diversas atividades exercidas: funcionalismo público, participação em departamentos de Estado ligados à Cultura, palestras e conferências em terras portuguesas continentais e insulares, na África do Sul, Bélgica, no Brasil, no Canadá, China (Macau), Estados Unidos, Espanha, França, na Guiné-Bissau, Holanda, Inglaterra, Itália, Letônia, Senegal, Venezuela. Conclui-se que o canto das cigarras açorianas esteve em quatro continentes. Entre atividades diversas aparecem duas mais ou menos estranhas ao canto: serviço militar (referido para dois autores) e serviço em banco. A partir do serviço militar veio o canto através de autobiografia, biografia, memória, diário ou nem tanto (nas palavras de um autor). A autora que exerceu atividade bancária, além de publicações exerceu atividade de professora universitária e publicou também suas obras literárias. Na coluna publicações, vemos que o canto se espalhou por artes, mídias e gêneros literários diversos: artigos em jornais e revistas literárias e de artes, coleções turísticas, conto, crítica e teoria literária, crônica, dicionário temático da baleação, ensaio, internet, novela, poesia, rádio, romance, teatro, televisão. No rol de publicações tabuladas, aparece até uma obra vertida para o Braille, na Biblioteca do Congresso nos Estados Unidos. Na coluna Antologias não citei aquela que serviu de ponto de partida para minhas considerações, graças à obviedade de tal citação. Tive o cuidado, porém, de apor a Antologia de Melo aos nomes dos dois autores, cujos dados aqui incluídos dela vieram. Registrei também outras antologias para alguns autores onde foram referidas. Deixei para o fim a atividade que me parece o protótipo da cigarra-formiga (ou da formiga-cigarra). Falo aqui do magistério, uma vez que o professor trabalha como um mouro, cantando, propagando, explicando, antes mesmo que seu próprio canto, o canto de outras cigarras, na sua e em outras línguas. Apenas um autor aparece sem nenhum registro nesta coluna. Mas sendo consultor de informática, subsidia todo e qualquer professor com um instrumento de trabalho que, em nossos dias, quase ninguém dispensa.

Daqui para a frente passarei a redigir na primeira pessoa, pois atingido o estágio de vida em que me encontro, posso fazer minha a máxima de Pedro Nava – "A experiência é como farol traseiro do carro; só ilumina para trás" – e assumir, como direito adquirido, o uso do eu e do nós.

TABELAS:

VASCO PEREIRA DA COSTA TAMBÉM NA ANTOLOGIA DE MELO

NASCIMENTO	Local	Angra do Heroísmo
	Ilha	Terceira
	Data	
ESTUDOS		
MAGISTÉRIO	Ensino secundário por vários anos. Docente na Escola Superior de Educação de Coimbra, ligado à formação de professores	
OUTROS TRABALHOS	Diretor do Departamento de Cultura, Turismo e Espaços Verdes da Câmara Municipal de Coimbra. Conferências sobre Literatura e Pedagogia em: África do Sul, Bélgica, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Itália, Macau. Portugal, Senegal, Venezuela. Integrou grupo de trabalho "Culture sans frontières" da DG X da União Europeia para estudo de turismo cultural em cidades europeias de média	

	dimensão. Integrou, representando a A.P.E., vários júris de prêmios literários, notadamente o Grande Prêmio A.P.E. de poesia. Representante de Portugal no programa FAULT LINES da "True and Reconciliation Comission" da República da África do Sul. Trabalha em rádio e televisão em programas culturais e literários, também exercendo funções de consultor para programas infantis. Foi Diretor regional da cultura dos Açores e Cônsul Honorário da França em Coimbra. É pintor, sob pseudônimo Manuel Policarpo. Integra o Conselho Diretivo da Fundação Luso-Americana para Desenvolvimento.
PUBLICAÇÕES	Conto, poesia, romance, novela, nos Açores e Portugal
ANTOLOGIAS	Está na *Antologia da Poesia Açoriana* (Lisboa, 1977)
OBRAS TRADUZIDAS	Duas edições, em inglês, de *My Californian Friends* (aqui pergunto: obras traduzidas ou lançadas em inglês?)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Cristóvão (1994) Passageiro em Trânsito. Lisboa: Salamandra.

(2000) – Relação de Bordo II. Porto: Campo das Letras.

CHRYSTELLO, Helena e GIRÃO, Rosário (2011) – Antologia Bilíngue de Autores Açorianos – trad. Chrys Chrystello, Vila Nova de Gaia: Calendário de Letras.

ISAACSON Walter (2011) – Steve Jobs: a biografia. São Paulo: Companhia das Letras.

MELO, João de (1978) - Antologia Panorâmica do Conto Açoriano. Lisboa: Veja.

LOBATO, Monteiro (1976) – Fábulas. São Paulo: Brasiliense.

Presidência do Governo Regional dos Açores Gabinete de Apoio à Comunicação Social – Apresentação de Catarse de Cristóvão de Aguiar e Francisco

† Apresentação de Catarse de Cristóvão de Aguiar e Francisco de Aguiar – Disponível 11/091/2012

PEREIRA, Isidro S.J. (1961) (Dicionário Grego-Português e Português-Grego. 3 ed. Porto: Apostolado da Imprensa

Qdivertido.com.br (2003-2011). Contos infantis, historinhas e fábulas Disponível em janeiro de 2012.

2. VASCO PEREIRA DA COSTA. ANGRA – UNIVERSAL ESCALA DA LITERATURA 15º COLÓQUIO DA LUSOFONIA MACAU 2011

TEMA 3.5 "ANGRA DO HEROÍSMO – ESCALA UNIVERSAL DA LITERATURA"?

Gaspar Frutuoso, primeiro cronista das ilhas atlânticas, registou em *Saudades da Terra* que a ilha Terceira e a sua cidade de Angra eram *a escala universal do mar poente*, posto que à enseada aportavam as especiarias das índias orientais e o ouro e a prata das índias ocidentais. Emanuel Félix, num opúsculo publicado em 1970, *Angra no último quartel do séc. XVI*, evoca os escritos de João Hugo Van Linschoten, um mercador e explorador neerlandês que, na sequência de um naufrágio, aportou a Angra, elaborando um belo mapa da cidade e anotando um rol de curiosidades sobre a vida daquela *pequena Lisboa*.

Ainda no século XVI, Pompeo Arditi, natural de Urbino, arquiteto contratado por D. Sebastião para elaborar planos de defesa das ilhas, descreve a *città molto bella, e bene acasata*. Assinale-se, no século XVII, o *Espelho Cristalino* de frei Diogo das Chagas e, na transição para setecentos, o Padre António Cordeiro com a sua *História Insulana*, contendo ambas as obras de cariz historiográfico, referências e curiosas pequenas narrativas que aproximam as crónicas da índole ficcional. Contudo, o registo histórico raramente coincide com os géneros literários, se bem que, alguns casos, os cronistas se deixem seduzir pelo maravilhoso, sobretudo quando a sua condição de eclesiásticos lhes impõe a explanação de milagres e a necessidade de atearem nos mortais fumos de santidade: e, então, fundem-se a realidade e a fantasia.

As crónicas destes primeiros narradores da história açoriana permitem, no entanto, aos poetas e ficcionistas gizar cenários, desenhar personagens, desdobrar panos de fundo, adotar pré-textos, porque os marcos históricos da cidade de Angra constituem um manancial aliciante para os escritores.

Deste modo, o povoamento e as tentativas de descoberta de terras a Ocidente dos Açores; a mercancia de oiro e de especiarias com toda a carga de aventura e de trágico marítimo; o exílio de personalidades como D. Afonso VI, de Gungunhana, do Marechal Gomes da Costa, de opositores ao regime fascista que fizeram das fortalezas angrenses os primeiros tarrafais; a resistência aos Filipes criando figuras míticas como Brianda Pereira e mitificando individualidades como D. António Prior do Crato e D. Violante do Canto; o facto de Angra ter acolhido o exército liberal e de ter sido capital do Reino com a presença de D. Pedro IV; a emigração para o Brasil, Estados Unidos e Canadá; a instalação de ingleses e americanos durante a segunda guerra mundial – toda esta carga factual constitui um manancial que os escritores irão explorar a partir do Romantismo.

Isto faz com que a cidade de Angra, a tal *pequena Lisboa* de que falava Frutuoso seja das cidades com mais referências na literatura portuguesa, não escapando, também, à atenção de alguns escritores estrangeiros. Por isso, à semelhança do que fez Eugénio de Andrade relativamente a Coimbra, compilando textos numa antologia que intitulou *Memórias da Alegria*, trabalho, neste momento, na organização de uma coletânea sobre Angra, com esta particularidade de não ser Coimbra uma cidade de nascimento de muitos escritores – Sá de Miranda, Camilo Pessanha e outros, poucos, ao passo que Angra confirma aquilo que venho propalando desde há algum tempo: que a produção leiteira só é suplantada pela produção poética.

A contenção de tempo, hoje e aqui, não irá possibilitar uma amostragem exaustiva dessas referências literárias e irá surgir, almejo eu, como um pórtico para o reconhecimento da minha cidade de maravilha – então não sou eu o maior e único escritor vivo da rua Direita? Irei, portanto, ater-me a tantos exemplos, enumerando, no final, os escritores em cujas obras figura a cidade de Angra.

Sem preocupações cronológicas, começaria por Manuel Alegre, que, em Tanto Mar - Livro dos Açores, dedica quatro sonetos a Miguel Corte-Real, filho do primeiro capitão do donatário de Angra, mitificado navegador pré-colombiano pelas Américas.

Desses quatro poemas, selecionei o primeiro:

Eu não sabia ainda o que é o mar:
Sei agora este amor como um navio
Meu Regimento do Astrolábio e do Quadrante
Meu Tratado da Esfera e da Arte de Marear.

Passarei como Gil Eanes além da espuma
Morrerei como Magalhães na praia de Mazaguá
Navegarei em busca de Gaspar
O que chegou à América e não voltou.

Eu não sabias ainda o que era o mar.
Sei agora este amor: teu corpo azul
Sobre o lençol dos dias. Partirei

Para o teu continente, ó minha Atlântida.
Dizei a Vasqueanes meu irmão
Que também eu não voltarei.

Dando um salto no tempo, mas, atendo-me aos acontecimentos históricos que anteriormente enumerei, socorro-me de Almeida Garrett, que em Angra recebeu a sua formação inicial tutelada por seu tio, o prelado D. Frei Alexandre da Sagrada Família. Numa nota à cena em que, no Frei Luís de Sousa, Maria descreve o retrato de D. Sebastião, Garrett esclarece:

> *De todos os retratos que sei existirem, creio que o mais autêntico é o que está, ou estava, pelo menos até 1828, em Angra, na ilha Terceira, no palácio do governo, que antigamente era o Colégio dos Jesuítas. É tradição ter sido para ali mandado por el-rei mesmo em sua vida. Muitas vezes contemplei aquele retrato na sua mocidade e por ele é feita a descrição que pus na boca de Maria.*

Adianto que o retrato já lá não está há tempos largos. Aproveito a presença de Garrett, e, digressionando como ele, para ir até às *Viagens na Minha Terra.* Aqui se alude, na *Carta de Carlos a Joaninha* a uma tal Soledade, freira no convento de São Gonçalo*. Naquele escolho no meio do mar, chamado a ilha Terceira*, o herói da novela é levado à grade de um convento.

Diz a *Carta*:

> *O meu ar triste, distraído, indiferente, excitou a piedade das monjas. Uma delas, jovem, ardente, apaixonada, quis tomar a empresa de me consolar…Era Soledade que se chamava a freirinha.*

Esta mesma freirinha é alvo da conversa dos soldados liberais no Vale de Santarém:

-«O nosso capitão não se descuida; Ainda hoje chegou e já…»
-«O nosso capitão é daqui: não sabes?», retrucou o outro.
-«Silêncio! Eu te direi logo a história toda: é uma prima», murmurou um terceiro.
-«Ah! É prima. Então não há nada que dizer»
-«Prima, a menina dos rouxinóis?! Essa é maluca».
-«Que queres? Gosta delas assim, que, afinal, ele também o é».
-«E a freira de São Gonçalo na Terceira?»
-«Maluca».
- E a lady inglesa, que…»
-«Maluquíssima».

Mas sobre os amores freiráticos, muitas referências existem. O duque de Lauzun, que participou na expedição dos franceses à América, na Guerra da Independência, no regresso à Europa, arriba a Angra. E, nas suas *Mémoires* assim diz: *Je n'ai jamais vu de moeurs plus bizarres et mêler si plaisement l´amour de Dieu à l'autre.*

Um outro francês, o Conde de Ségur, na volta da América em 1792, também regista nas suas *Memórias* a passagem por Angra. De entre outras curiosidades, assinala o fandango dançado pelo bispo; visitas a um convento e descrição da dinâmica amorosa; visita ao governador e o estranho vestuário do seu filho. Ainda no âmbito da literatura memorialista, citemos as *Memórias do Marquês de Fronteira e Alorna*, acompanhante dos Liberais*:*

> *O convento de São Gonçalo era um grande recurso para a oficialidade dos corpos, principiando pelo General. Todos tinham ali um derriço., como lhe chamavam, e nunca vi nada mais ridículo do que uma quinta-feira de endoenças na igreja daquele mosteiro. As lamentações eram aplaudidas com o mesmo entusiasmo das árias e cavatinas no teatro de São Carlos.*

De igual modo, o Visconde da Luz ficou marcado pelo seu derriço durante a estada do exército liberal. Seu filho, Eduardo Montufar Barreiros, publicou em 1904 dois volumes de um *jornal* em dois volumes com o título *Os papéis de meu Pai* e aí se identifica pelas iniciais D.F. a noviça que tanto perturbou o oficial-engenheiro de fortificações. Deixo em paz as pobres freiras e, não saindo do período do Liberalismo, sinalizo uma obra de um escritor angrense, Faustino da Fonseca que escreveu um romance cujo título é bem elucidativo: Os Bravos do Mindelo.

Nele há descrições muito interessantes da angra daquele tempo. Deixo apenas esta:

> *Rompeu no castelo o toque da alvorada, o eco vibrante do clarim dando o sinal do batalhão, e o terno de cornetas atacou as notas baixas, até se casarem num hino ao triunfal raiar da aurora. Passavam chocalhos de machos carregados de trigo para os moinhos do Pisão.*
>
> *Apregoavam leite homens do monte, vindos da Ribeirinha, barba ruiva, pé descalço, vestidos de linho branco alvo de neve, a camisola presa no pescoço por botões de oiro, carapucinha preta com orelhas vermelhas, pequena como a palma da mão, posta à banda num elegante equilíbrio, batendo o bordão com rendilhados na ponteira; rolhas de pasto no bico negro das cabaças defumadas, com pontos e cordel em fendas, por onde o leite gotejava, aos solavancos do pau posto ao ombro esquerdo.*
>
> *Apregoavam rapa, vergando a grandes molhos, pastores, ansiosos por se livrarem da carga, trazida desde noite do mato. Chiavam carros numa orgulhosa competência, irritando em furiosos latidos os cães das quintas. Soaram trindades em Santa Luzia, vibrou na alegria da madrugada esse toque de sino, impregnado ao pôr*

do sol pela melancolia da tarde; seguiu-se-lhe o repique anunciando a festa; tocaram na Sé à missa das almas.

Na segunda metade do século XIX, referirei dois autores da geração de setenta: Antero e Eça. De Antero, respigo uma carta endereçada a Oliveira Martins, datada de Angra, a 26 de junho de 1874, onde fora tratar-se com um médico homeopata. Diz assim:

Escrevo-lhe da ilha Terceira. Aqui nos Açores há um provérbio que reza"S. Miguel, burgueses ricos; Terceira fidalgotes pobres; Faial, contrabandistas espertos."

Com efeito, a Terceira é uma terra essencialmente portuguesa e peninsular: fidalguia, pobreza, touros, insouciance sóbria e filosófica, entusiasmo, bizarria e parlapatice, numa palavra, os defeitos e as qualidades correspondentes ao idealismo peninsular que Você bem conhece e não menos bem descreveu já.

É quanto basta para que Você compreenda quanto tenho gostado disto, eu que de dia para dia me vou sentindo mais português, mais descubro em mim a fibra nacional e mais preciso pôr-me em comunhão com a alma coletiva.

De Eça, socorro-me da *Correspondência de Fradique Mendes*. O romancista aponta a sua descendência açoriana: *Carlos Fradique Mendes pertencia a uma velha e rica família dos Açores; e descendia por varonia do navegador D. Lopo Mendes, filho segundo da Casa da Troba, e donatário de uma das primeiras capitanias criadas por começos do século XVI*. E é nas palavras do próprio Fradique que ficamos a saber que …*quando fiz onze anos, minha avó, de repente, para me* ***habituar às coisas duras da vida*** *(como ela dizia), arrancou-me ao pachorrento ensino do Padre Nunes, e mandou-me a uma escola chamada* ***Terceirense***.

Entremos agora pelo século XX e vamos às *Ilhas Desconhecidas* de Raul Brandão:

O navio fundeia na Terceira, num vasto semicírculo. Fechado ao norte pelo Monte Brasil e do outro lado pela ilha das Cabras. Está um calor surdo. Demoro-me a olhar a cidade, donde irrompe uma pirâmide amarela, o monumento a D. Pedro IV. Num plano mais afastado, alguns montes escalvados.

É Braga, Braga com mais regularidade nas ruas, mais cal nas paredes, e que lhe deu na veneta para ser praia, estendendo até à beira-mar os seus conventos e as suas igrejas pesadas, com um forte em cada extremidade.

Na rua andam mulheres de capote negro, apertado na cinta e formando concha sobre a cabeça, e raparigas do povo com o lenço atado só com um nó e deixando ver as madeixas: - são as solteiras; as casadas escondem todo o cabelo e atam duas vezes o lenço no pescoço.

Foi aqui que vi as mais lindas figuras de mulheres dos Açores – tipos peninsulares, de cabelos negros e olhos negros retintos.

São tantas as referências a Angra na obra de Vitorino Nemésio que teria que vos falar praticamente da obra completa. Bastará referir que foi um editor de Angra, Manuel Francisco Andrade, que editou o seu primeiro livrinho de versos e que, quer em prosa, quer em verso, quer em crónica, a cidade de Angra é tema e cenário obsidiantes. Só este autor daria para um volume da antologia em que trabalho. Mudemos de tema, mudemos de autor. Vamos até ao tema do exílio.

Coopto Urbano Bettencourt que, em *Algumas das cidades,* aborda a estada do Régulo dos Vátuas no presídio de São João Batista*:*

Há um rumor de passos na sombra destas pedras, inutilmente buscarão os caminhos de regresso a um reino de África.

Alguém nos dirá se as cartas de Gungunhana iludem o tempo apenas ou, como a teia de Penélope, prolongam a espera e a esperança, prorrogando o instante da negação?

É certo que generais e bispos o fizeram sargento católico e cristão e desse modo dilataram a fé e o império sem sair do quintal, mas quem poderá desvendar os recantos mais secretos de um homem ou interpretar os desígnios que os seus gestos transfiguram e mascaram?

No ***"Tratado de Vária História Dramática Insulana"*** *de autor anónimo do final do século, não são, aliás, raros esses casos de exilados mais ou menos voluntários despejados na ilha central do arquipélago por entre a hospitalidade curiosa e o espanto de uma população menos propensa, todavia, a comover-se com o infortúnio de um soba arrancado à imensidão do espaço africano do que com as mágoas e as dores de um rei corno ou doido que um erro administrativo fizera despachar para a ilha ainda antes da inauguração da Casa Amarela.*

Este rei corno ou doido é D. Afonso VI, personagem central de ***A Solidão da Casa do Regalo***, texto dramático de Álamo Oliveira. Cumpre aqui dizer que, se há um escritor de Angra, ele é Álamo Oliveira, que em todos os géneros literários tem celebrado a cidade em todos os seus encantos e em todas as suas vilezas.

Os limites de tempo impedem-me de referir, aqui, a qualidade dos seus textos, mas leiam, apenas, ***Pátio da Alfândega Meia Noite*** e apreenderão as minhas razões. Irei, de seguida, não saindo do tema do exílio e da prisão, apresentar um excerto de um conto extraído da coletânea ***Contos da Ilha Emersa*** – *O Senhor Governador*, em que o autor, o terceirense José Pereira da Costa, um arquivista, ex-diretor da Torre do Tombo, foca o período subsequente à revolução frustrada de 1931, que eclodiu nos arquipélagos da Madeira e dos Açores:

…a repressão desabou sobre a ilha // os suspeitos foram deportados sob prisão para as masmorras da metrópole e de outras colónias // mas agora era ao contrário // no castelo / mantendo-se a tradição de presídio / o depósito de presos / nome oficial / abarrotava de revolucionários degredados // o barco negro / comboiado por duas canhoeiras e sem ninguém esperar / deitara ferro ainda a manhã não despontara // depois em batelões de carga rebocados por um gasolina desembarcavam lá longe num pequeno cais filas negras de presos que serpenteavam encosta acima até ao portão chapeado de ferro do castelo por onde se sumiam nuns enormes barracões…) por tudo e por nada os prisioneiros eram severamente castigados e os reincidentes eram algemados e levados // os que voltavam traziam os olhos esgazeados de terror e no rosto intumescido as marcas das torturas //

(…)

mas o pior era o calejão e a poterna // era como se fossem enterrados vivos // o calejão era um corredor subterrâneo aberto no tufo vulcânico por debaixo das largas muralhas // entrava-se por uma porta que dava para a praça de armas e na parede húmida tinham escavado uns nichos como se fossem para santos / só que lhes

puseram umas grades de ferro e neles metiam os desgraçados que nem podiam estar de pé nem sentados //

(…)

foi assim que um dos cabecilhas do levantamento / o sapateiro / ali morrera / inchado e com o corpo negro de pancadaria // ele só içara junto das muralhas do castelo uma bandeira preta que a brisa da manhã fazia ondular suavemente.

Deste período inquietante nos fala José Saramago em ***O Ano da Morte de Ricardo Reis***, pondo em destaque o valor simbólico do presídio de Angra do Heroísmo, porque, de facto, poucos foram os resistentes antifascistas que por lá não passaram:

Qual é a intenção deles, com certeza não contam sair para o mar acreditando que será bastante para fazer cair o governo

A ideia é irem para Angra do Heroísmo, libertar os presos políticos, tomar posse da ilha, e esperar que haja levantamento aqui

(…)

Para quando será isso?

(…)

E os barcos?

É o ***Afonso de Albuquerque****, mais o* ***Dão*** *e o* ***Bartolomeu Dias****.*

É uma loucura, repete Ricardo Reis

. (…)

Enfim talvez tudo venha a correr bem, sabe-se lá se não acabarão por pôr de parte o projeto, e, se teimarem, talvez consigam chegar a Angra. Veremos o que acontece.

Atingido o limite desta intervenção, resta-me lembrar o grande Emanuel Félix e *As raparigas lá de casa* ou o *Five o'clck tear*, em que capta uma atmosfera melancólica da cidade, a impiedosa e sarcástica *Ode Angra minha cidade em tom de elegia* de Marcolino Candeias.

Seria injusto, todavia, omitir J. H. Santos Barros, J. H. Borges Martins, José Álvaro Afonso, Joel Neto, Luís Filipe Borges, Rui Duarte Rodrigues – e tantos outros, não esquecendo aquele que por humildade não é referido…,

Mas, na literatura, Angra não cabe na sua geografia nem no seu traçado urbanístico, Património da Humanidade. Por vezes, até, nem aí está: é uma cidade que assoma, sim, nas narrativas, nos poemas, nas artes plásticas, na música. É uma cidade que tem personagens, estórias, atmosferas, sonoridades, matizes, cheiros.

A literatura a arte em geral – possibilita um conhecimento outro, um itinerário outro, uma cidade outra, alcandorada a uma categoria estética que perpassa os séculos e transpõe a circunstância – alheia aos que erguem paredões locais, tolhem os horizontes e amesquinham o futuro. Desdenhando do sublime da arte o futuro de Angra ficaria como eles: mesquinho e pechenchinho.

Coimbra, fevº - mar 2011

VASCO PEREIRA DA COSTA

TEMA 1.1 - VASCO PEREIRA DA COSTA – O MAR IMENSO E ÍNTIMO DO POETA INCENDIADO PELO FOGO OCULTO DA ILHA RASGADA SOBRE O MUNDO.

A ilha que esboço (onde sempre renasço)
fica na redondez do mundo
infindo
onde me prefiguro e me recorto.
VPC, Lição de Montaigne *in Fogo Oculto*, p. 19.

Tudo que se passa no onde vivemos é em nós que se passa.

O presente artigo, como o título deixa antever, está dividido em duas partes fundamentais. A primeira esboça, de forma abreviada, um possível retrato de Vasco Pereira da Costa, para, numa segunda parte, ancorar a análise do seu livro de poemas *O Fogo Oculto* no qual, indubitavelmente, o homem/poeta/escritor se desvela, como mostram alguns versos dos quais destacamos os seguintes: Conheci princípios claros, ideologias limpas. / Hoje, com três quartos de caminho andado / aguardo a vinda dos amigos (Costa, 2011: 15); Olho o tudo. E ninguém ouse / questionar o mais profundo / do que penso quero e faço (Costa, 2011: 19);

Não pode a ilha ser o limite (Costa, 2011: 67). Homem de cultura, Vasco Pereira da Costa nasceu em Angra do Heroísmo, numa ilha por cima do mundo, como o próprio afirma, no ano de 1948. Licenciado em Filologia Românica, na Universidade de Coimbra, foi, durante vários anos, professor do ensino secundário e esteve ligado à formação de professores, exercendo funções docentes na Escola Superior de Educação de Coimbra. Do seu vasto e culto currículo, fazem parte, ainda, outras funções como a de diretor do Departamento de Cultura, Turismo e Espaços Verdes da Câmara Municipal de Coimbra assim como a de cônsul honorário de França nesta cidade. Entre 2001 e 2008, regressou aos Açores para ser diretor da área da Cultura no Governo.

Fez parte do grupo de trabalho *Culture sans frontières* da DG X da União Europeia para o estudo do turismo cultural nas cidades europeias de média dimensão; foi representante de Portugal no programa *FAULT LINES da True and Reconciliation Comission* da República da África do Sul e faz parte do Conselho Diretivo da Fundação Luso-americana para o Desenvolvimento (FLAD). Em representação da Associação Portuguesa de Escritores, tem integrado diversos júris de prémios literários, designadamente, o Grande Prémio A. P. E. de Poesia.

A sua vasta experiência pedagógica, cultural e literária tem levado Vasco Pereira da Costa a diversos cantos do globo (EUA, Venezuela, África do Sul, Senegal, Espanha, França, Inglaterra, Bélgica, Holanda, Itália e Macau), para além de Portugal, onde tem proferido conferências sobre temas literários e pedagógicos. Para além disso, tem exercido as funções de consultor para programas infantis e trabalhado para a rádio e televisão em programas de índole literária e cultural.

A 20 de abril de 2011, Vasco Pereira da Costa foi distinguido com o título *Honoris Causa* em Letras pela Universidade de São José, em Macau, fundada em 1996 pela Universidade Católica Portuguesa e pela diocese local. A extensa obra literária[3] do autor passa pela ficção, poesia e memórias, tendo sido distinguido, em 1984, com o Prémio Literário Miguel Torga. Recorde-se, igualmente, o conto não publicado *O Maestro, o Poeta e o Menino de sua Mãe*, escrito em 1985, que foi distinguido com o Prémio Aquilino Ribeiro.

A versatilidade do homem, escritor e poeta transformou-o, igualmente, num notável pintor, criador de Manuel Policarpo, *heterónimo* oriundo da ilha do Pico. Com rápida passagem pela Terceira, desde há muito este pintor vai calcorreando o mundo. Contudo, quando lhe perguntam onde nasceu, responde, mitificando:

nasci numa ilha
por cima do mundo.
(http://www.carminagaleria.com/artistas/policarpo.php)

Registem-se algumas exposições que aconteceram, em 2009, primeiro no Museu dos Baleeiros das Lajes do Pico, depois, na Ilha Terceira e, por último, em São Miguel (Portas do Mar), com o sugestivo título de *As Ilhas Conhecidas – Cartografia e Iconografia*. Segundo o texto de M. Poivreau, que consta do catálogo das exposições, As paisagens daqui resultantes (…) são abstratas essencialmente, e admitem, mesmo assim, uma grande diversidade de motivos figurativos tratados de maneira realista por vezes, de um modo *naïf* outras vezes. Eis como surgem mares, linhas de costa, céus, as cartografias – tudo reinventado através da matéria e da cor (…).

Os quadros de Manuel Policarpo, que insiste na busca de signos sobre os rituais do Espírito Santo, tão enraizados nas suas ilhas dos Açores, [formulam] imagens que [conduzem] a uma leitura crítica, na tentativa de explorar valores socioculturais. Recordemos, igualmente, a exposição de cartografia e etnografia, *Ilhas Conhecidas,* que esteve patente no Pavilhão do Mar, em Ponta Delgada, até fevereiro de 2010, uma revisitação*, um* retrato e um itinerário feito por quem conhece e vive nos Açores. Segundo o próprio, as telas revelam as ilhas conhecidas por si.

Deste modo, esta exposição assume-se como um permanente diálogo entre os universos telúrico, etnográfico e mitográfico das ilhas. Nessa mostra, cada tela de Manuel Policarpo tem carimbo açoriano, retratado através de técnicas mistas, jogando com diversos materiais, emprestando-lhe, como reforça, outras significações. Usa, portanto, o óleo, o acrílico bem como outros componentes materiais, como, por exemplo, as rendas açorianas.

[3] Bibliografia completa do autor no final do texto.

Sintetizando a essência de Manuel Policarpo, podemos usar as palavras de VPC, quando o retrata como circunstância do tempo e dos espaços e que apenas caminha por onde o levam seus próprios passos http://www.carminagaleria.com/artistas/policarpo.php reclamando a sua condição de intelectual europeu. Contudo, em nossa opinião, sendo o pintor um homem do mundo, que vagamundeou o planeta, revela na sua obra um apelo fatal pela(s) sua(s) ilha(s) no Atlântico, concentração, no espaço, de tudo aquilo que inspira a sua alma de pintor. Síntese, portanto, do que as suas pupilas registaram, no disco duro da moleirinha, no seu périplo pela Europa, pelas áfricas, as américas e as ásias, de uma infância repleta de experiências que influenciaram a sua criação artística e do espaço de vivência das ilhas açorianas que determinam o seu código genético. Manuel Policarpo afirma ter olhos de cartógrafo, mãos impulsivas, índole de gravador. Experimenta, experimenta sempre, nunca estabelecendo, *a priori*, a técnica que vai utilizar (http://www.carminagaleria.com/artistas/policarpo.php).

Como romancista, contista, novelista e poeta, Vasco Pereira da Costa reconhece-se, essencialmente, como um contador de histórias: das coisas que me dão mais gozo, é ouvir uma história, mas também contá-la porque a palavra pode ser fruída (http://lusografias.wordpress.com/2010/07/11/vasco-pereira-da-costa-contador-de-historias).

Para concluir este breve retrato, pintado com a ajuda dos relatos encontrados e através das palavras de Vasco Pereira da Costa, citamos um excerto de um texto seu, sobre o *seu heterónimo* Manuel Policarpo, que nos parece, igualmente, descrever o *ortónimo*:

> *Por isso dele dizem: é um poseur! – alça a sobrancelha esquerda por detrás das lentes do estigmatismo com desdenhoso trejeito perante a mediocridade e, tão só porque peregrinou as sete partidas e já tem cãs sobejas e aprendizagens múltiplas, nem sequer reage aos que o sussurram como diletante, cultivando uma ironia que, por vezes, roça o sarcasmo impiedoso.*
>
> *- 'Tou-me marimbando'! – proclama do pico do Pico da sua altivez senhoril, do cume da sua libertada escravidão, do topo da sabedoria que lhe concedeu o passadio.*
> *(http://www.carminagaleria.com/artistas/policarpo.php).*

Da vasta obra de Vasco Pereira da Costa, iremos deter-nos no seu último livro *O Fogo Oculto*, composto por trinta e um poemas breves, com o objetivo de partilhar um olhar/olhares sobre os seus versos. A análise irá girar à volta do universo do sujeito poético, das suas imagens mais recorrentes e das palavras com sentidos de forte açorianidade e simbolismo que tocam o mar e o atravessam numa viagem em que as memórias se cruzam com a amplitude do sonho e se rasgam sobre o mundo.

O pulsar íntimo da ilha/ilhas percorre este conjunto de poemas em que o sujeito poético se diz nascido - Numa ilha, por cima do mundo (Costa, 2011: 7), tal como também declara o *heterónimo* Manuel Policarpo, recusando ser prisioneiro do espaço (da terra), dando voz à palavra e libertando-a, fazendo-a respirar, insuflando-lhe vida, fazendo arder

o silêncio e, desfeita em água, transforma-a em chuva, escapando, assim, à clausura cinzenta da nuvem ameaçadora que reduz a amplitude e a liberdade:

Tenta que o verso contenha apenas / as palavras do teu aparo (…)./ E que tenham voz sopro e batimento / e se de terra acolham a charrua / e se de fogo incendeiem o silêncio / e se de água não sejam nuvem mas chuva (Costa, 2011: 9). Emerge este segundo poema de *O Fogo Oculto*, indução que permite desde logo o próprio título, Arte Poética, como uma revelação da arte poética de Vasco Pereira da Costa.

São as palavras essenciais, as mais úteis / as que te digam inteiro (Costa, 2011: 9) que, cumprindo o seu destino na rota do poeta, rasgam o horizonte como um pássaro e, apesar da barreira geográfica do mar, se alargam no universo, ainda que se alimentem do fogo oculto da terra e regressem ao inteiro silêncio do íntimo do ser (também fogo oculto?) onde se poderão aprender os traços do vazio (Costa, 2011: 37).

As palavras sabem a água, a fogo e a verde, tudo escorrido das montanhas, e o poeta, mago na ilha sem limites, rasga as portas do mar (Costa, 2011: 67), que é um terraço de prata (Costa, 2011: 55), que se abre para o mundo permitindo a viagem / viagens.

A ilha por cima do mundo (Costa, 2011: 7) é o berço que embala o poeta nesta viagem em que a palavra eleita e apurada cumpre a sua função poética sem derrames semânticos de aventurosos e inúteis malabarismos estéticos. A ilha / ilhas contém em si as emoções, as tonalidades, a luz, a diversidade, o cheiro e o sabor da terra *mater*, o fogo das entranhas, a beleza deslumbrante da natureza intocada, o silêncio, a água na sua pureza e no seu poder fecundo e transformador.

As palavras estão lá, no cenário genuíno da ilha, alojadas na sua íntima autenticidade, provavelmente ainda agarradas ao cascalho, como diria Miguel Torga (*Diário XII*); basta apurá-las para que cumpram a missão de revelar o poeta da ilha na sua totalidade. Basta dar-lhes voz sopro e batimento (Costa, 2011: 9), pedaços de vida carregados de emoções para que possam dizer o poeta inteiro e saibam ser a casa como espaço de aconchego e segurança; barco que permite a travessia, a viagem, o conhecimento; campo fértil que oferece o alimento ou entidade que permite o sonho, a evasão. Palavras com sabor a terra lavrada, palavras fogo que incendeiam o silêncio, palavras água nascidas no ventre da terra em forma de chuva abençoada.

Deste modo, sente-se o pulsar da ilha / ilhas em cada palavra de Vasco Pereira da Costa e pressente-se o fogo incandescente e oculto do poeta que, embora marcado pela forte açorianidade, não se deixa consumir por ele e se alarga para além da ilha numa cosmovisão de viajante, sabendo que nas veias do mundo correm violas e versos (Costa, 2011: 23), que ainda há mares não sabidos (Costa, 2011: 11) e que Não pode ser a ilha o limite (Costa, 2011: 67).

Ao longo dos poemas, há revisitação / revisitações das ilhas, enquanto espaços de memórias, e uma intensa concentração de emoções e afetos nesses lugares referidos como se em cada um deles estivesse para sempre gravado, em forma de lava, um pedaço de humanidade (a do poeta, a de cada ilhéu e a de cada um de nós).

Em o Retrato recorda:

Quando era jovem
O Arnaldo da Foto Lilaz tirou-me o retrato
que minha mãe suspendeu na sala.

Um terramoto impudente abalroou a casa
e o retrato ficou guardado entre pedaços
de memória amarela e dispersa.

Alguém que abra a gaveta
saberá como fui antes de conhecer
a provável morte.
(Costa, 2011:17)

Os lugares são reais, mas existem em cada poema numa combinação imagística que nos transporta ao universo interior do poeta, resultante da proeza artística do fingimento poético que revela a sinceridade intelectual das emoções carregadas de simbolismo e nos permite aproximar do seu fogo oculto numa enorme generosidade literária. Nesta obra de Vasco Pereira da Costa, perpassa o testemunho vulcânico da ilha / ilhas, como exalta o poema Furnas do Enxofre:

Uma harmonia sem cuidado / aqui onde há tufos de seda verde / e nuvens saídas das entranhas da terra: / é a sintaxe do magma ordenando os verbos do planeta (Costa, 2011: 43); a majestática beleza selvagem aparecendo como um paraíso genuíno, as calhetas, as fajãs, como estonteantes cenários de verdura e lagoas cristalinas, num namoro idílico com o oceano, a perpetuar o paraíso e a revelar-se como terraço sobre o mar: O sol vai abrir a cancela do mundo (…) / Após a chuva desta noite / há um verde que tanto insulta / que exulta de tão verde. (Costa, 2011: 53); o murmúrio da água, elemento líquido de grande relevância temática e ambiental, que canta as suas cantigas de frescura, conferindo à ilha a exuberância, a cor, a luz e a fertilidade e que, ao mesmo tempo, simboliza o traço de separação e aproximação do mundo, de um novo mundo.

Em Fajã dos Cubres, o poeta, em breves, doces e belas pinceladas metafóricas, e soprando um leve toque de animismo, cria uma harmonia que enfeitiça os próprios peixes:

Sobe o mar para sorver a cinza do céu.
Um soluço de onda. Um arfar de pedra.
Um sol de silêncio em pingos dispersos.

Mordem os peixes o anzol dos versos
(Costa, 2011: 61)

A dolorosa solidão das ilhas e a toada, sempre presente, de uma saudade que chora na serenidade dos dias são outros importantes *leitmotiv* que atravessam esta obra. Mas a ilha não está enclausurada em si mesma nem o poeta aprisionado na ilha. Em Lição de Montaigne afirma, de forma assertiva:

Que sei? A utilidade de mim
em mim repousa.

Olho o tudo. E ninguém ouse
questionar o mais profundo
do que penso quero e faço.

A ilha que esboço (onde sempre renasço)
fica na redondez do mundo
infindo
onde me prefiguro e me recorto.

E se morrer que seja a morte
que me destino.
(Costa, 2011: 19)

Do mesmo modo, em Cantoria, o poeta revela-se livre como o cantador e os pássaros:

As rimas do cantador estreitam o mar
e expandem a ilha até à tensão da agonia
enquanto os doze bordões de arame do tocador
rasgam espessos horizontes mudos. (Costa, 2011: 23)

Também em Baía da Cré rema o tempo a solidão / numa penumbra de espuma (Costa, 2011: 65). Mas o poeta é lúcido e sabe que

De nada vale contar as ondas uma a uma.
Ninguém aqui é
porque ninguém aqui pode predicar a vida (Costa, 2011: 23).

E, então, para sair da penumbra, da agonia insular da solidão e da melancolia, deseja um T4/ em Nova Iorque/na Quinta Avenida, no centro da confusão e do movimento, para, finalmente, poder predicar a vida (Costa, 2011: 65). No entanto, o poeta também experimenta o prazer da tranquilidade e da paz da ilha quando se fecham as portadas do silêncio (Costa, 2011: 45).

Pode a ilha ser uma clepsidra fantástica em que tudo tem raiz na água, deter toda a luz e toda a majestade dos picos altaneiros, albergar cagarros protegidos nas suas mansões naturais, deslumbrar pela variedade exótica das cores, pelos contornos mais belos do seu corpo geográfico resultante das explosões vulcânicas, com albas que revelam após a chuva desta noite (Costa, 2011: 53) um verde que insulta de tão verde (Costa, 2011: 53) e que exulta de tão verde (Costa, 2011: 53). Pode a ilha ser o berço, a casa, o barco, o porto, a baía, a água e a terra, abrasada pelo fogo oculto, rica do imaginário ligado às aventuras marítimas, mas como tão claramente anuncia o poeta:

Não pode a ilha ser o limite:
há picos que violam as nuvens
há sóis que fecundam as chuvas
há ventos que nenhum deus domina.

E os sonhos que rasgam as portas do mar
são de uma gente altiva
que tira o fogo oculto da terra
para incendiar as entranhas da vida.
(Costa, 2011: 67)

Também os picos têm os seus cais que se rasgam para os oceanos pelo desejo e sonho do homem que quer partir e o poeta, que só o é porque é dono da sua liberdade, diz já ter escrito todos os versos deste mar (Costa, 2011: 47) em que os olhos dos peixes incendeiam as vagas (Costa, 2011: 57). Vamberto Freitas interroga-se sobre a possibilidade de *O Fogo Oculto* poder encerrar um ciclo de escrita pelo tom da sua linguagem, asseverando ter Vasco Pereira da Costa traçado já um cânone literário pessoal que espelha as andanças que mais o 'definem' (http://vambertofreitas.wordpress.com/2011/06/04/num-outro%E2%80%9Cregresso%E2%80%9D-a-casa/ e em http://www.lusofonias.net/estudos%20e%20cadernos%20a%E7orianos/index.htm).

Pensamos que esta opinião, com a qual concordamos, é sustentada pelos poemas Arte Poética (Costa, 2011: 9) e Fogo Oculto (Costa, 2011: 67). Parece-nos, contudo, que a devolução de múltiplas imagens e memórias dispersas, de que fala Freitas, assenta, essencialmente, em geografias que nos são pátrias. Atente-se nos versos seguintes que nos parecem iluminadores da presença de geografias que são pátrias ao sujeito poético:

Conheci princípios claros. Ideologias limpas
Hoje, com três quartos de caminho andado,
aguardo a vinda dos amigos. Varri o alpendre.
Junquei de alecrim o chão da casa. /
Aqueci o forno.
Cozi o pão. (Costa, 2011: 15). ~

Finalmente, o poeta, que se pensa a si próprio e nunca se abandona, revela:
Então alcanço do Pico o pico.
O oceano se abre. Suspenso
Assim do mundo das águas fito
lá em baixo mas perto de mim que me penso
(emigrado para a terra que cria segura e longa
partindo dum cais ao rés das ondas)
De mesquinhas mágoas de ilhéu. (Costa, 2011: 47)

Assim, a açorianidade, a insularidade, a hospitalidade, o vulcanismo, e outras particulares tão próprios da idiossincrasia do arquipélago atlântico, de onde são originários Vasco Pereira da Costa e Manuel Policarpo, permitem-nos associar o poeta e o pintor que, num exercício de completude, dialogam, entre si utilizando imagens e simbolismos que os correlacionam, expressando o poeta e o pintor inteiros na sua complexa construção de entidades criadoras.

Em ambos, sempre o consequente desejo de rasgar as portas do mar (Costa, 2011: 67). Marcados pelas memórias, o poeta e o pintor (o poeta/pintor), refletem sobre si próprio(s) e, tal como os outros ilhéus, deixam-se incendiar pelo fogo oculto da terra (Costa,

2011: 67), conscientes, na linha de Bernardo Soares, que *Tudo que se passa no onde vivemos é em nós que se passa.*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS DE VASCO PEREIRA DA COSTA

(1978) *Nas Escadas do Império*. Contos, Coimbra: *Centelha*.
(1979) *Amanhece a cidade*. Romance, Coimbra: *Centelha*.
(1980) *Venho cá mandado do Senhor Espírito Santo*. Memória, Lisboa: Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.
(1980) *Ilhíada*. Poemas, Coleção Gaivota, Angra do Heroísmo: SREC.
(1984) *Plantador de Palavras Vendedor de Lérias*. Contos, Coimbra: Edição Câmara Municipal de Coimbra.
(1987) *Memória Breve*. Contos. Nova Série, nº 1, Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura.
(1992) *Riscos de Marear*. Poesia, Ponta Delgada: Eurosigno.
(1994) *Sobre-Ripas Sobre-Rimas*. Poesia, Coimbra: Minerva.
(1997) *Terras.* Poesia, Porto: Campo das Letras – Editores.
(1999) *My Californian Friends.* Poesia, 1ª ed. Palimage, Gávea Brown, Viseu, 2000; 2ª ed. 2001; ed. bilingue, San Jose, CA, USA, 2009.
(2011) *O Fogo Oculto*. Poesia, Vila Nova de Gaia: Calendário de Letras.

OUTROS LIVROS

(1977) TORGA, Miguel, *Diário XII*. Coimbra: Edição de Autor.
(1982) PESSOA, Fernando, *Livro do Desassossego* por Bernardo Soares. Org. e pref. de Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática, volume II.

INTERNET: ARTIGOS E ENTREVISTAS

(2011) http://www.carminagaleria.com/artistas/policarpo.php, consulta a 11 de junho.
(2010) CHRYSTELLO, Helena e GIRÃO, Rosário (coordenadoras), Cadernos (e Suplementos) Estudos Açorianos, caderno e suplemento 4 Vasco Pereira da Costa, Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia. Disponível em http://www.lusofonias.net/estudos%20e%20cadernos%20a%E7orianos/index.htm, consulta em 24 de agosto de 2011.
(1980) FARIA, Duarte, Recensão crítica a *Nas Escadas do Império* e *Amanhece a Cidade*. Revista *Colóquio / Letras*, n.º 54, março, pp. 74-75.
(2011) FREITAS, Vamberto, *Num Outro Regresso a Casa*. Disponível em http://vambertofreitas.wordpress.com/2011/06/04/num-outro%E2%80%9Cregresso%E2%80%9D-a-casa / e em http://www.lusofonias.net/estudos%20e%20cadernos%20a%E7orianos/index.htm, consulta em 20 de agosto.
(2011) JCS, Vasco Pereira da Costa recebe título Honoris Causa em Letras da Universidade de São José, Lusa. Disponível em http://noticias.sapo.mz/lusa/artigo/12445072.html, consulta em 23 de agosto.
(2011) http://lusografias.wordpress.com/2010/07/11/vasco-pereira-da-costa-contador-de-historias, consulta em 11 de junho.
(2011)http://www.mycalifornianfriends.com/poet_translators.htm, consulta em 25 de agosto.
(2010) RTP, *Ilhas Conhecidas – de Vasco Pereira da Costa* (entrevista). Disponível em http://videos.sapo.pt/QlsskgZEtIZRSYuZ6zbS, consulta em 16 de julho.

6. ILYANA CHALAKOVA, UNIVERSIDADE DE SÓFIA ST. KLIMENT OHRIDSKI, 16º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, SANTA MARIA 2011,

EXPRESSÃO POÉTICA AÇORIANA DE VASCO PEREIRA DA COSTA. O PROJETO FOI IDEADO E ELABORADO PARA O **JORNAL LITERÁRIO** DE SÓFIA.

A comunicação tem por objetivo apresentar um projeto de tradução literária, especificamente debruçado sobre a expressão poética açoriana de Vasco Pereira da Costa. O projeto ideado e elaborado para o **Jornal Literário** de Sófia selecionou nove poesias da coletânea "Terras" do autor, dentre elas **Prima Terra**, **Ofélia** e **O Sétimo Dia**.

As nove poesias, tal qual as nove ilhas açorianas, se transpuseram para a língua búlgara pela mão da tradutora que tal qual verdadeiro viajante transpôs e se transpôs pelo imaginário mais próximo e mais distante. O espírito fervente não se contentou com a simples criação da versão e foi além: pensou e repensou as transferências culturais, juntou ingredientes comuns, trocou impressões numa tensão de tocar o universal, errou pela terra-mãe e disseminou-se em vivências, até resultar numa introdução para-tradutória que não pôde faltar à *suprema empresa*.

O texto que se lança aqui representa o fruto de uma breve reflexão sobre um processo tradupoético que não se separa da inspiração pessoal e da dádiva humana.

1. DA GÉNESE DUMA TERRA DO IMAGINÁRIO. INTRODUÇÃO

A maneira como surgiu este projeto pode ser definida como uma terra do encontro e caraterizada de instantânea. O primeiro foi um encontro real no espaço físico e a segunda – uma caraterística do que se dissolveu como café instantâneo pelo corpo em absorção rápida – combateu o sono da espera e estimulou a imaginação recetiva. O encontro macaense abraçou-se à impaciência moscovita da passagem, intermediado pelo objeto da oferta que neste caso usou o método do refrescamento para se entranhar. O pensamento de quem leu, sendo desprovido da habitual resistência da rapidez e totalmente entregue à mais subtil influência da lentidão, não se recusou e rendeu-se às grandezas de fantasiar o que poderia resultar daquela leitura. À medida que ia lendo, sorria, comprazia-se, escolhia, sublinhava, metia entre as linhas letras estranhas às feições românicas do texto. Até que cedeu ao cansaço. O despertar moveu as intenções para a elaboração frenética do plano de tradução poética. A escolha subjetiva da tradutora impacientou-se a contornar uma terra própria dentro das "Terras" que percorreu anteriormente.

Os contornos deixaram no meio do novo campo nove poesias – **Ofélia**, **Ios**, **Paros**, **Thera**, **O Sétimo Dia**, **Uma Escultura Innuit**, **Cosmogonia Cogui I**, com o abrir da **Prima Terra** e o fechar da **Terra Derradeira** a repetir a original conceção da coletânea. Como tanto o fluir da reflexão como o trabalho da tradução precisavam de se movimentar entre os pedaços que constituíam o novo terreno acrescentou-se o aparelho em voo – **Em Louvor do Boeing 737**. Após o processo de delineamento do novo espaço, constituído pelos textos, passou-se à transposição dos mesmos para o búlgaro que, além da transição de costume, implicou também uma construção poética adicional.

A combinação dos dois afinal levou ao desdobrar de uma elaboração poética de segundo grau: o grau da partida, impressionador, constante influenciador, sólido; o grau da ordem adicional – dado, jubiloso, principiante na grande tarefa que fantasiou e cujo terreno tão poucas vezes frequentou; neste decorrer dos acontecimentos não se tratou porém de um grau de partida e outro de chegada, formando os dois um eixo de entrelaçamento entre o texto de partida e o de chegada, tratou-se antes da criação de um círculo mais complexo entre uma expressão poética original e uma re-expressão poética imaginada, envoltos no pano de fundo de uma suposição de arquétipo poético correspondente à expressão de origem e capaz ser funcional em mais re-expressões imaginadas do que a presente: perceba-se aqui a introdução que acima chamámos de para-tradutória.

Tais planos de *delimitar, recriar e preparar o terreno* imaginado conheceram a presença material numa das edições setembristas do **Jornal Literário** de Sófia. Os confins orientais a que se estenderam estes versos açorianos abrigaram-nos numa página-postal que levou o devido selo e carimbo. Se chegou a tempo, de quem foram as mãos pelas quais passou, qual foi a receção que lhe foi dada, o futuro saberá responder. O que é certo por agora é que se falou na *terra* mas

2. QUAL TERRA?

Os artigos sobre o vocábulo "terra" nos dicionários da língua portuguesa são razoavelmente compridos e perpassam sentidos a começar com "planeta", passar por "solo" e chegar a "localidade" e "pátria"; o problema da definição sobrecarrega-se ainda mais se formos juntar "o continente" da "terra firme" ou "a vida eterna" da "terra da verdade". O que sem dúvida envolve numa relação estreita os mais variados nuances dos sentidos é a presença da noção da fronteira: existe uma linha a delimitar o planeta do resto do Sistema Solar, o solo das outras camadas, a localidade da vastidão erma a rodeá-la, o continente dos oceanos, a infinidade da eternidade da vida finita. A fronteira põe uma linha divisória entre contextos de traços semelhantes mas possuidores de pormenores cuja importância estabelece a impossibilidade do relacionamento baseado no princípio da igualdade. O ímpeto pela diferenciação revela ter valor divisório e opera a segmentação da terra universal em terras segregadas.

No caso concreto das leituras búlgaras e da versão nesta língua eslava das **Terras** de Vasco Pereira da Costa apresentava-se uma complexidade extrema de perceção da noção da terra e da sua segmentação: haveria uma terra de origem e se sim, possível ou não a sua nomeação? onde é que cabia o conjunto das terras lançadas na coletânea – abrigava-se no seio duma mãe superior ou insistia na sua maioridade de idade, demonstrando existência autónoma, apesar de gravitar à volta das feições do parentesco? de que maneira se operava a viagem de uma terra para outra, ou seja como se passavam as fronteiras entre as terras – encadeavam-se viagens uma após outra sempre a sair do mesmo ponto de partida ou seguia-se um caminho progressivo? tinha a viagem um fim ou representava um girar vertiginoso por uma circunferência que tendia sempre a relembrar a sua relação com o centro por meio do raio? como é que se reduplicava a viagem na tradução, qual a imagem que o segundo grau da *terra poética* demonstrava e atingia a versão a mesma recetividade por parte de quem não tinha a *relação do raio* com o centro?

2.1. DE ONDE VEM? COMO É A SUA TERRA?

São duas perguntas que qualquer aluno num curso inicial de língua estrangeira é instigado a exercitar ou duas curiosidades que qualquer viajante a uma terra estrangeira é quase obrigado a satisfazer em relação à que pertence de origem. A questão da pertença quanto à pergunta donde vinha[4] a produção literária de Vasco Pereira da Costa e como era esse terreno de criatividade constituía a principal dificuldade logo no princípio da tal introdução para-tradutória de que se falou um bocado acima.

O nome das Ilhas dos Açores, só por si, apresentava a mais exótica sonoridade para o ouvido búlgaro – a noção que fazia surgir na mente falava de alguma terra fragmentada no meio dum oceano, mais próximo do Continente Europeu: tudo isto se a ignorância, ou melhor, o distanciamento (em todos os sentidos: físico, político e cultural) não confundisse aquela "beleza inquestionável" (apesar de ignorada!) com outros *bocados* visíveis acima de outras superfície de outros mares; e na melhor das hipóteses a imagem açoriana coincidia com uma noção de pertença ao complexo conjunto da instituição política, social e cultural portuguesa. Neste sentido vinha a primeira dúvida: qual era a terra de que vinha o presente projeto de tradução poética? – tratava-se de uma originalidade açoriana ou portuguesa? em que se iria falar: em literatura açoriana ou em literatura portuguesa, ou em literatura açoriana no seio da literatura portuguesa? No fundo da hesitação que se avolumava a única certeza de que se dispunha era a convicção de que o simples conceito da nacionalidade e ainda menos o da regionalidade não resolvia de maneira alguma o problema.

Passou-se à reflexão sobre o que foi feito até à data presente: a verdade é que nunca se falou nas páginas do **Jornal Literário** de Sófia em literatura portuguesa, dentre os artigos de interpretação literária, as traduções de autores e respetivas introduções de obras e vidas deles; falou-se em nomes, não simplesmente portugueses mas lusófonos[5] – apresentaram-se vozes lusófonas, entre as quais poderíamos enumerar aqui Herberto

[4] Preferiu-se aqui o verbo simples em vez dos derivados "provir" ou "advir" pela hesitação entre o significado do influenciado do passado ou influenciador do futuro!

[5] A própria explicação do conceito da lusofonia, para o público geral na Bulgária e claro está, para aquele não especialista em ciências humanas, representava outro desafio – tinha de se recorrer, quase sempre, ao paralelismo com a francofonia, introduzindo a especificidade, no primeiro caso, da língua portuguesa e a sua expansão geográfica.

Hélder, Lídia Jorge, José Eduardo Agualusa, Luísa Costa Gomes, Inês Pedrosa, Paulina Chiziane, Jacinto Lucas Pires, Paula Tavares, José Luís Peixoto, Rui Zink; quase nunca se identificaram nacionalidades, pelo contrário, criaram-se expetativas de texturas literárias que simplesmente partilhavam o arquétipo da terra-língua – usavam o mesmo fio de tecer mas teciam de forma diferente, nisso contava-se com a sensibilidade de quem lia distinguir, estabelecer dentro de si mesmo, as diferenças.

Nunca se pensou que mais cedo ou mais tarde viria o momento em que tinham de se dar os primeiros toques no quadro que seria a imagem, incerta claro, mas identificável na hora de rebuscar as leituras antigas, abstrair-se do texto concreto e edificar um comentário geral. Melhor, nunca se pensou que o princípio nacional ou regional na literatura fizesse sentido numa iniciativa de promoção de tão modesto tamanho e caráter voluntário.

A iniciativa sempre partiu do princípio que Julia Kristeva (2004) defendeu em relação à suposta coletividade feminina, ou seja, o génio não tem sexo nem género e assim sendo, não teria também nacionalidade. O próprio percurso franco-búlgaro dela confirmava a existência de um génio extranacional que não se deixava prender pelas origens nem pelos novos destinos e se desdobrava para um influenciar global. Semelhantes pensamentos porém, apesar de serem enraizados na profundidade de quem mais abertamente os partilhava, distanciavam ainda mais a mente da tarefa do enquadramento do projeto: tinha de se falar em literatura, tinha de se falar em literatura portuguesa e tinha de se falar em literatura açoriana.

A decisão tinha sido tomada: desta vez aflorar-se-ia o nacional e o regional, e esboçar-se-ia um quadro geral. Na balança tinha pesado a força do exótico que a simples palavra "açorianidade" exerceria na imaginação do leitor búlgaro por causa da mais completa convicção na "força sedutora" dos processos de titularização, assim como a define nas suas conceções Kleo Protohristova (2003).

No seu prefácio à **Nove Rumores do Mar. Antologia de poesia açoriana contemporânea** Vamberto Freitas escreve:

> "*Se a literatura é também o reflexo principal da territorialidade e história de um povo, a literatura açoriana, como componente integrante da literatura portuguesa, é indiscutivelmente marcada por coordenadas temáticas muito próprias, a sua estética, do mesmo modo, tem sido moldada por essa peculiar geografia de fronteira marítima entre a Europa e as Américas, por uma condição simultaneamente desse isolamento e do sentimento de pertença ao restante país e aos mundos de miragens no outro lado do mar*." (Freitas 2000: 15)

Nas imaginações do leitor por fora da área da pertença a perspetiva da geografia linguística realmente dispõe a literatura açoriana no campo da literatura portuguesa mas não se poderia negar que a geografia da mais simples localização física isola e limita (felizmente não em termos criativos) a produção literária das noves ilhas atlânticas. O isolamento, que nutre a diferenciação criativa, nunca perde a oportunidade de lançar à mesa a questão sobre a literatura açoriana e o seu lugar extracanônico dentro da literatura portuguesa.

As forças centrífugas e centrípetas da criatividade açoriana em relação ao Portugal continental são admiráveis e encontram-se em perfeita sintonia com as novas caraterísticas de um "país cada vez menos (e ainda bem) homogéneo" (Freitas 2000: 13). A força centrípeta tem na mira o último, isto é, a polifonia das comunidades de criadores que culturalmente têm posturas anti-essencialistas. A força centrífuga, por sua vez, esforça-se por perder o laço com a complexa imagem, ainda em vigor, da produção literária nacional, muitas vezes carregada de subtis conceções colonialistas no seio da cultura que compreende mas teima em continuar a negar a textura polivocal do seu volume. Por isto tudo, percebe-se o porquê da definição de "epopeia" que Freitas dá a todas as iniciativas quanto à literatura açoriana. Certa epopeia foi também a publicação das poesias de Vasco Pereira da Costa na Bulgária. A "terra", fragmentada e fluida pelo meio do Atlântico, desta vez tinha escolhido o sentido oposto às tradicionalmente esperadas Américas e vinha ao canto mais oriental do continente europeu apresentar uma das suas vozes. E essa sim, precisava de introdução perante as expetativas do leitor distante.

2.2. ILHÉU

Além da relatividade do tempo e das fronteiras geográficas a oscilar, a temática açoriana é dita existencialista e centrada sobre a vida na ilha. De acordo com Eduardo Bettencourt Pinto, organizador da antologia acima referida, na ilha pode-se nascer de duas maneiras: "do corpo duma mulher ou pelo fulgor da sensibilidade" (Pinto 2000: 159). Para Vasco Pereira da Costa são válidas as duas: a primeira um pouco antes da metade do século passado e a segunda – desde sempre. A sua formação filológica como se o instigasse pelo caminho da criação literária. A este ponto no jornal vinha uma breve referência às conquistas, mais próximas e mais distantes, da sua expressividade, tanto criativa como pedagógica e afinal iluminadora. O presente texto prescinde de tal informação visto que os seus leitores saberão tudo e mais relativamente à questão.

Mesmo assim, mereceu ter sido feita esta menção da origem de ilhéu que deixou a marca dos fenómenos naturais a amontoar-se em paisagens cuja força metafórica recriava o universo interior do poeta; os lugares das imagens naturais a transformar-se em personagens verdadeiras. Mas quais lugares e cujas personagens? O que se confirma é a ideia da ilha na imaginação açoriana como invariável ponto de partida e de chegada. Freitas faz a recensão da última coletânea, **Fogo Oculto**, de Pereira da Costa do passado junho com a única palavra "regresso" – o mover-se de fora para (dentro?) a ilha (Freitas 2011: 15). O "regresso" porém advém da viagem na busca de outros mundos (sem fundos) e pessoas, errância por entre as "miragens no outro lado do mar". Foi precisamente uma viagem à qual se convidou o leitor búlgaro.

3. PERCORRER E IMAGINAR

Chegar e partir – a falta de fixação na vivência da emoção em Pereira da Costa serve-se das alas do ímpeto *mecânico* da "aeronave" que se encontra em perfeita harmonia com a natureza da liberdade do voar por e do voar para. Em **Terra de Lídia**, como nos relembra Bettencourt Pinto, Maria Orrico *percebe* que "ninguém chega aos Açores mais do que uma vez. O primeiro passo nas ilhas é definitivo e irrevogável, marca-nos para o resto da vida o corpo em viagem." (Pinto 2000: 9) A terra, mãe verdadeira ou madrasta cuidadosa para

os autores *do* arquipélago, é a sensação primária de perpétuo influir e diluir, falta de estática, personalidade multifacetada, presença que engana ter limites enquanto disfarça a real extensão infinita.

A marca da extensão, nomeada viagem, é a fibra na qual se enfiam as trinta e quatro poesias da coletânea **Terras** – expressão da pluricontinentalidade, mas com mundividência e simbolismo assinalavelmente atlânticos. O existencialismo açoriano, em que se falou antes, apoia-se nas sete terras e duas terras-mães escolhidas para a tradução, nas palavras "ilha", "mar", "terra". A lição a tirar do destino e das andanças do ilhéu esconder-se-á na tentativa de passar a compreender a limitação quantitativa do "menos" como vontade qualitativa de se avolumar e desdobrar em "mais".

A extensão que se opera durante o dito desdobramento invariavelmente toca o Outro. A vontade de se captar a presença do Outro que povoa *as terras no outro lado* em Vasco Pereira da Costa apoia-se em profundas referências culturais que facilitam a passagem pelos lados búlgaros, que fazem possível o encontro do leitor forasteiro com a sensibilidade açoriana. O interiormente vivido pelo ilhéu ao enfrentar o Outro é servido com sabor a peregrinação a um Outro de segunda ordem.

A este paladar não lhe falta o comum do repensar a Criação – uma reflexão pacata, compreensiva da imperfeição e sabedora das múltiplas combinações que derivam do ato criativo e que fazem a vivência quotidiana multifacetada e *grande*. Semelhantes pontos comuns aliciam o leitor de fora a percorrer mundividências alheias, sentir por meio da palavra emoções distantes, refletir o global e esquecer pelo menos por instantes as inclinações para o heterogéneo. O ato a percorrer a que se vê convidado o leitor búlgaro implicará sem falta o instrumento da imaginação e a este ponto o que fará sentido nos tempos a seguir da publicação será a análise da receção literária em vez da tradicional análise da produção literária. Por agora porém, nos dias que precedem a saída do número cujas páginas acariciarão o cheiro açoriano duma Terra já arquetípica, ficará a dúvida perante a impossível distinção de mar e terra, perante a sua união num só, numa mãe no horizonte que antes de tudo se sente, inclusive por quem a imagina a um segundo grau – o da receção búlgara.

Agitação perante a iminência da viagem veemente.
Num Boeing por nove terras.
Leitura dócil…
Imaginação em alerta emotiva
Sobre a Terra.

Nota final: Lamenta-se aqui a impossibilidade de apresentar a cópia digital da edição do **Jornal Literário** a incluir a tradução da seleção das **Terras** de Vasco Pereira da Costa, que foi a intenção inicial desta publicação. Pede-se desculpa pela (se calhar exagerada) carga emotiva das modestas linhas acima que saíram pelos dedos de quem no e em princípio intentou somente traduzir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. Bettencourt Pinto, Eduardo (org.) (2000) *Nove Rumores do Mar. Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea*, Lisboa: Instituto Camões.
2. Freitas, Vamberto (2000), "Prefácio" a Bettencourt Pinto, Eduardo (org.), *Nove Rumores do Mar. Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea*, Lisboa: Instituto Camões.
3. --- (2011), "Num Outro 'Regresso' a Casa" in *Açoriano Oriental*, 20 de maio de 2011, 15.
4. Kristeva, Julia (2004) "Is There a Feminine Genius?" in *Critical Inquiry* 30 (Spring).
5. Протохристова, Клео (2003) *Западно-европейска литература. Съпоставителни наблюдения, тезиси, идеи*, Пловдив: Летера.

7. VASCO PEREIRA DA COSTA 16º COLÓQUIO DA LUSOFONIA SANTA MARIA 2011

TEMA: 1.1. GÉNESE DE DOIS POEMAS SOBRE SANTA MARIA – CRISTÓVÃO COLOMBO EM SANTA MARIA (RISCOS DE MAREAR) E BAÍA DA CRÉ (O FOGO OCULTO).

Quando eu era puto, Santa Maria era apenas radiofónica e muitas vezes roufenha. Com efeito, o Clube Asas do Atlântico competia com o Rádio Clube de Angra nas zarzuelas, nos fados da Maria Pereira oferecidos pelas tintas Robbialac, no piano de Liberace, nas canções de Alberto Ribeiro, Luis Alberto del Paraná, Xavier Cugat, Maria de Lurdes Resende, Amália Rodrigues.

Havia senhores ouvintes como vocativo, prazer em apresentar, etiqueta, boas maneiras, respeito, contenção. Os noticiários em diferido da Emissora Nacional asseguravam que os sinos da Velha Goa e as bombardas de Diu serão sempre Portugueses; e que Angola é nossa. José Augusto com voz sacana e aflautada falava de Parichhhhh e Milton Moniz a partir de Washington, zurzia os que não respeitavam a civilização ocidental e cristã como Salazar prescrevia. Toda a gente ficava ciente de que a verdade era só uma e Rádio Moscovo não falava a verdade.

De Santa Maria se sabia que tinha um aeroporto muuuuuuuuuuuuuuuuuito graaaaaaaaaaaaande, quase do tamanho do das Lajes e que os emigrantes iam lá apanhar aviões para a América e para o Canadá. Só pisei Santa Maria em 1967, no meu batismo de voo, a bordo de uma bisarma da Canadian Pacific, a caminho das minhas primeiras férias em Angra, após a minha caloirice em Coimbra.

Porém, quem chegava não tinha a certeza de conseguir ligação nem ao aerovacas nem às Lajes: havia um homem baixinho, de bigodinho, gordinho, constantemente a puxar o cinto das calças para o umbiguinho, que usava o seu poder discricionário para lotar a aviões da SATA que faziam a ligação às outras duas ilhas – São Miguel e Terceira.

Claro que foram preferidos para os voos desse dia senhores coriscos, uns doutores rabos tortos e uns poucos filhos de famílias consagradas. O filho do Manuel da Lusa só embarcaria no dia seguinte. Foi parar a um conjunto de edifícios prefabricados, do tempo da permanência dos americanos na ilha. Então, já não alojava militares: era ***o*** hotel, no mês de julho, calor e humidade dos trópicos, desconforto de caserna, ambiente de quartel, preços de 5 estrelas.

Ao outro dia, trepei a um De Havilland DH-104 Dove com capacidade para oito passageiros, pesados como a bagagem por questões de ordem técnica sob o olhar vigilante do meia-leca corisco que mais parecia um sargento do exército a comandar soldadesca.

Assomava de novo, salazarmente, a ilha primeira nestes pequenos gestos do refrão vicentino: *se quiseres conhecer o vilão / mete-lhe o chicote na mão*. Na fila direita, a meu lado, nervosa e arfante, sentava-se uma matrona americana que, antes dos motores ligados, disse ter dúvidas de que chegasse a abraçar o filho na base das Lajes. Pouco depois, aterrávamos num cerrado que dava pelo pomposo nome de Aeroporto da Nordela, comummente designado por aerovacas. E, de facto, os passageiros foram saudados pelos mugidos de meia dúzia de reses dos Países Baixos, a preto e branco. Finalmente a Terceira. E as férias.

Muitos anos depois, voltei a Santa Maria e, pela vez primeira, senti o que era um território exíguo no meio do Atlântico vasto no cimo do Pico Alto. De lá, em rotação, os olhos alcançavam todo o espaço de terra firme: foi-me revelado um destino de mar e um impulso de fuga para a nossa gente, porque ali o estrangulamento impõe-se ao olhar e a respiração arfa aflita.

Aquele pedaço estrangulado pelo mar parece, no seu miolo, um Alentejo tropical, com as suas casas brancas e dispersas, apontando ao céu chaminés caprichosas. Tudo num verde imprevisto, como se o cantochão alentejano passasse a ser comandado por um percussionista de jazz num solo de inspiração salgada. O encanto da paisagem reside, também, nas costas abruptas, descendo em manta retalhada até aos areais: mirando a costa da Praia Formosa, já lembra uma fatia dos socalcos durienses que escolheram o mar para acidular seus vinhos.

Vila do Porto, principal povoado da ilha e primeiro dos Açores, é uma longa rua direita ao mar e a sua peculiaridade fez com que obtivesse a classificação de espaço arquitetónico a preservar. Porém, os marienses não entenderam que o património construído requer a vida, o sopro, a batida dos viventes. As gentes da vila deslocaram-se para a periferia e a zona velha foi-se despovoando, degradando, arruinando. Nos últimos anos, fez-se um esforço para contrariar esta disforia urbana, este ambiente bisonho, esta atmosfera letárgica – porque, paradoxalmente, os incentivos governamentais – generosos – não foram capazes de atrair os proprietários para a defesa e valorização do que herdaram.

Santa Maria deu aos Açores e à cultura portuguesa uma plêiade intelectual nas mais diversas áreas do conhecimento e das expressões: Joana Gago da Câmara, médica psiquiatra, é reconhecida pelos colegas como uma das mais brilhantes alunas do seu curso, Madalena Férin será, depois de Natália Correia, a mais ousada e criativa voz feminina na poesia de naturais dos Açores; José Nuno da Câmara Pereira é, sem dúvida, depois de António Dacosta, o mais inovador e consequente artista plástico do arquipélago; Manuel Monteiro Velho Arruda é um precursor dos estudos da história insular…E deixo a poesia do Padre Serafim, que é da Ouvidoria do Daniel de Sá…

Mas Santa Maria tem, também, as encantatórias cantigas populares coligidas por Artur Santos nos anos cinquenta – O Rema, Sol Baixo, A Moda do Balão. E tem a magia do cantochão dos seus foliões, surgidos do fundo dos tempos do povoamento. Tudo isto é muito de genuinidade e de afirmação identitária.

O comendador do Almourol, povoador primeiro, de quando em vez é chamado em contexto oratório e oficial, para oficializar a ilha primeira – mas Santa Maria, no dia a dia, vê passar aviões e regista satélites longínquos. Colombo. que casualmente terá rasgado os cascos das embarcações no regresso À Europa, é avistado uma vez por outra na Baía dos Anjos, sobretudo naufragando em discursatas oficiais e patrioteiras. Contudo, isto de que vos falo, poderá ser prosaico.

É, decerto, prosa de soixante-huitard vencidista. Contudo serve de pressuposto para a consecução poética de que prometi falar-vos.

Quando, em 1978, publiquei a Ilhíada, pretendi, homericamente (oh presunção!) estabelecer uma rota dos Açores através de personagens históricas, reais e míticas. Do que tenho lido e ouvido sobre esse primeiro livro de poesia, cada vez me convenço mais de que o melhor dele é o título. Tanto assim foi, que resolvi prosseguir com Riscos de Marear (1992). E recorri à fortuita escala de Colombo em Santa Maria para esboçar uma noção de arquipélago que se foi descobrindo, povoando e encontrando o seu possível todo feito de nove partes – como Colombo, chegando à América, não descobriu a Índia, mas ajudou a esculpir a defeituosa esfera do planeta: o real é a certeza mas o sonho pode também redundar em realidade.

CRISTÓVÃO COLOMBO EM SANTA MARIA

A ilha ao lado é o mundo
a mais próxima certeza
de que para além da última
rocha do cabo
ao fundo
o mar conduz ao outro lado
da ilha ao lado

E de lá o mundo
outra ilha ou outro mar ainda
longe mas certo
e tão perto
da terra infinda

Muitos anos depois, ao tentar descobrir a toponímia de Santa Maria, deparou-se-me esse nome sugestivo de Baía da Cré isolada no insulamento da ilha: era a cal de que precisava para pintar entre os azuis do mar, os verdes dos campos, os castanhos tristes das terras. Brinquei: foi na Baía da Cré que o Colombo perdeu as âncoras e o Judas perdeu as botas. Porém, certo dia, numa outra ilha, pequenina, bela e pouco povoada, um amável cicerone levou-me a conhecê-la. Parou numa estreita enseada que entrava pela terra dentro, estrangulada entre duas ravinas onde a custo se intersetavam uns socalcos minguados com dois casinhotos acomodados entre canas e incensos rasteiros.

A maresia abria-me as narinas e confundia os aromas do funcho e da nêveda. Então, observando o meu comprazimento naquele instante, o atencioso guia exclamou:

- Do que eu gostaria, mesmo, era um dia ter uma casinha daquelas para fugir do stress da vila!

Foi então que nasceu o poema Baía da Cré que asseguro não tem correspondência à baía mariense – mas, que querem, as palavras seduzem, e para mim cré é um atraente vocábulo:

BAÍA DA CRÉ

Na baía da Cré
rema o tempo a solidão
numa penumbra de espuma.

De nada vale contar as ondas uma a uma.
Ninguém aqui é
porque ninguém aqui pode predicar a vida.

E, então,
só quero um T4
em Nova Iorque
na Quinta Avenida.

Coimbra, 26 de agosto de 2011
ou à EU 2011-08-26

VASCO PEREIRA DA COSTA

8. CHRYS CHRYSTELLO, PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA 13º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, BRASIL 2010

A MUNDIVIDÊNCIA DA AÇORIANIDADE EM AUTORES CONTEMPORÂNEOS

0 INTRODUÇÃO

Literatura de significação açoriana, escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caraterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem.

Grandes vultos das letras e das artes nasceram nos Açores como Gaspar Frutuoso, o conde de Ávila, Manuel de Arriaga, Antero de Quental, Teófilo Braga, Roberto Ivens, Tomás Borba, Francisco de Lacerda, Canto da Maya, Domingos Rebelo, Vitorino Nemésio, António Dacosta, Carlos Wallenstein, Victor Câmara e Carlos Carreiro. Dos autores contemporâneos de que falarei aqui, selecionei alguns daqueles por quem nutro mais apreciação: Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Dias de Melo e Vasco Pereira da Costa.

1. LITERATURA AÇORIANA

A ilha para **Natália Correia** é Mãe-Ilha, para **Cristóvão de Aguiar**, Marilha, para **Daniel de Sá,** Ilha-Mãe, para **Vasco Pereira da Costa**, Ilha Menina, para mim nem mãe, nem madrasta, nem Marília nem menina, mas Ilha-Filha, que nunca enteada. Para amar sem tocar, ver engrandecer nas dores da adolescência que são sempre partos difíceis. Toda a vida fui ilhéu e tendo perdido sotaques não malbaratei as ilhas-filhas. Trago-as comigo a reboque, colar multifacetado de vivências dos mundos e culturas distantes. Primeiro em Portugal, essa ilhota perdida da Europa durante o Estado Novo, seguidamente em mais um capítulo naufragado da História Trágico-marítima nas ilhas de Timor e de Bali, seguido da então (pen) ínsula de Macau (fechada da China pelas Portas do Cerco), da imensa ilha-continente denominada Austrália, e nessa ilhoa esquecida de Bragança no nordeste transmontano, antes de arribar a esta Atlântida Açores.

Com o tempo constatei o quase total desconhecimento do arquipélago para além do micaelense sotaque "de uma falsa sonoridade afrancesada" tão difícil de entender na ponta mais ocidental do antigo Império Português. Cumes de montanhas submersas que assomam, a intervalos, aqui no meio do Grande Mar Oceano onde se mantêm gentes orgulhosas e ciosas das suas tradições e costumes, em torno duma família nuclear dizimada pelo chamado progresso. Os políticos ocupados na sua sobrevivência sempre se olvidaram da presença mágica destas ilhas de reduzidas proporções e populações. Graças a esse deprimente meio de comunicação unilateral chamado telenovela, gente houve que aprendeu mal algo sobre este mundo à parte, quiçá ainda por descobrir. Como se fosse uma espécie de triângulo das Bermudas, onde tudo o que é relevante desaparece dos telejornais. Já era assim durante o Estado Novo e pouco mudou quanto à visibilidade real destas ínsulas, apenas evocadas pelas catástrofes naturais e pelo anticiclone do bom ou mau tempo.

Grandes vultos nasceram nos Açores, como ***Gaspar Frutuoso*** *(1522-1591 historiador); o* ***conde de Ávila****, marquês e duque de Bolama;* ***Manuel de Arriaga*** *(1840-1917),* ***Antero de Quental*** *(1842 -1891 filósofo e poeta);* ***Teófilo Braga*** *(1843 -1924 escritor e presidente da República);* ***Roberto Ivens*** *(1850-1898);* ***Tomás Borba*** (1867-1950, mestre de quase todos os melhores compositores portugueses do século XX); ***Francisco de Lacerda*** (1869-1934, musicólogo, compositor e maestro); ***Canto da Maya*** *(1890 -1981 escultor);* ***Domingos Rebelo*** *(1891-1975 pintor);* ***Vitorino Nemésio*** *(1901-1978 escritor) e* ***António Dacosta*** *(1914 -1990 pintor)* para mencionar apenas alguns. Acolho como premissa o conceito de açorianidade formulado por **José Martins Garcia** que, «*por envolver domínios muito mais vastos que o da simples literatura»,* admite a existência de uma literatura açoriana *«enquanto superstrutura emanada dum habitat, duma vivência e duma*

mundividência»[6]. O polémico debate académico em torno da expressão *«literatura açoriana»* criou entre os autores que se reuniam nos anos 80, amizades, inimizades, afinidades intelectuais e intertextualidades. Em "Constantes da insularidade numa definição de literatura açoriana", **J. Almeida Pavão** (1988) afirma

> "*...sobre a existência de uma Literatura Açoriana...assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Literatura Portuguesa Continental. No polo positivo de um extremo, enquadrar-se-ia a posição de* ***Borges Garcia*** *e no outro extremo situar-se-ia o polo, naturalmente contestatário, formado por* ***Gaspar Simões*** *e* ***Cristóvão Aguiar****. Isto, sem falarmos de outros tantos depoimentos, tais sejam os de* ***Pedro da Silveira, Ruy Galvão de Carvalho, Eduíno de Jesus, Carlos Faria, Ruy Guilherme de Morais, João de Melo*** *e outros mais, quase todos estes compendiados e mais ou menos discutidos na obra* ***A Questão da Literatura Açoriana****, de* ***Onésimo Teotónio de Almeida****, que passou a tornar-se órgão indispensável de consulta para quem de novo se proponha abordar o problema. Literatura Açoriana sê-lo-ia, na sua vertente política, sem qualquer contradita, se porventura os Açores se tornassem num território ou numa nação independente. E, aí, haveria que inscrevê-la dentro de novas premissas*."

Onésimo de Almeida escreveu dois livros e coordenou outro sobre o tema: A "Questão da Literatura Açoriana" (1983), "Da Literatura Açoriana – Subsídios para Um Balanço" (1986) e "Açores, Açorianos, Açorianidade" (1989). Nesses anos, falava-se em artesanato, folclore e cultura açoriana, mas nada era mais embaraçoso do que falar em literatura açoriana. O problema colocou-se por razões políticas. Em 1975, Vitorino Nemésio deixara-se utilizar pela Frente de Libertação dos Açores (FLA), movimento independentista hoje extinto, como candidato a Presidente da futura República. Contra a vontade da maioria, os separatistas insistiram em usar a literatura como um dos sinais da identidade nacional. Citando J. Almeida Pavão (1988)

> *"...de* ***Onésimo de Almeida****, diríamos que o seu critério, assente na idiossincrasia do homem das Ilhas, nelas nado e criado, nos levanta uma dificuldade: a de englobarmos no mesmo conteúdo da Literatura Açoriana os autores estranhos que porventura as habitaram, já na idade adulta, como o* ***Almeida Firmino*** *de* ***Narcose*** *ou as visitaram, descortinando as suas peculiaridades pelo impacto de estruturas temperamentais forjadas em ambientes diversos, como é o já citado caso de Raul Brandão de "As Ilhas Desconhecidas". Entendemos, pois, que deverão ser abrangidos num rótulo comum de* ***insularidade*** *e* ***açorianidade*** *três extratos diversos de idiossincrasias:*
>
> *— Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*
>
> *— O dos insularizados ou «ilhanizados», adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do já referido poeta Almeida Firmino;*
>
> *— E ainda o dos estranhos, como o também já mencionado Raul Brandão e este autor."*

[6] http://lusofonia.com.sapo.pt/acores/acorianidade_pavao_1988.htm#_ftn11#_ftn11

Muito antes do Onésimo, **Eduíno Borges Garcia** escreveu uma série de artigos sobre literatura açoriana, publicados no semanário "A Ilha" e depois reunidos em opúsculo, no qual, e ao contrário de outros teóricos, não utilizava a expressão como sendo separada do contexto nacional. Apenas aconselhava os escritores açorianos a incluírem nos seus escritos a vida concreta do povo. Queria que a literatura escrita nos açores tendesse para o neorrealismo, que refletisse a sociedade real. Hoje, é questão aceite e arrumada para a maioria enquanto se não define teoricamente a terminologia. No último Encontro Açoriano da Lusofonia, abril 2009, o escritor **Cristóvão de Aguiar** rejeitou o rótulo de literatura açoriana, por considerar que faz parte da produção literária lusófona. «O título (literatura açoriana) é equívoco, porque pode parecer que é uma literatura separada da literatura portuguesa», afirmou à agência Lusa o escritor.

Machado Pires sugeriu em tempos *"literatura de significação açoriana",* discursando sobre esse fenómeno descontínuo porque não há uma evolução, uma linha histórica progressivamente afirmada havendo *"Autores açorianos que estando fora dos Açores, deles se ocupam sistematicamente de modo direto e indireto" (p. 57).* "Por isso, preferimos usar a expressão de literatura de significação açoriana quando queremos acentuar a existência de uma literatura ligada à peculiaridade açoriana por acharmos demasiado genérica, ambígua e incaraterizante a designação de 'açoriana'.*"* (p. 59 – "Para um conceito de literatura açoriana" in Raul Brandão e Vitorino Nemésio. Ensaios. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, col. "Temas Portugueses", 1987). Outros preferem o termo "matriz açoriana". Há vários tipos de autores, os açorianos residentes no seio do arquipélago, os emigrados, os descendentes, e os estrangeiros que escrevem sobre os Açores (em português ou não). Falta destrinçar quais são os que se podem incluir nessa designação açórica.

> *«É, pelo menos, um ramo único no contexto da literatura portuguesa»* acrescenta **Eduardo Bettencourt Pinto**, um angolano, «escritor açoriano» por escolha própria. **Pedro da Silveira** (Flores 1922-2003) autor de A Ilha e o Mundo (1953) foi perentório:
>
> *«Já deixei notado que o separatismo (entendido como corrente que preconizava a independência total dos Açores) não produziu nenhuma doutrina normativa da literatura, isto é, sobre o que* deveria ser a *literatura açoriana.» (Silveira, 1977: 11). O que custava era aceitar que os escritores açorianos estivessem a desenvolver uma escrita que se diferenciava da de outros autores de Língua portuguesa. É que, nessa escrita, eram visíveis as especificidades que identificavam o açoriano como* ser *moldado por elementos atmosféricos e sociológicos diferentes, adaptado a vivências e comportamentos que, ao longo dos séculos, foi assimilando, pois, viver numa ilha implica(va) uma outra noção de mundividência. A esta realidade continuam atentos os escritores das ilhas e é inegável a importância do seu contributo para o conhecimento da sociologia da literatura açoriana. A literatura açoriana não precisa de que se aduzam argumentos a favor da sua existência. Precisa de sair do gueto que lhe tem sido a sina* ("Açores", Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e Teoria Literária, coordenado por João José Cochofel Iniciativas Editoriais 1977)».

Lentamente, os escritores foram encontrando o seu espaço, não havendo míngua de qualidade nem quantidade, mas, na maior parte dos casos sem projeção além das ilhas,

com exceções contemporâneas como as de **João de Melo, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá e Dias de Melo,** para citar apenas alguns. Nos Colóquios da Lusofonia, na sua versão insular desde 2006 dos Encontros Açorianos, o ponto de partida foi o debate sobre a identidade açoriana, a escrita, as lendas e tradições, numa perspetiva da LUSOFONIA com todas as diversidades culturais que, com a nossa podem coabitar. Deste intercâmbio de experiências entre residentes, expatriados e todos aqueles que dedicam a sua pesquisa e investigação à literatura, à linguística, à história dos Açores ou outro ramo de conhecimento científico, *podemos aspirar a tornar mais conhecida a identidade lusófona açoriana.* Aspira-se a contribuir para o levantamento de fatores exógenos e endógenos que permeiam essa açorianidade lusófona e criativamente questionar a influência que os fatores da insularidade e do isolamento tiveram na preservação do caráter açoriano. A meritória ação de várias entidades nas últimas décadas tem proporcionado um estreitamento entre açorianos, expatriados e descendentes duma forma fechada e limitada, quase conversas em família. Os Colóquios pretendem ir mais além, e levar os Açores ao mundo, em especial aos que não têm vínculos familiares nem conhecimento desta realidade. Independentemente da Açorianidade, mas por via dela, pretende-se que mais lusofalantes e lusófilos fiquem a conhecer a realidade insular e as suas peculiaridades.

2. À DESCOBERTA DOS AUTORES

2.1. AS PRIMEIRAS LETRAS TRADUZIDAS

Era imperioso que alguém lesse os autores de origem literária açoriana, lhes insuflasse nova vida e os trouxesse à mais que merecida ribalta. Coube-me o privilégio de aprender idiossincrasias insulares ao traduzir autores como **Daniel de Sá** e **Victor Rui Dores**. Deparei com noções etimologicamente ancestrais contrastando com o uso que se lhes apõe na maioria dos dicionários. No Dicionário do Morais vêm todos os termos "chamados" açorianos. A língua recuada até às origens e adulterada pelo emigrês que trouxe corruptelas aportuguesadas e anglicismos.

Trata-se de desvendar o arquipélago como alegoria recuando à infância dos autores, sem perder de vista que as ilhas reais já se desfraldaram ao enguiço do presente e não podem ser só perpetuadas nas suas memórias. Nesta geografia idílica não busquei a essência do ser açoriano. Existirá, decerto, em miríade de variações, cada uma vincadamente segregada da outra. Também não cuidei de saber se o homem se adaptou às ilhas ou se estas condicionam a presença humana, para assim evidenciar a sua especificidade ou açorianidade. Antes quis apreender as suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caraterizavam face aos antepassados e locais de origem. Deduzi caraterísticas relevantes para a açorianidade:

1. O clima inculca um caráter de torpor e de morosidade;

2. Os habitantes quedam quase tão distantes de Portugal como há séculos;

3. O recorte dos estratos sociais: é vincadamente feudal apesar do humanismo que a revolução de 1974 alegadamente introduziu nas relações sociais e familiares;

4. A adjacência das gentes à terra persiste fora das pequenas metrópoles que comandam a vida em cada ilha, num centralismo autofágico e macrocéfalo.

Um dos grandes escritores açorianos injustamente esquecido, **José Martins Garcia** nasceu na Criação Velha, Pico, a 17 de fevereiro de 1941, tendo feito os seus estudos iniciais no Pico e parte dos liceais na Horta. Em Lisboa licenciou-se em Filologia Românica pela Faculdade de Letras. Teve uma breve passagem pelo Liceu da Horta, antes da mobilização para a guerra na Guiné-Bissau (1966 -1968). Entre 1969 e 1971 foi leitor de Português em Paris. Foi professor na Faculdade de Letras de Lisboa, de 1971 a 1977, como assistente. Partiu para a América, onde lecionou na Brown University, entre 1979 e 1984, ingressando, de seguida na Universidade dos Açores, onde permaneceu até à sua morte, em 4 de novembro de 2002. Aqui introduziu a cadeira de Literatura e Cultura Açorianas e doutorou-se com uma tese sobre Fernando Pessoa e atingiu a cátedra.

Ocupou o cargo de Vice-reitor e dirigiu a revista Arquipélago, do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas. A sua obra apresenta uma diversidade de intervenções[7], que vão desde o ensaísmo, à poesia, passando pelo romance, pelo conto e pela crítica jornalística. No jornalismo português destacou-se, antes e depois do 25 de Abril, no República, Jornal Novo, A Luta, A Capital, o Diário de Notícias, O Diabo e a Vida Mundial. David Mourão-Ferreira, um dos maiores críticos literários do século vinte português, disse (1987) sobre José Martins Garcia:

> "*Se não vivêssemos, vicentinamente, num País em que a "barca do purgatório" anda sempre mais carregada que as outras duas / … / o nome de José Martins Garcia deveria ser hoje unanimemente saudado como o do escritor mais completo e mais complexo que no último decénio entre nós se revelou; / … / com igual mestria tanto abrange os registos da mitificação narrativa como os da exegese crítica, tanto os da desmistificação satírica como os da transfiguração telúrica, e que sem dúvida não encontra paralelo, pela convergência e concentração de todos estes vetores, na produção de qualquer outro seu coetâneo.*"

Luiz António de Assis Brasil analisou a obra de Daniel de Sá especialmente a narrativa de ficção (Ilha grande fechada. Lisboa: Salamandra, 1992; Crónica do despovoamento das Ilhas. Lisboa: Salamandra, 1995), a qual revela facetas bem caraterísticas da denominada identidade insular, em especial da ilha de origem

> *"Coloca-se a evasão como um destino ao qual o açoriano se entrega com a fatalidade do cumprimento de um dever. O resultado é a errância, a transitoriedade e o permanente desejo da volta. Quando acontece, essa volta nunca é satisfatória: o*

[7] No ensaio e crítica: "Linguagem e Criação" (1973), "Cultura, Política e Informação" (1976), "Vitorino Nemésio. A Obra e o Homem" (1978), "David Mourão-Ferreira. A Obra e o Homem" (1980), "Temas Nemesianos" (1981), "Fernando Pessoa – "Coração Despedaçado" (1985), "Para uma Literatura Açoriana" (1987), "David Mourão-Ferreira – Narrador" (1987), "Vitorino Nemésio – à luz do Verbo" (1988), "Exercício da Crítica" (1995). No teatro: "Tragédia Exata" (1975) e "Domiciano" (1987). No conto: "Katafaraum é uma Nação" (1974), "Alecrim, Alecrim aos Molhos" (1974) "Querubins e Revolucionários" (1977), "Receitas para Fritar a Humanidade" (1978), "Morrer Devagar" (1979), "Contos Infernais" (1987), "Katafaraum Ressurreto" (1992). No romance: "Lugar de Massacre" (1ª ed.: 1975), "A Fome" (1ª ed.: 1978), "O Medo" (1982), "A Imitação da Morte" (1982), "Contrabando Original" (1987) e "Memória da Terra" (1990). Na poesia: "Feldegato Cantabile" (1973), "Invocação a um Poeta e Outros Poemas" (1984), "Temporal" (1986), "No Crescer dos Dias" (1996).

emigrado jamais poderá deixar de ser americano, e mesmo que construa uma casa suntuosa em sua freguesia original, contribua para a igreja e participe das festas coletivas, todos lhe conhecem a história. Intentando uma análise mais ampla, percebemos quanto os componentes tradicionais da literatura açoriana estão presentes nessa obra: a sensação de estar-se numa prisão, o desejo de evadir-se, a saudade a roer os calcanhares, a estreiteza do ambiente insular, a desconfiança das terras estrangeiras."

2.2. DANIEL DE SÁ

Daniel de Sá, em *"O Pastor das Casa Mortas*" dá-se ao luxo de exportar, por mimética, para a Beira Alta, o seu herói em busca de um amor perdido no léxico e na sintaxe dos velhos montes escalavrados. Calcorreia paixões sofridas por entre o pastoreio, numa verdadeira apologia da solidão física e mental. Este retrato é o de Manuel Cordovão, lusitano de um amor só. O autor diz ser um livro dedicado "*Às mulheres e aos homens que ainda acendem o lume nas últimas aldeias de Portugal*." A narrativa traduz metaforicamente a ode ao açoriano apartado de si e do mundo, num amor impossível que nunca se concretiza nem quando a barca de Caronte ronda. A transposição do personagem deixa-nos na dúvida se a Teresa do "*Pastor*" não será irmã gémea da sua congénere que guarnece a digressão por "Santa Maria: a ilha-mãe".

Em ambas as obras "*as palavras* [são] *tratadas suavemente, amenizando as arestas da fonética, como se com elas não pudesse nunca se ofender alguém*." Trata-se de uma visita não ao "*despovoamento das ilhas",* mas ao país real, montanhoso, interior e inacessível de Portugal. Aqui não se resgata o imaginário coletivo naquilo que tem de mais genuíno e identificador, antes pelo contrário, se dá a palavra a uma erudição improvável de um apascentador de cabras.

Aqui não há a memória plural de Gaspar Frutuoso, mas a ficcionalização dum fenómeno que não se mimetiza só na digressão pela Beira Alta. As *Casas Mortas* são-nos apresentadas como o resultado inevitável e inelutável sem que a sátira ou o humor permeiem a couraça de convicções de Manuel Cordovão. Existe uma interdependência do autor, personagens e leitor, que nos levou a rever enésimas vezes, cada passagem do livro para lhe darmos em inglês o tom, o colorido, a sonoridade e a poesia das prosas. Não era ocasião única, pois rapidamente me apercebi de que era recorrente à totalidade da obra ficcionada. A escrita de Daniel de Sá é uma prosa rica, densa e tensa, enovelando em diálogos simples e curtos um enredo que prende da primeira à última página.

"*Santa Maria ilha-mãe"* é uma viagem ao passado, permeada de uma nostalgia quase lírica e da magia da infância de cores despretensiosas, mas bem refulgentes. Fala-se do isolamento ao longo dos séculos, dos ataques de piratas, ameaça constante a inculcar mais vincadamente as crenças de origem religiosa - na ilha pouco assolada por terramotos ou explosões piroclásticas. Essa *mundividência*, transporta-nos num interessante roteiro turístico. O título gerou controvérsia, na versão portuguesa e inglesa, como o próprio autor notaria: "*Não se trata de "mãe" com valor de adjetivo, mas sim de dois substantivos, tanto mais que os liguei com hífen. É uma ilha que é mãe também…*" Diz-nos o autor "O Clube Asas do Atlântico era um dos meus quatro lugares míticos. Ainda hoje recordo exatamente o seu cheiro" e todos nós sentimos os cheiros, as cores, as melopeias que nos descreve. A escrita de Daniel de Sá vagueia por tempos infindos. Os personagens credíveis servem de conduto e transportam-nos ao local para partilharmos sentimentos com os interlocutores.

Como tradutor, senti uma espécie de síndroma de Estocolmo, ficara cativo e apaixonado pelos captores. Teria de escrever um livro que me libertasse da poção mágica que ingerira na escrita doutrem, e daí nasceu o volume 1 da "ChrónicAçores: uma circum-navegação". Este o efeito avassalador que os autores açorianos inculcam naqueles que aqui não nasceram.

Magistralmente, a escritora canadiana Ann-Marie MacDonald afirmou, "*A tradução, tal como a escrita, é uma arte e uma maestria, com um toque de alquimia. Quando o autor e o tradutor se reúnem, o resultado pode ser inspirador. As nuances traduzem a língua numa forma de arte*

2.3. DIAS DE MELO

Dias de Melo escreveu

"A esperança num mundo melhor já não será para mim, nem para nenhum de nós e eu revolto-me com o que vejo à volta de mim"

Surpreendo-me com a minha própria ignorância. Até maio de 2008 pouco ou nada sabia sobre este autor que convidei a estar presente no 3º Encontro da Lusofonia para representar a literatura açoriana que quis dar a conhecer aos que nem sequer sabiam da sua existência. **Dias de Melo** era um operário, agricultor, pescador, escultor que trabalhava, ceifava, pescava e esculpia cada palavra, pois era um baleeiro da ilha do Pico, homem do mar, pescador, marinheiro, mestre de lancha. Escreveu como se da janela da sua "Cabana do Pai Tomás" no Alto da Rocha na Calheta de Nesquim vigiasse os botes e as lanchas da Calheta, baleando contra os Vilas e os Ribeiras. Andei meses na descoberta da genialidade, da sinceridade da obra que já li. Foi uma paixão literária à primeira vista, pois a sua escrita flui e embrenha-se como o nevoeiro em que os baleeiros se debatiam ao longo de séculos na luta inglória e injusta para ganharem a vida. Se tivesse que resumir o autor a uma palavra usaria INJUSTIÇA. É da sua denúncia que trata ao abordar temas como a emigração, a vida no Pico natal, as realidades sociais e económicas, a repressão no Estado Novo, e em todas, para além dos inúmeros dramas humanos retratados na linguagem simples dos homens do povo, lá vem a injustiça.

Entendendo as suas obras e a sua luta fica-se com a sensação de pertencermos à mesma família, uma espécie de alter-ego daquilo que gostaríamos de ter sido. Dias de Melo ficará inexoravelmente conhecido como o escritor da baleação. Coube-lhe a sorte de ter recebido merecidas homenagens públicas nos últimos meses de vida e a editora VerAçor reeditou alguns dos seus melhores livros. Cumpre-nos não deixar que a sua memória se esvaneça e porfiar para que seja lido pelas novas gerações. Dias de Melo era um espetador atento da luta quotidiana e da condição humana e resolveu contá-la ao mundo. Disso vos trago testemunho na certeza de que só o honraremos se o continuarmos a ler e a traduzir.

2.4. CRISTÓVÃO DE AGUIAR

Deixei propositadamente para agora fim outro autor favorito. Lamento apenas que este processo de aprendizagem seja lento se bem que recheado se surpresas inolvidáveis. **Cristóvão de Aguiar** é um escritor incómodo pois não só se libertou das grilhetas do espaço confinado das ilhas como conseguiu provar com a sua prolífica produção literária aquilo que mais se entreteve a negar: a existência de uma literatura açoriana. Exigente consigo e com os outros, com fama de inabalável, Cristóvão não se limita a ser controverso, domina a língua como poucos embora padeça da falta de confiança típica dos grandes escritores. Nunca se dá por satisfeito ao burilar no basalto da sua ilha adotiva do Pico as letras com que nos entretém. Como esteve do lado de lá dessa fronteira invisível que é o Grande Mar Oceano, sendo emigrado e transmigrado sem nunca deixar de ser residente, vê as ilhas pelos seus olhos, dos seus pais, irmão e família emigrada nos EUA. Também consegue olhar retrospetivamente para o Pico da Pedra onde nasceu, em São Miguel, e ver a pequenez das gentes e das ilhas, contentadas com uma qualquer emigração económica de fuga à fome e à canga feudal que persiste. Voltam, regressam sempre, na aparência vitoriosos, mas sem trazerem na bagagem nada de valor para além de dinheiro e outros bens materiais. Ao escrever sobre a ilha em que nasceu diz:

> *São Miguel já não é a mesma Ilha onde fui nado e criado e vivi até à arrogância dos vinte anos. Pude verificá-lo, há pouco, durante o 4.º Encontro Açoriano da Lusofonia, em que, para regozijo meu, não encontrei os costumeiros intelectuais de pacotilha, que sabem tudo quanto no Universo se passa, com retrato de pose na galeria dos imortais há muito mumificados… Nem é sequer a mesma Ilha que foi, até há poucos anos, muito nublada, já não digo por um nevoeiro absoluto, mas por alguns resquícios aparentados a certas pesporrências de má memória. … Temos, porém, de convir que, durante séculos, certas forças religiosas, conluiadas com todos os poderes..., foram o sustentáculo da ignorância abençoada pela trilogia Deus, Pátria e Rei de outros tempos, e Deus, Pátria e Família, do tempo de muitos de nós. Direi como Mestre Gil Vicente: E assim se fazem as cousas. Levou tempo, mas o inevitável aconteceu. Acaba sempre. O medo e outras rançosas virtudes impostos ao espírito e nele lavrado em sulcos mais ou menos profundos (nem toda a terra consente a ignomínia), com relhas enferrujadas e passadistas, têm destes percalços - no ápice de um instante imprevisto esse terreno enfastiado de tanta aridez fementida e coerciva, súbito se devolve à sua límpida condição de húmus que favorece a estrutura do solo e do subsolo e do infra-subsolo: o consciente, o subconsciente e o inconsciente.*

Cristóvão é um permanente passageiro em trânsito, título do seu mais benquisto livro, sempre na rota do inconformismo. Ele é a voz que se não cala e tem o direito a tal. Chama os bois pelo nome sem se deter nas finuras das convenções do parece bem ou mal. É crítico impiedoso dos destinos que alguns queriam que fosse eterno, o da subserviência e submissão aos senhores das ilhas, descendentes diretos dos opressores da gleba. Grandes narrativas que se assemelham a uma técnica de *travelling* em filmagem, com grandes planos, zooms, e paragens detalhadas nos rostos e nas mentes dos atores principais das suas crónicas e outros escritos. A câmara detém-se e escalpeliza a alma daqueles que ele filma com as suas palavras aceradas como vento mata-vacas que sopra do nordeste. Psicanalisando as gentes e a terra que o viram nascer adotou nova ilha mátria em 1996:

> "*A Ilha do Pico faz-me as vezes de mulher amada. Desvenda-se aos poucos, em erótico vagar, para se lhe descobrir os recantos e sortilégios mais íntimos. E nunca se chega, nem se precisa, ao cerne do feitiço... Meio encoberta, meio desnudada, sempre ataviada de cheiros exóticos e eróticos, faz com que se abram as narinas de cio. Colhem os olhos as tonalidades indefiníveis de seus roxos e azuis, o cinza entorresmado de seus mistérios, seus verdes percorrendo toda a escala cromática, vertidos na paleta primigénia de que se serviu o Criador para matizar a tela da Natureza. Sempre que caem sobre o mar do canal, cavado e furioso ou espelho de Narciso, a Ilha de São Jorge, nua e arroxeada, a garantir mais mundo, os olhos coalham-se de espanto em face do mistério de assistirem ao primeiro dia da Criação... Não cabe no olhar a Montanha bíblica. Extravasa a humana retina. Bíblica. Acredito ter sido em seu cimo, que roça o Céu, que Moisés recebeu as Dez Tábuas da Lei. E de um penedo fez jorrar a água que saciou a sede do seu Povo*.

Cristóvão de Aguiar, já o disse, não é um autor fácil nem facilita, exige quase tanto dos seus leitores como de si mesmo, ele é o magma de que são feitas as gentes de bem destas ilhas. Tal como as palavras sentidas, gravadas fundo num granito que não existe nas ilhas, mas que encontro na Relação de Bordo I do Cristóvão de Aguiar. Este autor que ora descubro como se o conhecesse há muito, como se tivéssemos sido irmãos ou *compagnons de route à la Jack Kérouac na Route 66*, iluminando o túnel das ideias por verter no alvo papel onde escrevo. Verdade seja que ando imerso na sua escrita tateando como um recém-nascido às escuras fora do ventre materno. Pressagio cordões umbilicais curiosos que nos unem. Se agora encontro neste amigo novo um escritor (ou terei encontrado um escritor que é um amigo novo?) que se crê maldito porque outros o fizeram assim, e porque é de si mesmo um ser acossado por tudo e por todos, mas sobretudo por si mesmo. Para ele, a escrita nunca será catarse pois ela é fruto de amores incompreendidos entre si e a sua ilha...Como ele diz (Relação de Bordo II pp. 199-200)

> *Primeiro foi a ilha, nunca mais a encontramos como a havíamos deixado...trouxemos somente a imagem dela ou então foi outra Ilha que connosco carregámos...*

Quando aprecio a obra dum autor não sei como fazê-lo, nem hermenêutica nem exegese me tocam pois são ramos do conhecimento para além da minha compreensão que estudos em Humanidades não tive nem meus pais me deixaram, e sou como sou e a meu pai o devo tal como Cristóvão o é devido ao seu pai. Continentes diferentes, mas uma só realidade, ambos criamos os sulcos que hoje trilhamos percorrendo as savanas e as estepes do sofrimento pessoal, das amarguras e romances que nos interrompiam a escrita e nos dispersavam da missão sagrada. Ambos plantamos árvores, publicamos poesia e tivemos filhos em buscas incessantes pelo Santo Graal e desconfio que ambos sabemos hoje que não existe, a não ser na busca incessante com que criamos uma *raison d'être* nas nossas mentes conturbadas. Cristóvão afirmava a propósito dos Colóquios da Lusofonia na Lagoa em março / abril de 2009:

"Lá encontrei, contra todas as minhas expetativas, uma plêiade de personalidades que fizeram olhar-me ao espelho da minha humildade, ao mesmo tempo que me infundiram confiança e à vontade, boa disposição e alegria, despreconceito e saúde intelectual... Soltei-me dentro da minha caverna; ao princípio, dei alguns saltos a medo, mas procurei conter-me e ir subindo devagar em direção à luz que me ofuscava. Ainda ando encandeado pela sua intensidade e pela rapidez com que tudo aconteceu, mas, pouco a pouco, espero desenvencilhar-me dos muitos cadilhos que ainda me amarram a um cais de onde nunca embarquei e nem sequer me lembro se em cima dele fui ficando permanecido. Há dias, foi a Maria do Rosário com a sua acutilante e profunda análise ao meu tão mal-amado Passageiro em Trânsito*, que me calou bem fundo, e me deu um sentimento de desforço de que há muito andava carecido. Agora és tu. Já não sei o que dizer mais. As palavras fogem-se como coelhos bravos.*

Nestas navegações literárias, uma pessoa não lê apenas, mas percorre uma viagem tridimensional recheada pelos sentidos que fluem da escrita como lava "pahoe-hoe" (pron. *pah hoi*) de aparência viscosa, mas fluida, brilhante e entrançada como cordas prateadas. Outros autores subitamente parecem ser do tipo lava "A a" (*ah ah*), grossa e áspera, um magma de rochas solidificadas que são empurradas. Aqui nada é impelido embora por vezes se assemelhe na sua descrição e nos contornos emocionais à pedra-pomes que é o piroclasto dominante das rochas traquíticas. A observação de qualquer pedaço de basalto revela-nos, quase sempre, a existência de *vesículas* disseminadas na rocha e as vesículas de tal modo estanques, que a rocha pode flutuar na água por largos períodos. Resultam de gases separados do magma que, não tendo conseguido escapar para a atmosfera, ficaram aprisionados na rocha sob a forma de bolhas onde também ficam retidos *ad eternum* todos os leitores.

A escrita lávica de Cristóvão fica retida a boiar no nosso imaginário. Foi ela que nos instigou a escrever esta lamentação com o frémito ciumento de todos os que não conseguem escrever da forma única e inimitável como só ele sabe e sente sobre os Açores. Essa a sua forma de amar e de recompensar a terra que o viu nascer...para que também ela desate as grilhetas que a encarceram no passado e ele se desobrigue finalmente dessa tarefa hercúlea de carregar a sua ilha como um fardo ou amor não-correspondido, que nisto de ilharias há muitas paixões não correspondidas. Ele é o mais lídimo representante da mundividência açoriana na escrita contemporânea e tarefa dos Colóquios da Lusofonia torná-lo mais benquisto e conhecido no mundo inteiro.

2.5. VASCO PEREIRA DA COSTA, AUTOR HOJE HOMENAGEADO

Quedemo-nos, doravante, na perspicaz apreciação que faz Cristóvão de Aguiar da obra de Vasco Pereira da Costa intitulada *Nas Escadas do Império*:

"Não é por acaso que Vasco Pereira da Costa, poeta de mérito, mas ainda no silêncio da gaveta, se apresenta no mundo das letras sobraçando uma coletânea de contos. Numa terra onde quase todos sacrificam às (as) musas e se tornou quase regra a estreia com um livrinho de poemas, a atitude (ou opção) do autor de Nas Escadas do Império não deixa de ser de certo modo corajosa como corajosos são os contos que este livro integra.

Não fora o receio de escorregar na casca do lugar-comum, e eu diria que esta mancheia de contos vivos, arrancados com mãos hábeis e um sentido linguístico apuradíssimo ao ventre úbere, mas ainda mal conhecido, da sua terra de origem, vem agitar as águas paradas, onde se situa o panorama nebuloso e um tanto equívoco da literatura de expressão açoriana. O conto que abre esta coletânea, Faia da Terra, é bem a prova do telurismo, no sentido torguiano do termo, de que o jovem escritor (Angra do Heroísmo, junho de 1948) está imbuído, sem cair no pitoresco regionalista, tão do agrado de muitos escritores açorianos. Não resta a mínima dúvida de que o Gibicas, A Fuga e outras peças de antologia que aqui figuram vêm contribuir para o enriquecimento do conto português de especificidade e caraterística açoriana. Contudo, Vasco Pereira da Costa corre o risco (e ele mais do que ninguém disso está consciente) de vir a ser queimado nas labaredas inquisitoriais de certos meios ideológico literários açorianos que têm tentado, oportunisticamente, mas sem raízes verdadeiras, edificar [...] uma literatura açoriana em oposição à Literatura Portuguesa. Nas Escadas do Império, quer queiram ou não os arautos da mediocracia, vem dizer-nos exatamente o contrário."

Com efeito, não podia deixar de ser mais justo o juízo de valor supracitado. Em primeiro lugar, estreia-se Vasco Pereira da Costa, em 1978, com uma coletânea de contos, *Nas Escadas do Império*, à qual se seguirão a novela *Amanhece a Cidade* (1979), publicada em Coimbra pela Centelha; a memória *Venho cá mandado do Senhor Espírito Santo* (1980), dada ao prelo em Lisboa; os poemas de *Ilhíada* (1981), editados em Angra do Heroísmo; *Plantador de palavras Vendedor de lérias*, antologia de novelas galardoada com o prémio Miguel Torga – cidade de Coimbra no ano de 1984; *Memória Breve*, datada de 1987 e surgida em Angra do Heroísmo; *Risco de marear* (Poemas), vindo a lume, em 1992, na cidade de Ponta Delgada; e, por fim, três obras poéticas, a saber *Sobre Ripas Sobre Rimas*, *Terras* e *My Californian Friends*, respetivamente publicadas em Coimbra, Porto e Gávea Brown, com data de 1994, 1997 e 1999.

Em segundo lugar, urge referir a originalidade de Vasco Pereira da Costa, evidente tanto na sua obra poética como na sua obra em prosa, que vem, segundo o Autor de *Raiz Comovida*, agitar as letras açorianas. Assim sendo, e numa perspetiva temática, cumpre realçar o telurismo genuíno patente em "Faia da Terra", história do enamoramento de Teresa por um americano da Base, da sua subsequente partida para o Novo Mundo, já com o nome de Mrs. Teresa Piel, e da secagem da faia, dois meses após a descolagem do avião da *Pan America*. Nesta novela inaugural perpassam vivamente, como que fotografadas ao vivo, as rotineiras fainas insulares que, pela via da repetição, regem o quotidiano do ilhéu:

"*Era sexta-feira e a mãe amassava o crescente com a farinha de milho. No forno estalavam a rapa, o eucalipto e o loiro: [...]. Lavou depois as folhas de botar pão e veio sentar-se ao pé dos meus socos de milho – bois de veras, espetados com palhitos queimados arremedando os galhos – no estrado do meio-da-casa. Arrumou as galochas no sobrado [...]"* (1978: 11).

Por vezes, é a loucura insular que faz a sua aparição em cena, na figura do poeta Vicente, "*um Côrte-Real impotente, tacanho e degenerescente" (*1978: 71), o qual, volvido esse tempo em "*que escrevia coisas tão lindas, de tanto sentimento"*, tem o despautério de acumular guarda-chuvas na falsa e de publicar no jornal da Ilha desairosos alinhavos poéticos: "*Prometeu / Prometeu / Não cumpriu / A promessa / Homessa! / /"* ("A Fuga", 1978: 74). Ainda a respeito do Autor de *Memória Breve*, cumpre salientar o seu apurado sentido linguístico, responsável pelo discurso das personagens (direto, indireto e indireto livre) que, caricaturalmente individualizado, se torna emblema de um falso cosmopolitismo insulano, ao qual não é alheio o inevitável açorianismo: *"Os americanos [...] Abancam mesmo rés-minés ao lado dos ingleses. Cinco. [...]*

Cham-pa-gne!!
Everybody drinks!
Ei, seinhore!
Today, pay day!
Ouviste? Olha que o mar não está de lapas! [...]. Nove taças na bandeja; [...]
Os ingleses que no thank you; os americanos que yes, que sim senhor; os ingleses, dedos a abanar, que nada de caltraçadas, just Porto Wine; os americanos, pegadinhos, que O.K. para cima, que O.K. para baixo, [...] Nosso Senhor os aparte em bem. Se assim não fora, tínhamos para aí camponia." ("Belmiro & Delmiro", 1978: 42-43).

Em terceiro lugar, e ainda na ótica de Cristóvão de Aguiar, a coragem de Vasco Pereira da Costa, que a sátira, nas suas diversas vertentes, revela à saciedade.

Assim sendo, atente-se

1. quer na crítica ao salazarismo, regime repressor, totalitário e punitivo dos que ousam transgredir as regras impostas - "*Como vim aqui [à ilha] parar? É simples: por ser anarquista e não peitear o Manholas de Santa Comba*" ("O Manel d'Arriaga", 1978: 31) -,
2. quer na crítica à mentalidade medíocre, cuja pequenez constrangedora se espraia, em espaço íntimo e público, pela vida de outrem tão sigilosamente resguardada quanto violada de supetão - *"[...] cada qual dava a sua sentença, todos em grande pensão, e não havia alcatra de couves que, à hora da ceia, não fosse temperada com palpites de desenlace." ("Primavera", 1978: 59) / "Todas três varadas pela língua maledicente de uma cidade [...] Tocava-lhes a vez de serem as atrizes da comédia, a elas, que sempre foram espetadoras criticas nas melhores coxias."* ("A Fuga", 1978: 75) -,
3. quer na crítica ao jornalismo barato e ao provincianismo dos articulistas, cujo discurso, pouco inovador, se vai ritualizando - "*Começou então o embaraço. No jornal de amanhã, por entre os aniversários da gente fina [...] as partidas e as chegadas, os partos e as notícias do País e do Estrangeiro, os casamentos e os pedidos de, os horários de barcos e de aviões, as orações ao Menino Jesus de Praga e ao divino Espírito Santo [...]"* ("A Fuga", 1978: 82-83) -,
4. quer, por fim, na crítica a uma certa 'cultura de superioridade' que 'Mestre' Gibicas se apresta a denegar: *"[...] estávamos de língua entre os dentes para sibilar o th. O professor fazia empenho pois [...] era uma vergonha virem por aí abaixo os americanos e nós sem sabermos agradecer. [...]. Até que foi a tua [Gibicas] vez. [...]. Agarraste na caixinha vermelha, azul e branca, com as estrelinhas desse people para o nosso povo e, sem esperar o afago da farda grandalhona, gritaste-lhes alto, como ninguém ainda o fizera: - SANABOBICHAS*!" ("Gibicas", 1978: 137-138-141).
   Em asterisco de rodapé, explica o Autor o neologismo: "Son of a bitch".

Em quarto lugar, a variedade genológica em que se move o Escritor homenageado, desde o conto e a novela, até à memória e à "crónica" breve, passando pela Poesia. E, a este propósito, não resistimos à tentação de transcrever o poema

"Dinis, the Portuguese teacher" –

Na língua ausente a saudade maior
na palavra saudade a língua viva
Não a saudadinha de folclore
pitoresca e digestiva
constitucional e estatutária
de meter dó em dó menor
no caldo verde no rubro chouriço
Mas a saudade necessária:
Apenas quatro sílabas de compromisso (*My Californian Friends*, 1999: 17) -

- bem como o poema "Rose era o nome de Rosa":

A mãe disse não mais
não mais eu não mais tu filha
não mais nomes na pedra do cais
não mais o cortinado da ilha

não mais Rosa sejas Rose agora
não mais névoas roxos ais
não mais a sorte caipora
não mais a ilha não mais

Porém Rose o não mais não quis
e quis ver a ilha do não mais
o cortinado roxo infeliz
os nomes na pedra dos cais

Pegou em si e foi-se embora.
Não mais Rose. Rosa outra vez agora.
(*My Californian Friends*, 1999: 25).

Não estaremos nós perante a açorianidade? Chrys Chrystello fevº 2010

3.1. BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL

Almeida, O. T. (org.) (1983), *A Questão da Literatura Açoriana. Recolha de Intervenções e Revisitação* [as diversas posições teóricas ao longo do tempo e algumas posições polémicas]. Angra do Heroísmo,

Secretaria Regional da Educação e Cultura. Id. (org.) (1986), *Da Literatura Açoriana. Subsídios para um Balanço*. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura. Id. (1989), *Açores, Açorianos, Açorianidade – Um Espaço Cultural*. Ponta Delgada, Signo.
Carvalho, R. G. (1956), Possibilidades de uma literatura de significação açoriana. *Insulana*, XII: 216-221.
Costa, Vasco Pereira da. (1978) *Nas Escadas do Império*, Coimbra: Ficção Centelha.
Costa, Vasco Pereira da. (1999) *My Californian Friends*, Gávea Brown: Palimage Editores.
Freitas, Vamberto (1999), Discursos culturais nos Açores: uma estética da territorialidade, *In A Ilha em Frente. Textos do Cerco e da Fuga*. Lisboa, Salamandra: 15-29.
Garcia, E. B. (1953). *Para uma Autêntica Literatura Açoriana*, Suplemento Literário de *A Ilha*, Ponta Delgada: 1-32.
Garcia, J. M. (1987). Ainda a questão da Literatura Açoriana *In Para uma Literatura Açoriana*. Ponta Delgada, Universidade dos Açores: 9-32. Id. (1987), Atualidade da Literatura Açoriana, *In Ibid.*: 111-124. Id. (1987), A criatividade artística nos Açores. Limites e Barreiras, *In Ibid.*: 125-138.
Jesus, E., Para uma teoria de Literatura Açoriana. Atlântida, I, 4: 201-205. 1957),
Machado, M. U. B. (1983), Antologia de poesia açoriana, *In O Gosto das Palavras*. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura: 77-87. Id. (1995), Da Literatura Açoriana – notas (muito lacunares) para uma aproximação, *In O Gosto das Palavras II*. Ponta Delgada, Jornal da Cultura: 13-16.
Nemésio, V. (1923). Por que não temos Literatura Açoriana [entrevista com Vitorino Nemésio, por Rebelo de Bettencourt] *In* Almeida, O. T. (org.) (1983). A *Questão da Literatura Açoriana. Recolha de Intervenções e Revisitação*. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura. Id. (1932). Açorianidade *Ínsula*, Ponta Delgada, 7-8. Id. (1946), O problema do romance. *Diário Popular*, 8 de maio. Pavão, J. A (1991). Constantes da insularidade numa definição de Literatura Açoriana, *In Caminheiros da Cultura*. Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada: 133-152.
Pires, A. M. B. M. (1983). Para a Discussão de um Conceito de Literatura Açoriana. *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, XLI: 842-858. Id. (1987). *A Identidade Cultural dos Açores*, Sep. de *Arquipélago* (série Línguas e Literaturas), IX. Id. (1997), Os Açores antes do 25 de abril. Alguns Indicadores Culturais, *Insulana*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada: 33-49.

3.2. BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA:

A produção literária açoriana nos últimos dez anos (1968-1978), Separata Colóquio / Letras, n.º 50, Lisboa, Fundação Gulbenkian, julho / 1979.
Aguiar, Cristóvão de. Raiz Comovida, Trilogia Romanesca. 2.ª ed., Lisboa, Ed. Caminho, 1987.
AGUIAR, Cristóvão de, Raiz Comovida – A Semente e a Seiva, Coimbra, Centelha, 1978.
AIRES, Fernando, Memórias da Cidade Cercada, Lisboa, Ed. Salamandra, 1995.
Almeida, Onésimo "Coração Despedaçado a Morrer Devagar' Da experiência americana de José Martins Garcia". In Arquipélago. Línguas e Literaturas. vol. XVII. Revista da Universidade dos Açores, 29-45. (2001 / 04)
ALMEIDA, Onésimo Teotónio, «Sapa»teia Americana, Lisboa, Vega, 1983.
ALMEIDA, Onésimo Teotónio, The Sea Within, Providence, Gávea-Brown, 1983.
BATISTA, Adelaide, João de Melo e a Literatura Açoriana, Lisboa, Publ. Dom Quixote, 1993.
BETTENCOURT, Urbano, O Gosto das Palavras III, Lisboa, Ed. Salamandra, 1999.
Borges, Naír Odete da Câmara. Influência anglo-americana no f alar da ilha de S. Miguel (Açores). Coimbra, Instituto de Estudos Românicos, sep. de Revista Portuguesa de Filologia, 1960.
Brandão, s.d. Brandão, Raul. As Ilhas Desconhecidas. Notas e Paisagens. Lisboa, Perspetivas & Realidades, s.d.
BRASIL, Luís António de Assis, "A Narrativa Açoriana pós-Vinte e Cinco de Abril", in Organon, vol. 8, n.º 21, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994, pp. 71-79.
CÔRTES-RODRIGUES, Armando, Antologia de Poemas, 2.ª ed., Ponta Delgada, Instituto Cultural, 1989.
COSTA, Vasco Pereira da. Plantador de Palavras Vendedor de Lérias, Coimbra, Câmara Municipal, 1984.
Coutinho, Gago. "Descoberta dos Açores", Seara Nova (Lisboa), XI (1930), p. 258-71, com mapa;
Da Literatura Açoriana (org. e Intro De...), Angra, SREC, 1986.
Da Silva Ribeiro, Luís. Formação histórica do povo dos Açores, in Açoriana, Angra, 1941.
De Freitas, Jordão. As Ilhas do Arquipélago dos Açores na História da Expansão Portuguesa, Lisboa.
de Mesquita, Roberto. Almas Cativas e Poemas Dispersos. Coleção Poesia, Ed. Ática, Amadora, 1973, p. 195.
de Sá, Daniel. Crónica do despovoamento das Ilhas. Lisboa: Salamandra, 1995.
de Sá, Daniel. O Pastor das Casa Mortas, Ponta Delgada, ed. VerAçor, 2007
de Sá, Daniel. Santa Maria, Ilha-Mãe, Ponta Delgada, ed. VerAçor, 2007
Dias, Urbano de Mendonça. Os Meus Contos. Vila Franca do Campo, 1945.
Dias, Eduardo Mayone. Açorianos na Califórnia. Angra do Heroísmo, Sec. Regional de Educação e Cultura, 1982.
Dias, Maria Alice Borba Lopes. Ilha Terceira. Estudo de linguagem e etnografia. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional de Educação e Cultura, 1982.
Dores, Victor Rui "Contos Infernais ou a efabulação do poder". In Signo. Jornal de Letras e Artes, 16, 4. (1987).
Duarte, Noélia "David Mourão-Ferreira e José Martins Garcia: o 'ofício de escreviver". In Arquipélago. Línguas e Literaturas. vol. XVII. Revista da Universidade dos Açores, 109-131. (2001 / 04)
Exercício da Crítica, Lisboa, Ed. Salamandra, 1995.
FÉLIX, Emanuel, A Viagem Possível, 2.ª ed., Lisboa, Vega, 1993.
FÉRIN, Madalena, A Cidade Vegetal, Angra, SREC, 1987.
Figueiredo, Jaime de, Ilha de Gonçalo Velho, C. de Oliveira Lda, Lisboa, 1954
FIRMINO, Almeida, Narcose, Angra, SREC, 1982.
FREITAS, Vamberto, O Imaginário dos Escritores Açorianos, Lisboa, Ed. Salamandra, 1992.
Frutuoso, Gaspar, Saudades da Terra, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1977-1987, 6 livros e 8 volumes
GARCIA, José Martins, Memória da Terra, Lisboa, Vega, 1990.
GARCIA, José Martins, Para uma Literatura Açoriana, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1987.
GARCIA, José Martins, Temporal, Providence, Gávea-Brown, 1986.
GUERRA, Rodrigo, A Americana, Angra, SREC, 1980.
JESUS, Eduíno de, "Breve notícia histórica da poesia açoriana de 1915 à atualidade", in Estrada Larga, vol. 3, Porto Editora, [s / d], pp. 425-430. O artigo termina referenciando livros de finais dos anos 50.
Machado, F. S. de Lacerda. Vocabulário Regional colhido no concelho das Lajes (ilha do Pico). Coimbra, Imprensa da Universidade, 1917.
Maia, Maria Lúcia Borba e. O Falar da Ilha Terceira. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, (dissertação de licenciatura). 1965
Mar Cavado. Da Literatura Açoriana e de Outras Narrativas, Lisboa, Ed. Salamandra, 1998.
MARTINS, J. H. Borges, Nas barbas de deus, Lisboa, Salamandra, 1999.
Medeiros, Maria de Jesus Chichorro de. A Linguagem Micaelense em alguns dos seus aspetos. Dissertação de Licenciatura, Lisboa, Faculdade de Letras, 1964.
MELO, Dias de, Pedras Negras, 2.ª ed., Lisboa, Vega, 1985.
MELO, João de, Antologia Panorâmica do Conto Açoriano, Lisboa, Vega, 1978.
MELO, João de, Gente Feliz com Lágrimas, Lisboa, Publ. D. Quixote, 1988.
MELO, João de, Toda e Qualquer Escrita, Lisboa, Vega, 1992.
Mendonça, Elsa Brunilde Lemos de. «Ilha de São Jorge (subsídio para o estudo da etnografia, linguagem e folclore regionais)». Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira. Angra do Heroísmo, XIX - XX, 1961-62.
MESQUITA, Roberto de, Almas Cativas e Poemas Dispersos, Lisboa, Ed. Ática, 1973
Mourão-Ferreira, David Cartas de Amor de Fernando Pessoa. Lisboa: Ática. (1978)
Nemésio, Vitorino. A Casa Fechada. Novelas. 2.ª ed., Lisboa,, Livraria Bertrand, 1979.
Nemésio, Vitorino. Mau Tempo no Canal. Lisboa, Livros Unibolso, Ed. Associados, col. «Biblioteca Universal».

NEMÉSIO, Vitorino, “Açorianidade” in Insula, n.º 7-8, Ponta Delgada, julho, 1932.
NEMÉSIO, Vitorino, Mau Tempo no Canal, 7.ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional, 1994.
NEMÉSIO, Vitorino, Poesia I, II, Lisboa, Imprensa Nacional, 1989.
Nemésio, V. – à luz do Verbo, Lisboa, Vega, 1989.
Nemésio, V – Rouxinol e Mocho, Praia da Vitória, Câmara Municipal, 1998.
Nemésio, V. “O Poeta e o Isolamento: Roberto de Mesquita”, in Conhecimento de Poesia, Editorial Verbo, 1970, p. 149.
Nemésio, V. “Poemas ilhéus”, in Colóquio - Letras, n.º 41, janeiro de 1978.
OLIVEIRA, Álamo, Com Perfume e com Veneno, Lisboa, Ed. Salamandra, 1997.
OLIVEIRA, Álamo, Impressões de Boca, Angra, SREC, 1992.
ORRICO, Maria, Terra de Lídia, Lisboa, Ed. Salamandra, 1994.
Pavão, J. Almeida. Aspetos Populares Micaelenses. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional de Educação e Cultura, 1981.
Pequeno Roteiro da História da Literatura Portuguesa (1984) Lisboa: Instituto Português do Livro.
Pereira da Costa, Vasco. Nas Escadas do Império: Contos. Coimbra, Centelha, 1978.
PEREIRA DA COSTA, Vasco, Ilhíada, Angra, SREC, 1981.
PINTO, Eduardo Bettencourt, Menina da Água, Ponta Delgada, Editorial Éter, 1997.
PINTO, Eduardo Bettencourt, Os Nove Rumores do Mar – Antologia da Poesia Açoriana Contemporânea, 3.ª ed., Lisboa, Instituto Camões, 2000.
Pires, António Manuel Bettencourt Machado. A pastorícia dos b ovinos na Ilha Terceira. Dissertação de licenciatura, Lisboa. 1968
Pires, A. M. B. M. Para a Discussão de um Conceito de Literatura Açoriana. Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, XLI: 842-858. (1983), Id. (1987), A Identidade Cultural dos Açores, Sep. de Arquipélago (série Línguas e Literaturas), IX. Id. (1997), Os Açores antes do 25 de Abril. Alguns Indicadores Culturais, Insulana, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada: 33-49.
Pires, A. Machado “José Martins Garcia um ‘intelectual em estado puro”. In Arquipélago. Línguas e Literaturas. vol. XVII. Revista da Universidade dos Açores: 171-177. (2001 / 04)
PIRES, António M. B. Machado, Raul Brandão e Vitorino Nemésio, Lisboa, Imprensa Nacional, 1988.
QUENTAL, Antero de, Sonetos, 5.ª ed., Lisboa, Sá da Costa, 1976.
RIBEIRO, Luís da Silva, Subsídios para um Ensaio sobre a Açorianidade, Angra, Instituto Açoriano de Cultura, 1964.
RODRIGUES, Rui Duarte, Com Segredos e Silêncios, Angra, Instituto Açoriano de Cultura, 1994.
Rosa, 1904 Rosa, P.e Nunes da. Pastorais do Mosteiro. Bandeiras, 1904.
Rosa, 1978 Rosa, P.e Nunes da. Gente das Ilhas. 2.ª ed., Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 1978.
ROSA, Nunes da, Gente das Ilhas, 2.ª ed., Angra, Instituto Açoriano de Cultura, 1978.
SÁ, Daniel de, Ilha Grande Fechada, Lisboa, Ed. Salamandra, 1992.
Santos Barros, J. H., O Lavrador de Ilhas — 1. Coleção «Gaivota» Angra do Heroísmo, 1982.
Saramago, João. Le parler de l'Île de Corvo. Grenoble, Centre de Dialetologia de l'Université Stendhal-Grenoble III / Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1992.
Seis Poetas Micaelenses, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1988.
Serpa, José Machado de. A Fala das Nossas Gentes. Ponta Delgada, Signo, 1987.
SILVA, Heraldo Gregório da, Açorianidade na Prosa de Vitorino Nemésio, Angra, SREC, 1985.
SILVEIRA, Pedro da, Antologia de Poesia Açoriana – séc. XVIII a 1975, Lisboa, Sá da Costa, 1977.
SILVEIRA, Pedro da, “O conto açoriano e os seus caminhos”, in Estrada Larga, vol. 1, Porto Editora, [s / d], pp. 545-547.
SILVEIRA, Pedro da, Fui ao Mar Buscar Laranjas -1, Angra, Direção Regional da Cultura, 1999.
TERRA, Florêncio, Contos e Narrativas, 2.ª ed., New Bedford, Promotora Portuguesa, 1981.
VAZ, Katherine, Saudade, Lisboa, Asa, 1999.

9. ROSÁRIO GIRÃO DOS SANTOS UNIVERSIDADE DO MINHO, BRAGA, 13º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, BRASIL 2010

EM DEMANDA DE UMA PASTELARIA EM ANGRA… (A VASCO PEREIRA DA COSTA),

Nem sempre o Artista incentiva o “leitor implícito” a cooperar na génese, evolução e finalização da sua obra, interpelando-o, de modo lúdico, para desafios gastronómicos, subtilezas etimológicas e questões narratológicas. Tal promoção, longe de significar a ‘morte’ do Autor, desemboca tão-somente numa almejada coincidência entre a leitura e a escrita, repassada de rasgos metaficcionais. Nostálgico tanto dos primórdios simbolizados pelo continente sepulto da Atlântida como da sua Ilha perdida, metaforizada em Menina, Mulher e Mãe, Vasco Pereira da Costa partilha, num processo de desmitificação, o espaço insular terceirense com o destinatário das ‘palavras que planta’ e das ‘lérias que vende’. Transmudando em oficina de escrita uma *Pastelaria* da *mui nobre, leal e sempre constante* Angra, vemo-lo a configurar, não sem a devida ironia, cenários preferencialmente distintos, a convocar personagens às quais dá vida (criaturas por ele não rejeitadas como as de Pirandello), a inventar os seus apurados diálogos (variações tendentes para a repetição), a escrevinhar os seus discursos esmerados (vezes sem conta indecisos, vazios de conteúdo) e a esboçar os seus fidedignos retratos, qual “fotograma” entronizado pela sátira, a raiar a caricatura, e reforçado por panóplia significativa de lugares-comuns, clichés e estereótipos.

Nos antípodas do telurismo de uma ‘Ilhíada’ flagelada, social e politicamente, vai-se delineando, pelas “Escadas do Império” (genericamente falando), uma autobiografia espiritual (emblematizada pelo desventurado “Dream Ship”, pela luso-ateniense “República dos Mil-Hafres” e pelas coimbrãs *Sobre Ripas Sobre Rimas*), escandida pelo apelo à odisseia que, tecida de laços duradouros (*My Californian Friends*) e de destinos imortalizados (*Terras*), se apresta a configurar a remitificção islenha.

É a vez de o leitor regressar à *Pastelaria*, onde o Autor, recorrendo e socorrendo-se do poder do Verbo, celebra – *Venho cá mandado do Senhor Espírito Santo* – a Alcatra e a madorra açóricas, reinventando esse esquivo conceito de *açorianidade* que a ‘Continentalidade’ não deixa de corroborar.

“Hei de charruar palavras. Hei de pendurar iscas nos anzóis da escrita. (1984: 30).

Acaso poderá o esteta do verbo ser considerado um “plantador de palavras” e um “vendedor de lérias”? E prescindir, para ‘oficina de escrita’, de uma islenha “Torre de Anto”[8] - “na cidade quieta” -, nostálgica do Mondego e varrida pelo Atlântico?

Do mesmo modo, será lícito encarar o leitor como coadjuvante ou cúmplice do plantio desses lexemas e da venda de tais patranhas? Prova flagrante da resposta afirmativa às questões formuladas não deixa de ser a obra de Vasco Pereira da Costa intitulada *Plantador de palavras Vendedor de lérias* e galardoada, em 1984, com o Prémio Miguel Torga.

[8] Ver, a este respeito, a homenagem a Coimbra de Vasco Pereira da Costa *in Sobre-Ripas Sobre-Rimas* (1994).

Assumindo-se como uma viagem no tempo[9], entre o passado irreversivelmente sepulto e o presente de contínuo convocado, rasgada, aqui e além, por laivos autobiográficos e por reptos metaficcionais que emolduram a génese de uma vocação, a sua eventual procrastinação, o amadurecimento de um pseudónimo, qual alterónimo patronímico ficcional (Manuel Policarpo), e a prossecução da carreira literária e pictórica deste último, a antologia de novelas em exegese lança para a ribalta um narrador-protagonista saudoso do *ab initio* simbolizado pela 'queda' da Atlântida:

"*Decididamente que me movem as saudades. As saudades e a nostalgia da ilha perdida – perdida sem remédio –*
[…]
A minha ilha não era esta.
[…].
Esta ilha já não era a minha." (Costa, 1984: 89).

Era outro, com efeito, o espaço insular onde, antes do terramoto, o quase iconoclasta de deuses e de fantasmas e o abjurador convicto de "assentar as albarcas da vida numa ilha" (1984: 32) vira a luz num berço-embarcação, aparentado à "Chalupa do Jé Vapor" (1984: 10), recriação de teor marítimo metonimicamente traduzida quer pela 'alcunha' do seu criador, Mestre Jangada, quer pelo nome com que este último a batizara: "Dream Ship". Nesse Pico e nessa Terceira de antanho, cuja identidade cultural se revelava similar, tinham vivido como camponeses (picarotos) e como comerciantes (terceirenses) o seu tetravô, Manuel Carauta Policarpo, "semeador de milhos" e "criador de cabras" (1984: 17), casado com Anastácia; o seu trisavô, Pedro Carauta Policarpo, unido matrimonialmente a Beatriz, da qual "*existe um autorretrato romântico na salinha dos retratos*." (1984: 25), e Vovô Manuel, conubiado com Vavó Dores, pais de Ti Fausto, irmão de Papai Manuel ou, mais bem-dito, de Manuel Terra Policarpo, "*arribado na chalupa Esperança à baía de Angra com uma trouxa de linho, uma saquinha de trapos donde roera o último biscoito de raiz de feto, e a carta ao desconhecido. Era o ano de 1920. Meu pai tinha 10 anos."* (1984: 36).

Seu Pai e, como é óbvio, pai também de seus irmãos, Mariana e Eduardo, já para não falar do Autor Vasco Pereira da Costa, que adota o seu nome como pintor…

Neste percurso insulano, de um insular que *"traz as ilhas todas na barriga" (1984: 32), espoletado pela ressurreição de Ti Fausto –*
" […]
e grande é o Pico porque grande é o Ti Fausto" (1984: 18) - e pela revisitação de espaços e tempos de outrora, relativizados posto que sobrepostos, destacam-se os escombros de uma casa volvida em esqueleto, de onde se avistava a Ilha de S. Jorge, bem como uma toponomástica significativa (o Largo da Ermida, os calhaus de Alcaide, a Prainha, a Fajã que se prolonga na Ponta da Fornalha, a Vila da Madalena e as duas torres da sua Igreja), que metaforizam a Ilha[10], para Ti Fausto e seu sobrinho, em Ilha-Menina, "de olhos puros como dois torrões de lava fresca e vidrada e gotejante da seiva da terra", em Ilha-Mulher, "inteiriça e possante", em Ilha-Mãe, simbolicamente representada pelo "ventre largo" e pelo "regaço acolhedor e cálido" (1984: 19), e, também, em Ilha-Madrasta ou "ilha de rabos-tortos" para Jaime Valdemiro de Sousa, personagem natural de Cerro, mas oriundo de Lisboa, porque "*para esta malta Coimbra é Lisboa, Braga é Lisboa, Setúbal também é Lisboa.*" (1978: 31-33).

Nos antípodas deste lirismo metafórico, visualiza-se, de supetão, um cru realismo inerente à pintura da "*mui nobre leal e sempre constante* cidade de Angra do Heroísmo, ao tempo em que o Autor nela carregava a sua adolescência de amores, temores e rancores", patente numa estatística de teor descritivo ou numa enumeração de cariz sociopopulacional que se pretende exaustiva, mas que mais não é do que uma estilização lúdica.

De facto, na capital da Terceira, burgo de "lojas sonolentas" (destaque-se a hipálage), "comerciantes lentos" e "clientes ensonados", habitam - e a ordem não é aleatória…

- "*um governador civil e três governadores militares; dezanove bombeiros voluntários*
[…];
vinte e cinco meninas que namoram à janela e
[…]
catorze desfloradas nos saguões; um bispo
[…],
três parvos oficiais,
[…]
trinta e quatro velhas de lenço
[…]
quarenta e sete bêbedos e oito senhores que andam às vezes alegrinhos." (1984: 40).

Neste balanço demográfico, o pormenor, hiperbolicamente exarado e matematicamente calculado às décimas, reforça a sátira de *ethos* não agressivo, mas corretora, corrobora a crítica sagaz, enfatiza a intenção irónica e acentua os efeitos cómicos[11]. Com efeito, dos quarenta e três professores do Liceu de Angra,

[9] "É por este viajar de tempo desfeito, desalinhavado por mãos doídas, posto debaixo dos pés hesitantes, correndo nas lágrimas em poeira fina como cinza de crematório;
[...]"
(1984: 15).

[10] Não deixa de ser interessante a conceção mitológica de Ilha para Ti Fausto: "A ilha
[...]
É uma namorada antiga,
[...]
Afiança que emprenhou a Ilha Calma numa madrugada luarenta da Senhora das Candeias,
[...]
E que o pico é a barriga da ilha, fecundada pela seiva fervente da sua força maciça." (1984: 18).

[11] Não olvidar alguns processos cómicos primários como, por exemplo, a hipérbole (repetição, redundância e exagero), a lítotes (elipse, condensação e transposição metafórica), a ironia (eufemismo, antífrase) e a inversão (quiasmo, paradoxo e paralogismo). Ainda a este propósito, afigura-se interessante revisitar, com Jean-Marc Defays (1996: 34-82), alguns efeitos do riso na interação verbal (o cómico pode interromper o interlocutor, atenuar uma afirmação e provocar uma reação), no plano psicológico (ao influenciar o estado de espírito dos participantes), no plano axiológico (ao emitir um juízo crítico, ao sancionar, ao moralizar), no plano sociológico

"*vinte são professores do Seminário maior, onde há quinhentos e sessenta e oito seminaristas menores, dos quais oitenta e nove vírgula seis por cento, oriundos da cristianíssima ilha de S. Miguel*
[…]"
(1984: 40-41).

E atente-se no superlativo, com valor depreciativo…

No que respeita à percentagem das viúvas, elas são em número de

"*quarenta e sete [viúvas] praticantes, vinte e seis [viúvas] protestantes e oito [viúvas] de fresco ainda indecisas,*
[…]"
(1984: 40). Por fim, "*quarenta e três indivíduos usam gravata verde porque são adeptos do Lusitânia e trinta e nove põem gravata vermelha porque são sócios do Angrense, havendo que mencionar ainda dois laços – um poeta e um boticário.*"

Note-se, de passagem, a reificação inerente à sinédoque "laços" …

Porém, o que interessa sobremaneira ao Autor é a escolha de um certo cenário de *Pastelaria* (uma das duas que existem em Angra, a par de dezoito tabernas e de seis cafés), onde possa talentosamente exercitar os seus dons demiúrgicos, à semelhança de Collodi que assiste à autonomia do Pinóquio, mas diversamente de Pirandello, em busca do qual andam as seis personagens…

E eis que as suas criaturas, assíduas frequentadoras da *Pastelaria* angrense - "*uma ilhota em tudo igual à Ilha lá de fora"* (1984: 42) -, adquirem vida, pela destreza da prosopografia e da etopeia que um discurso específico, linguisticamente apurado, confirma, ambos desaguando, retrato e discurso, na denúncia de uma mentalidade confrangedoramente estreita em consonância com o meio não arejado onde gesticulam as marionetas.

Desfilam, ante nós, em planos cinematográficos concebidos por uma escrita fotográfica que incisivos e sucessivos fotogramas cristalizam, a Dona Dionísia, baronesa da Ribeira Seca, cujo odor a felino lhe garante um posto reservado, conquanto solitário, ao pequeno-almoço; a garbosa D. Madalena, cliente das três da tarde, filha do Eleutério Retroseiro, cuja aventura com o galã da Base não escapa, impune, ao olhar punitivo do Fifi da Câmara; a Dona Olímpia, perita em adjetivação pejorativa no tocante ao queijo, mas deleteriamente irresoluta no que respeita à seleção da marca:

"São Jorge – apimentado; Flamengo – gorduroso; Castelinhos – farinhento; Frescal – insosso; Pico – enjoativo; Vaquinha – pastoso.
Sei lá, talvez Castelinhos, olhe não, pese-me antes do Pico, vou acabar por levar o Frescal, o menos mau ainda é o São Jorge, corte-me uma quarta de Flamengo." (1984: 45).

De realçar que apenas o queijo "Vaquinha" se viu enigmaticamente apartado do campo 'olímpico' da indecisão… A Dona Vitória, obcecada pelas interrogações direcionadas para o grau de frescor dos bolinhos, dos covilhetes e do folhado, e premiada, pela proprietária da *Pastelaria*, com a promessa de uma inevitável frescura saída não do forno, mas do frigorífico; a Dona Aurora, que vem aviar a sua 'receita' de sempre ou, por outras palavras, encher de bagaço um frasquinho de xarope, destinando-se esta solução açucarada a um bolo fantasmagórico, já que a aguardente (significante não pronunciado, por receio, talvez, do significado…) passa por cura milagrosa para uma inconfessável maleita.

A coroar o elenco de personagens, eis não só D. Carlota, irmã do Sr. Almirante, salvador de Angra que o procura *"pelo seu emprego, pelas suas sortes, pelas suas guerras, pelas suas vidas."* (1984: 46), mas também os salsicheiros Elmano, Olinda e seu cão Bobi, que abalam da Ilha por não haverem sido convidados para o casamento do filho de Nicolau Desarmadeira: "*Chamuscámos os porcos que esta ilha tinha / Já estão todos bem esfolados / partimos de bolsa cheia*." (1984: 49).

Bem interessante, no que respeita ao processo de escrita se revela o *explicit* da novela "vendedor de lérias", no qual surge o "Vigilante da Contenção e das Vírgulas", *alter-ego*, porventura, do Autor, cujas observações metalinguísticas e metaliterárias passam a moldar a gramática semântica-narrativa-estilística das restantes novelas.

Se a referência à releitura, às emendas e ao papel rasgado reenviam para uma genética textual indicadora de um parca fluência do verbo, tão-somente aperfeiçoada pelo trabalho artesanal do sujeito escrevente, e se a autoalusão ao "balzac de pacotilha" e ao "eça sem senso de mesura" apontam para uma voluntária mas imerecida filiação realista, simultaneamente almejada e denegada pelo Autor, o sintagma "o poder terrível das palavras"[12] torna cristalino o método de produção textual: por um lado, o Autor dá a sensação de se acusar do acometimento excessivo da sátira, patente na 'chapa' maquiavélica que fixa personagens não absolvidas, fustigadas pela vingança que "traumas infantis" geraram e que a "*máquina de projetar que traz sempre no bolso direito da bossa da memória eterniza*."

Por outro, e mercê de um longo segmento metaléptico em que as personagens atravessam a fronteira da ficção e penetram no real, saltando o responsável pelo livro para a ficção e logo transitando, por magia, desta última para a sua 'oficina', somos informados de que o Autor se ergue

(ao dividir o mundo entre os que riem e os que não sabem rir) e no plano ideológico (ao tomar o partido da subversão).

[12] "É este o poder que a escrita me dá: arrancar amarras de servidão, libertar enraizamentos daninhos, agarrar no tempo, torcê-lo, contorcê-lo e levá-lo até onde quero, anos e anos retrocedendo, tecendo as horas e os dias num tapete onde raspo as garras da memória. Assim, libérrimo pelo poder da palavra, já me passeio entre a gente que deixei (vivos e mortos) numa ilha de neblinas de linhaça, de verdes nebulosos, de eventos desatinados, de destinos encobertos." (1984: 39). Curioso se torna notar que a escrita catártica é a escrita da memória... Ver, ainda nesta sequência e em *Memória Breve*, a definição que dá o Autor de um escritor: "E o escritor é como a feiticeira que necessita de ler nas vísceras das vítimas esclarecedoras
[...]
o escritor é também um prestidigitador de verbos e um ilusionista de muitos truques (que, em certos momentos de fraqueza descamba para a confidência escusada)." (1987: 107-108).

"*da mesa onde rascunha, passeia-se de mãos atrás das costas (gesto muito seu quando não sabe o que escrever), sente a gana*
[…]
de rasgar tudo e começar de novo,
[…]
acende o cigarro da irresolução
[…]
quando avança resolutamente e faz isto." (1984: 50).

Estes dois sinais gráficos, ponto e vírgula e ponto, tanto parecem alertar para o término da indeterminação do artista como anunciar o seu recomeço sisífico, visível nas novelas fiscalizadas pelo sensato "Vigilante da Contenção e das Vírgulas", alvo de certa crítica institucional - a "*ponderação educada e domesticada na Faculdade de Letras de Coimbra" e "a qualidade das boas-maneiras adquiridas nas sólidas instituições burguesas de uma ilha com abalos-só-de-terra*." (1984: 50).

Em "O Primeiro Diógenes" (novela 'vigiada'), deparamos com um "*exemplo de pai de família*" que, na Pastelaria, após hesitar entre uma água gelada das Lombadas, uma limonada fresquinha, uma cerveja preta ao natural, um copo de leite frio sem açúcar e um pirolito com um pouco de vinho branco, opta, finda a enumeração que tão-somente veicula a falácia da hesitação, pela bebida que Angra sabia, à partida, que ele iria tomar: o vinho branco, mesmo "*do bom, do Continente*." (1984: 55).

Sublinhe-se, de passagem, a quase antropomorfose angrense, carreando a crítica (grafada entre parênteses como um aparte falaciosamente anódino) à coscuvilhice e ao mexerico que fervilham na capital terceirense:

> "*Ora, Angra inteira sabia (e o que é que Angra não sabia…?*)" (1984: 56); "*Beber, sim, mas com dissimulação, às escondidas (às escondidas de Angra…), despercebido*,
> […]"
> (1984: 57): "*Este jogo das escondidas (jogar às escondidas com Angra é perigoso - Diógenes devia saber*)
> […]"
> (1984: 57).

É ainda esta personagem que, ciliciando-se, numa quinta-feira santa, com a ausência da receita do Dr. Penicilina –

"[…]
só branco, Diógenes, só branco, nada dessas zurrapas de tinto que dão cabo do estômago…" (1984: 56) -,
pede ao filho que vá à venda do Senhor Lourinho encher uma garrafinha de vinho da Graciosa (não para ele, neste jogo simulatório entre o que é e o que parece ser, mas para a "Alcatra" do Domingo de Páscoa), acabando, suma humilhação a sua, por ser aniquilado pela interrogação, nada retórica, do seu Francisquinho, elevando-se como farpa auditiva no silêncio fúnebre do andamento do cortejo:
"- *Ó pai, é branco ou tinto*?" (1984: 59).

Transitando para "O Anãozinho de São Jorge", vamos encontrar, de novo na *Pastelaria* de Angra, Joringel, o homem mais alto da ilha, e o supracitado "Anãozinho" que Já Caiota (Joringel) considerava pertença sua, a ponto de proprietário e propriedade terem sido fotografados pelo *Diário das Ilhas*, que publicou a seguinte legenda:

"[…]
aperto-de-mão que uniu para sempre o homem mais alto da Terceira ao ser mais reduzido da Ilha dos Queijos." (1984: 65).

Paralelamente à crítica do clero - emblematizada pela figura austera do Cónego Severo, "*parente imprescindível nos serões de compostura, festa de anos, refeições de família*." (1984: 57) - e à crítica da mentalidade, que o plural da desordenada sucessão amplifica - "*A cidade impava de alegrias ao ver desembarcar efebéis, jornalistas, fotógrafos, carros, Nixons, televisões, Pompidous… e, agora, anões*." (1984: 64) -, vai-se esboçando a crítica de um certo discurso jornalístico, ávido de uma "Coluna Social" supostamente sensacionalista, repassado de lugares-comuns e eivado de clichés ao serviço da salazarista Pátria [afinal, este antissalazarismo está patente em "O Manel d'Arriaga", no momento em que o protagonista, Jaime de Sousa, por entre a parafernália de "Vivas" a Salazar, ousa proferir "VIV'Ó MANEL D'ARRIAGA! (1978: 36)].

É o caso do *Diário das Ilhas - Pelos Açores ao Serviço da Pátria*, que patrioticamente noticia a chegada, à Ilha Terceira de Jesus Cristo, que já recebera Nixon e Pompidou e "*onde Portugal já foi só*" (1984: 69), de um veleiro proveniente da velha Albion, bem como a receção que lhe deverá ser feita pelo Senhor Guilherme Teles, o qual, "aqui na ilha", é "assim como o cônsul da Inglaterra" (1984: 78), para além de ser íntimo de M. Roads, "*exímio executante de oboé na Filarmónica Inglesa."* (1984: 69).

O aviso oficial na *Pastelaria* pasmada (repare-se, uma vez mais, na hipálage), bem como a risível evolução de um acontecimento primando pela banalidade, merecem análise atenta

- *pelo desfasamento flagrante entre o evento constrangedoramente trivial (a atracação de um veleiro inglês na baía de Angra) e a solenidade irrisória do seu pomposo acolhimento;*
- *pelo aparato ridículo que preside ao ensaio, na "língua bárbara" de Guilherme Teles (um inglês barbaramente falado), de um oficial (e não oficioso) discurso de boas-vindas, com enfoque turístico no verdelho insular:*
- *"[…]*
- *oariú-veriuel-tanquiú-plise-eve-a-glesse-of-waine-ver-dei-lhu-v´ri-gude*
- *[…]"*
- *(1984: 71);*
- *pela amplificação megalómana, carreando a desfiguração ou desvirtuação, porventura equivalente à assunção verbal, polifónica, de certas fobias recalcadas ou determinadas ignorâncias atávicas. Mediante a hodologia, ou seja, o itinerário específico do rumor, boato ou burburinho, o barbeiro transmuta o veleiro britânico em "submarino inglês que trazia a banda de música da freguesia de Londres e que ia tocar oboés - devem ser cantigas da moda - em frente da casa do Senhor Guilherminho, ali ao Pisão." (1984: 74). Por sua vez, no Largo das Camionetas do Prior do Crato, o único*

veleiro desdobra-se e prolifera em "esquadra de jipes anfíbios" rumando à baía carregado de oboés "- se calhar bombas atómicas… E que o Senhor Guilherminho é que ia falar inglês com os ingleses"; do mesmo modo, é o veleiro anódino metamorfoseado, na Farmácia, em "paquete de dois canos fumegantes", "com lindos oboés à proa e à ré. - Oboés? - Pois sim, uma espécie de telescópios! E que trazia um oboé de presente da parte da Rainha de Inglaterra, que era amiga de um amigo que estivera na ilha no tempo de guerra. Amigo do Senhor Guilherminho, oboé para o Senhor Guilherminho." (1984: 74-75). Por fim, neste contexto humorístico e rumorófilo, gaba-se Calvino, proprietário do botequim epónimo, de brevemente receber três visitas "de autorizo: três almirantes da Marinha Inglesa que tinham chegado com uma rapariga que adoecera no Faial com a doença dos oboés. Destas moléstias modernas…" (1984: 75). Desapercebidos, nesta conjuntura, não podem ficar o discurso indireto livre, assinalado com itálico, equivalente à focalização interna, assim como o diminutivo aparentemente hipocorístico de Guilherme, a redundância absurda "falar inglês com os ingleses" e o falso plurissemantismo, ditado pelo desconhecimento, do termo "oboé";

- *pela antítese linguística e cultural entre o Senhor Guilherme Teles, pragmático e triunfalista (falante de um inglês "arranhado"), e o Dr. Fedro, professor de Latim no Liceu, adepto de um "cadavérico latinório", recitador de Vergílio "ora em melopeias de adágio ora em ressonâncias de pilhéria. Aquela dos pisces foederunt cunas igualava em gaitadas o pay day was a week ago." (1984: 71);*
- *pelo recurso à imagologia[13], ou seja, à representação, não raro minimalista e estereotipada, do estrangeiro na capital da Terceira:*

"- E mete-se uma rapariga pelo mar dentro, sozinha, com dois homens! Que desatino! Que pouca vergonha! Também ouvi dizer que aí para fora é uma, ai como é que se diz, uma… promisporquidade…! Um desassossego!

Não! Os ingleses são pessoas de recato. Isso deve ser para a terra da América, que é país de muita nação." (1984: 73);

- pelo contraste elucidativo entre o frenesim dos habitantes, que aguardam impacientemente o veleiro, e a impassibilidade da natureza, que imperturbavelmente segue o seu curso sazonal: "Para lá do mar, São Jorge recolhia-se, abrasado por um sol de lume, envolto pelo negro cone do pico do Pico." (1984: 75);

- pela consciência cratiliana da linguagem, patente na escolha motivada do nome, ou, por outras palavras, sequaz da não arbitrariedade do signo linguístico: se a Farmácia de Angra batizada foi de "Cura", se o médico da ilha é conhecido por "Dr. Penicilina" e se o barbeiro terceirense se chama Mestre "Lêndea", reenviando ao pouco simpático parasita do universo capilar, Jé Caiota tem o nome da homónima planta herbácea e trepadora, enquanto o Professor de Latim, Fedro, não interlocutor de Sócrates, mas do Senhor Guilherminho, entusiasta da "Beleza, com maiúscula" (1984: 72), remete para o tratado platónico do amor e da retórica, fusão do Górgias e do Banquete

- pelo pressentimento de eventual catástrofe (do naufrágio do veleiro, talvez), que a espera longa e insana corrobora, traduzida por quatro presságios, não tanto arautos de uma peça trágica mal alinhavada, mas, preferencialmente, de uma obra cómica habilmente dissimulada, no tocante, sobretudo, quer à comparação semanticamente dinâmica, quer à confusão que se instala no campo lexical das vozes dos animais:

"[…]

o rato atropelado pelo Eufrásio carroceiro guinchara um estranho choro de toninha; a nuvem negra em forma de mulher deambulara como uma carpideira; o calor desusado caíra na noite imprevista; o ralho do cagarro ecoara uivante e canino e sinistro." (1984: 77);

- pelo explicit da novela que, lesto, se apressa a desmontar, de forma abrupta e lúdica, o suspense narrativo inerente tanto à espera solene do veleiro e à subsequente estada, na generosa Angra, de três "Ingleses de Inglaterra" (1984: 78), como à hospitalidade oca do Senhor Guilherminho - perito em falar do que nunca visitou e em contar o que nunca ouviu - e à degustação do verdelho no botequim do Calvino (…que não é Italo):

- Ubi veritas? – dignificou-se o Dr. Fedro.

- Onde é que eles estão? – cramou Jé Caiota, fungando o desaire.

- Ubei, senhores, eu cá sei… Eles chegaram eram três e piques, atracaram, vi os papéis, mercaram o que lhes convinha, eram umas cinco e já iam adiante dos ilhéus na rota de S. Miguel…" (1984: 78).

Se a *Pastelaria* angrense não pôde, desta vez, presenciar o não-acontecimento, não deixou de ser palco, num passado próximo, de outras estórias, como a do duo Belmiro e Delmiro, o primeiro amante da fotografia, devoto o segundo de um

> *"casal de bicos-de-lacre." (1984: 55), ambos com "a idade imprecisa dos 40-60, o trajar dos homens 40-60, a estatura meã da cidade em idade 40-60, a obesidade de Angra nos 40-60, a despreocupação de quem vive apenas pré-ocupado pelos rendimentos das casas*
> *[…]*
> *do acento na certeza de que hoje é hoje e amanhã será, na mesa da Pastelaria, ao fundo, conversa com conversa*
> *[…]"* (1984: 39).

Por vezes, a *Pastelaria*, cujo vidro rachado expõe à curiosidade alheia "*Chocolates-Favorita-Bolachas*" (1978: 40), cede lugar ao Café Portugal, em cujas mesas de mármore o Beque perora sobre um tempo que já não é, em confronto - reforçado pela retoma do segmento frásico - com o tempo que passou a ser:

> " *- Eu sou do tempo em que um defesa era um beque, um médio era um àfebeque, um guarda-redes era um quipa; em que um canto era um corna, um fora-de-jogo era um ofessaide; eu sou do tempo em que uma escarradela nas trombas do árbitro era um livre indireto*." (1978: 95).

De um a outro tempo, já que o espaço permanece inalterável, assiste-se, por um lado, à largada onírica para a América –

> "*Se não tivesse o senou a caiar-me as fontes, ia mas era para a América." (1978: 21) -, à chegada das missivas do Canadá –*
> *"[...]*

[13] Segundo Jean-Marc Moura (2005: 205-215), a imagologia pode ser definida como o estudo das imagens literárias do estrangeiro, provenientes da oposição eu/outro, identidade/alteridade.

as dolas que vieram nas cartas" (1978: 22) -,
à metamorfose do ilhéu despretensioso em espalhafatoso luso-americano

- "*Que Mercês está feita uma calafona da ponta da orelha, com óculos de borboleta e cabelos prateados*." (1978: 26) -,

ouvindo-se, por outro, o castiço idioleto com o qual Inês Saiote brinda os tripulantes do Funchal entrementes atracado:

"*Aqui [Igreja do Colégio dos Jesuítas] recebeu ordens o*
[...]
mártir terceirense, Terceira ailande mártir, por pregar a vré fuá de Cristo Craiste aos Japoneses, Japnize, crrrrrrrr, de-go-la-do, cortaram-lhe la téte, assim,
[...]
big naifa no neque,
[...]
há de vir a ser santo, véri, véri, véri milagres, este papa
[...]
que sofreu muito, big pancada, tré porrada, mas o poder de Nosso Senhor, Oh iesse, é muito gran, muito enorme o pauer de Jesus." (1984: 84).

Idioleto similar, mesclado com a gíria estudantil, pelo tempo balizada ("pá"), pode ser ouvido na "Real República dos MIL-HAFRES" - onde quase "todos os republicos eram das ilhas" (1979: 15) -, pela voz do Jéjé machista, que divaga sobre as divergências prototípicas entre a mulher açoriana e a mulher continental:

"- A mulher de cá [Coimbra] pá é muito dada portanto dá-se com os rapazes
[...]
lá [Ilha] pá
[...]
a gente tem mais confiança pá há menos baldas portanto elas ficam em casa a gente só namora à tarde
[...]"
(1979: 40).

Fazendo jus não a um "pitoresco regionalista"[14], como afirmou Cristóvão de Aguiar, mas a um telurismo pictórico e cinematográfico que, num eficaz "zoom", sobrevoa a sátira e raia a caricatura, o narrador (que se autonomeia Autor) torna-se exímio em partilhar a sua aventura de escrita com o narratário, diretamente inscrito na narrativa, de contínuo interpelado e não raro designado, algo cerimoniosamente, não pela tradicional expressão pluralizante "Minhas Senhoras e Meus Senhores", mas pela inversão dessa fórmula plural convencionalizada - "Meus Senhores e Minhas Senhoras" (1984: 41) - ou, então, num crescendo de familiaridade, por leitor e por "meu amigo".

Em *Amanhece a Cidade* (rememoração dos tempos de estudante em Coimbra), a atenção dispensada ao leitor - não ao leitor real, mas ao leitor implícito de Iser e ao leitor modelo de Eco[15] - firma a leitura como uma criação dirigida e cooperante - sem carrear a barthesiana morte do Autor[16] - tendente para a atualização textual e subsequente preenchimento de voluntários pontos de indeterminação:

"*Agora, meu amigo, já estás inteirado.*
[...].
Talvez gostasses mais que a estória se desenrolasse sem estas quebras, sem estes golpes, sem estas intromissões. Mas eu, autor de ficção, não posso partir do nada.
[...].
Depois, apanha esses bocados de História e de estória e constrói, tu próprio, a tua história." (1979: 47-48).

Não se torna despiciendo alertar para quase um desmentido, por parte do Autor, de tal desafio a uma leitura encarada como "game" (orquestrada pela reflexão) e não como "playing"[17] (onde impera a ilusão):

"Mas tu, que estás aí sentadinho, é que não tens obrigação nenhuma de seguir assim, entrecortado, este desfiar de conversa,
[...]"
(1979: 45).

Mediante este repto ao destinatário da narrativa, que tanto surge no texto como no paratexto (epígrafes[18] e notas de rodapé), expressa o narrador as suas reservas relativas a um eventual estatuto de omnipresença que não deseja ter - "*Os que estão em toda a*

[14] Cf. Contracapa de *Nas Escadas do Império* (1978).

[15] De salientar que, para Iser e Eco, é o efeito da leitura, ou seja, o efeito produzido pelo texto sobre o leitor, e não o sentido da obra literária que importa. Se o leitor modelo pode ser definido como sendo um leitor capaz de cooperar na atualização do texto, o leitor implícito é, também, uma estrutura textual, não se identificando com o leitor real, nem com o narratário, equivalente ao destinatário e situando-se, por conseguinte, ao mesmo nível que o narrador. Ver Piégay-Gros, Nathalie (2002) *Le Lecteur*.

[16] Ver, sobre a figura do Autor, Couturier, Maurice : "*Pourtant la communication textuelle*
[...]
possède les principales caractéristiques de la conversation haïssante et amoureuse :
[...] c'est à travers ce ***jeu croisé des*** *désirs et des revendications des deux interlocuteurs que se tisse la trame serrée du texte comme interface, interface qui les met en rapport l'un avec l'autre et les maintient aussi paradoxalement à distance.*
[...]
L'auteur réel est, pour moi lecteur, un sujet mort qui autrefois a désiré de créer et dont le texte tient lieu en tant que corpus." (1995: 241-242). Ver, também, DIAZ, José-Luis: "*Car si l'écrivain s'encrypte comme auteur - en produisant une série de signes conformes aux scénarios auctoriaux en vigueur et en se construisant ainsi lui-même comme une sorte de méta-oeuvre -, le lecteur, lui, doit ensuite*
[...]
décrypter ces signes auctoriaux et chercher à les raccorder entre eux.
[...]
il doit construire une sorte d'auteur de synthèse, en faisant des hypothèses opératoires tant sur l'intentionnalité sémantico-pragmatique de ses diverses publications que sur son identité existentielle." (1996 : 110).

[17] Esta terminologia é da autoria de Michel Picard (1986). Ver, também, sobre a leitura, o ensaio de Vincent Jouve (1997).

[18] *"Onde mais uma vez se interrompe a narrativa, desta feita para bedelhar uma aula, e se antecipa uma palavra que só havera* [sic] *de ter cabidela lá mais para diante."* (1979: 57).

parte, acabam por pairar em nenhures." (1979: 48) -, optando metalepticamente por se inserir na obra aberta[19]:

"*Aí vai a minha reivindicação de autor; ser também ator neste tablado!... Mas não sei como nem como não. Acabarás por dizer:*

Este tipo não sai da obra!...
Olha: é isso que pretendo!" (1979: 57).

Por vezes, em vez de intimar coloquialmente o leitor, a ele se dirigindo na segunda pessoa do singular –

"Isto, que agora, te escrevo,
[...]"
(1984: 89)

/ "*Confesso que me perdi. Desculpa lá, ó tu que lês*." (1978: 137) -, não se furta, sem aviso prévio, a inclui-lo na primeira pessoa do plural, conferindo a tal cumplicidade não só uma função afetiva, mas, sobretudo, uma função cognitiva:

"Tio Paulino ainda não lhe conhece os efeitos porque, neste momento, somos apenas quatro os detentores da verdade total.
[...]
entremos de seguida na conversa que me foi transmitida pelo Rolinha,
[...]"
(1978: 61-63).

Deveras curioso se torna o facto de certas personagens, perseguidas pela tenacidade do Autor - *"Sento-me à mesa das literatices e vejo o Fandulho a fugir-me por entre os rabiscos da esferográfica que o tenta reinventar*." (1978: 100) -, mas reticentes ao 'salto' para o papel, questionarem um público leitor coletivo (dando-lhe um tratamento frequente em meios rurais) sobre a legitimidade da sua 'literalização':

"*Logo de manhãzinha pôs-se a meter comigo, o Fandulho assim, o Fandulho assado,*
[...]
Mas digam-me vossemecês, se é que estão pelos ajustes: há direito de vir por aí uma porquidade de fala politica tirar a gente do nosso sossego para nos ajeitar num livro que é coisa que não é terminante e assim fiquemos toda a vida e mais seis meses numa chapa que não tem nada a ver com a nossa feição...?"
(1978: 100).

Os dados estão lançados para a visão da literatura como o espaço de recusa do romanesco e da fixação, em "chapas", de personagens redondas volvidas em tipos, relegando para plano secundário a feição genuína do ilhéu e a "poesia da ilha" (1978: 102), ou seja, a açorianidade[20].

Ora, é este multifacetado, fugaz e equívoco conceito que atravessa a obra, poética e em prosa, de Vasco Pereira da Costa[21]: uma açorianidade que tanto se eleva a voos líricos e míticos ditados pela saudade, como prosaicamente se rebaixa aos escaninhos insulares, dissecados pela ironia. Assim é que o leitor depara, numa primeira fase, com a açorianidade geográfica, moldada pelos abalos de terra, pelos vulcões e pelas correntes marítimas, responsáveis pela precariedade da sobrevivência humana:

"*Quinhentos anos de abalos e vulcões enfeixados no vazio medo de um minuto ilhéu e poderoso*." (1984:5).

Numa segunda etapa, vem a açorianidade meteorológica, epidermicamente sofrida, a que dão vida os ciclones (e não o internacional anticiclone açórico...), a bruma cerrada, a humidade doentia e a incessante bátega de chuva:

"- *Isto está mesmo um tempo de abalos de terra! T'arrenego, excomungado!"* (1978:12);

"*Inesperada, ímpia, cronometrada, excomungada, uma forte pancada de água, daquelas que só em ilhas que exportam ciclones e depressões para esse mundo sem clima*.
[...]" (1984:58);

"Pela Canada Nova entra um nevoeiro pegajoso e de madorra." (1978: 11).

Num terceiro movimento desenha-se a açorianidade sociológica, confinando com a pequenez insular, já que

"*Quem em ilha nasce logo cedo reconhece / onde o menos se distende e como o mais fenece*. / / ("Ios")" e "
[...]

[19] A obra aberta, 'simbolizada' pelo título escolhido por Umberto Eco, tornou-se um *topos* da nossa modernidade, constituindo condição *sine qua non* da sua longevidade.

[20] Entendemos açorianidade no sentido que lhe dá Vitorino Nemésio: "Em primeiro lugar, o apego à terra, esse amor elementar que não conhece razões, mas impulsos; - e logo o sentimento de uma herança étnica que se relaciona intimamente com a grandeza do mar.
[...]
Uma espécie de embriaguez do isolamento impregna a alma e os atos de todo o ilhéu, estrutura-lhe o espírito e procura uma fórmula quase religiosa de convívio com quem não teve a fortuna de nascer, como o *logos*, na água." (*apud A questão da literatura açoriana*, 1983: 33).

[21] Ver, a respeito do lastro da memória na obra de Vasco Pereira da Costa, Bettencourt, Urbano:
" [...]
uma memória geográfica, propiciando a representação de um espaço e de um tempo que são fundamentalmente os da infância e mesmo da adolescência
[...]
uma memória cultural
[...].
Trata-se sobretudo de indagar a profunda verdade humana e afetiva que subjaz aos acontecimentos narrados, articulando-os, por vezes, com a realidade do presente,
[...]" (1999: 116-117).

apenas nas ilhas se aprende / o minguado da terra e do céu /
[...]"
("Paros") (1997: 16-17).

Configurando e defluindo desta sociologia da açorianidade, eis que surge o inferno da curiosidade, de que a maledicência e o falatório são paradigmas:

"*Nas escadas do império e nos baldes do chafariz ia grande falatório,*
[..]" (1978: 59);

"*Todas três [D. Maria Angra, D. Georgina e D. Brianda] varadas pela língua maledicente de uma cidade que, para o ser, precisa que a novidade surja a alimentar a fome escarninha dos seus limites escassos."* (1978: 75);

"[...] *ou a pequenez da terra pisável com uma vida à sua medida mesquinha, centrada numa cidade pechenchinha de ideias e de anseios,*
[...]"
(1978: 72).

Um quarto item da noção esquiva em apreço é a açorianidade etnográfica e gastronómica, que a religiosidade popular (o culto pelo Divino Espírito Santo) e o orgulho na alcatra islenha firmam inegavelmente:

"*Se cada terra tem o seu manjar peculiar, se a* ***Paella*** *é valenciana, o borrego alentejano, a* ***Lasagna Stuffata*** *dos italianos, o* ***Roast-beef*** *das Inglaterras, as esquisitices francesas, as enguias da Murtosa, a Alcatra - é nossa!"* (1980: 6).

E se uma quinta vertente aponta para a açorianidade caraterológica, suscetível de ser definida como o ritmo específico da lentidão dos dias e das horas, desaguando na indolência, na pasmaceira e na demissão da vontade, a sexta caraterística remete para a açorianidade psicológica, bipartida entre a invasão (pelo letal aborrecimento) e a evasão (tentame de emigrar, cortando as amarras da ilha...). Afinal, viver numa ilha mais não é, citando o poeta ficcional Vicente, "o poeta louco do Pátio da Alfândega" (1978: 83), que

"*estar rodeado de água, mesmo por cima.*
[...]
olhar o horizonte à procura de uma nuvem que enforme outra ilha
. [...]
estar, dificilmente estar, de pé, com a mornaça que abafa.
[...]
estar, de frente, custosamente de frente, enfrentando o que sabe-se lá.
[...]
querer ver abertamente na cortina pegajosa que traga coisas e gente." (1978: 70).

Esta tipologia de açorianidades não ficaria, como é óbvio, completa, caso não se abordasse a açorianidade mítica, nas suas três vertentes de hereditariedade, de habituação *versus* exílio e de saudade, que perpassam em *My Californian Friends*. Assim sendo, e no que respeita à hereditariedade, o *explicit* do poema "Um Bourbon com Tony Goulart" não deixa de ser elucidativo:

*"Eu que sou meio picaroto digo / isto baixo e mansamente / (à moda do Pico) / rodando o Bourbon frio / com quem me entende: / ...heredities, my friend" (*1999: 15).

No tocante ao exílio, ele é evidente no poema "O pescador de San Diego", que

"*Trazia os olhos de mar marejados / da negra montanha dum outro mar / cinzas do Pico névoas dos cerrados / o sal - alma das águas a sulcar."* (1999: 13).

Quanto à habituação - o 'grau zero' da açorianidade? -, é de realçar o caso de "Meu primo Manuel":

"Meu primo Manuel da Prainha do Pico
vive en San José. Trabalha no dry wall.
Não quis como o pai albacora nem bonito:
Trabalha ao sol da Califórnia - de sol a sol.

Tem lindo home que ele próprio ergueu:
Back yard living room kitchen com talaveja.
Na garage uma van. Tem muito de seu.
E a mesa farta para que farte e se veja.
[...]

Mas pensa em comprar a Companhia
Do boss - retired já e podre de rico.
Eis pois enfim a suprema galhardia
De meu primo Manuel da Prainha do Pico.

Uma história com a desejada apoteose
o grand'final ilhéu o picaroto happy-end...
se não vier a agravar-se a espondilose
e aquela dor nas costas que ele desentende."
(1999: 11).

Por fim, e nos antípodas do primo Manuel, picaroto calafona, erguem-se as saudades do Matateu:

"[...]
Numa rua de Sacramento encontrei o Matateu
[...]
À queima-roupa disparou que envelheceu
[...]
Agora leva e traz meninos à escola
Num schoolbus amarelo metido numa farda.
[...]
Saudades da nossa terra? – Em barda!
E molham-se os versos do que ele me disse." (1999: 9).

Para concluir, e como leitora que somos, não podemos deixar em silêncio as questões que o Autor de *Memória Breve* nos coloca na novela "A receita", cuja história se afigura fácil de resumir: o narrador almeja por uma célebre receita da sua tia Virgínia, que ele batizou de "Maria Xindó", e que, por ironia do destino, não é a receita da tia, mas da Silvaninha, que a prepara na "*cozinha amarela que fora de minha [sua] avó Jacinta.*" (1978: 115).

Na página 113, a primeira e única nota de rodapé é a seguinte:

"*Uso Virgina e não Virgínia por dois motivos. O primeiro porque é assim que se diz na freguesia; o segundo porque me traz ressonâncias muito sugestivas. A si, não*?" (1978: 113).

A nossa resposta é afirmativa, atendendo ao retrato da tia em questão:

"*Mas aquilo é mesmo... uma Xindó, misto de dó, chilique e chinó,*
[...]
licores de tangerina e bolachas marselhesas,
[...] e uma rigidez virginal que não fora o Padre Francisco, diria de viuvez." (1978: 113).

Na página 116, lemos na quarta nota de rodapé: "*Quer experimentar a receita...?" (*1978: 116).

Para responder cabalmente à questão, transcrevemo-la:

> *"Bote-se pra dentro do alguidá a farinha, o açucre, a manteia, os ovos, o leitinho, e bate-se tudo munto bem. Ao dipôs amanda-se lá pra dentro com pozes da azia [bicarbornato] ou pozes da harmonia [amoníaco] ou pozes amaricanos [Fermento Royal].*
> *Se ficar molinho, é pudim; se ficar fofinho, é bolo*." (1978: 116).

Experimentei: ficou *no entre...*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Almeida, Onésimo Teotónio. (1983) *A questão da literatura açoriana. Recolha de Intervenções e Revisitação*, Angra do Heroísmo: Secretaria Regional de Educação e Cultura.

Bettencourt, Urbano. (1999) *'Vasco Pereira da Costa'*. In *O Gosto das Palavras*. Lisboa: Edições Salamandra, coleção Garajau.

Costa, Vasco Pereira da. (1978) *Nas Escadas do Império*, Coimbra: Ficção – *Centelha*.

Costa, Vasco Pereira da. (1979). Amanhece *a cidade*, Coimbra: Ficção – *Centelha*.

Costa, Vasco Pereira da. (1980). Venho *cá mandado do Senhor Espírito Santo*, Açores – Ilha Terceira.

Costa, Vasco Pereira da. (1984) *Plantador de Palavras Vendedor de Lérias*, Coimbra: Edição Câmara Municipal de Coimbra, Serviços Culturais.

Costa, Vasco Pereira da. (1987) *Memória Breve*, Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, Coleção *Insula* – Nova Série, nº 1.

Costa, Vasco Pereira da. (1994) *Sobre-Ripas Sobre-Rimas*, Coimbra: Poesia Minerva.

Costa, Vasco Pereira da. (1997) *Terras. Poemas*, Porto: Campo das Letras – Editores, Instantes de Leitura.

Costa, Vasco Pereira da. (1999) *My Californian Friends. Poesia*, Gávea Brown: Palimage Editores.

Couturier, Maurice. (1995) *La Figure de l'Auteur*, Paris: Seuil, col. Poétique.

Defays, Jean-Marc. (1996) *Le comique*, Paris: Seuil.

Diaz, José-Luis. (1996) *'L'auteur vu d'en face'*. In Gabrielle Chamarat et Alain Goulet (eds.) *L'auteur*. Colloque de Cerisy-la-Salle. Presses Universitaires de Caen: Centre de Recherche "Textes / Histoire / Langages".

Jouve, Viincent. (1997) *La Lecture*, Paris: Hachette, col. Contours Littéraires.

Moura, Jean-Marc. (2005) *'Imagologie littéraire et mythe'*. In Danièle Chauvin, André Siganos et Philippe Walter (eds.) *Questions de Mythocritique. Dictionnaire*. Paris: Éditions Imago, 205-215.

Picard, Michel. (1986) *La lecture comme jeu: essai sur la littérature*, Paris: Minuit.

Piegay-Gros, Nathalie. (2002) *Le Lecteur*, Paris: GF Flammarion, col. "Lettres".

10. ROSÁRIO GIRÃO DOS SANTOS, UNIVERSIDADE DO MINHO, BRAGA 14º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, BRAGANÇA 2010

TEMA 1. ABÍLIO, FERNANDO, GIBICAS E ADRIANO: A AÇORIANIDADE NO ENTRE CÁ E LÁ...

Desde sempre que a infância se tem vindo a firmar como tema privilegiado de artistas, escritores e poetas, que tanto a evocam como "âge d'or" irreversível como irrevogavelmente deploram o seu pendor traumático. Paraíso ou Purgatório perdidos, mas invocados pela pena do adulto que se deleita na sua revisitação, eufórica e disfórica, não raro surge a meninice como etapa inicial e iniciática da aprendizagem de vida, mercê da relação (e inversão ou subversão...), mais ou menos conflituosa, entre o mestre e o discípulo, coadjuvada pela figura do cúmplice.

Assim é que o nemesiano Abílio se vê forçado a rumar ao Brasil por ser "cabeça de boga" ou, mais bem-dito, por obter no exame a menção de suficiente, que tanto desilude seu pai e afasta Lucinda, sua namorada, como consolida a amizade por Matesinho, aprovado com distinção. Por sua vez, Fernando ("A leitura da Bíblia" de Cristóvão de Aguiar), ao questionar as inquestionáveis verdades bíblicas lidas ao serão 'clandestino', torna-se vítima quer da ameaça de excomunhão por parte do Sr. Padre, quer dos "picanços aguçados" de uma cana-da-índia com que o progenitor recompensa o seu espírito crítico, tido por heresia, arrependendo-se, entrementes, do castigo infligido e anelando embarcar para a América, paradigma de liberdade.

Uma visão diferente do Novo Mundo tem Gibicas, herói da novela epónima de Vasco Pereira da Costa, que, professor de 'Vitalogia', verbera os Americanos da Base por defraudarem as expetativas remuneratórias do *pater familias* (despedindo-o quando desnecessário...) e refuta o coro dos "Thank you", hino à prepotência orquestrado por Mestre Honório.

Nos antípodas de Gibicas vem Adriano (Onésimo Teotónio Almeida), variavelmente focalizado, renegar as suas origens terceirenses, patentear o seu ódio pelos micaelenses, jactando-se com as suas "bísinas", ultrapassando a sua condição humilhante de emigrado e triunfando, mercê do seu pragmatismo, como aculturado 'I(USA)landês'. No *entre cá* e

lá, vai-se esboçando, numa perspetiva diacrónica, o conceito-imagem de açorianidade, filtrado pela convergência e divergência de olhares, submissos e irreverentes, de homens de palmo e meio, 'vencidos da vida' ou dela vitoriosos.

Nucibus relictis (quando deixamos de jogar às nozes)
Um *home* é um *home* (Cristóvão de Aguiar, 2003: 95)

Antes de procedermos à apresentação quadripartida dos nossos convidados de honra ficcionais - Abílio, Fernando, Gibicas e Adriano -, dispensando a apresentação dos seus quatro criadores - Vitorino Nemésio, Cristóvão de Aguiar, Vasco Pereira da Costa e Onésimo Teotónio Almeida -, 'brinquemos' aos conceitos, jogando menos com o 'Demónio da teoria' do que com uma teoria 'salvífica' desaguando numa crítica sinónima de "discours sur les oeuvres littéraires qui met l'accent sur l'expérience de la lecture." (Compagnon, 1998: 20).

Tal introito teórico afigura-se tão mais necessário quanto problemáticos se revelam a noção de "Bildung", os seus tentames de tradução a partir da língua alemã, bem como a sua irradiação em subgéneros narrativos afins - embora estes não sejam entidades estáticas, à imagem do sistema literário caraterizado pela tensão entre homeostase e homeorrese (Ribeiro, 1998: 17) -, de entre os quais ressalta o "Bildungsroman".

É neste contexto específico que as opiniões avalizadas de certos críticos precursores do domínio teórico em apreço não deixam de diferir: se, para Lukács, na sua *Teoria do Romance*, o "Bildungsroman", avatar degradado de um género que aparece como reflexo nostálgico de um paraíso perdido[22], surge sob a égide da decadência, destacando-se pela sua posição intermediária entre o abstrato idealismo quixotesco e o flaubertiano romantismo da desilusão (patente em *L'Éducation Sentimentale*), para Bakhtine a mesma categoria histórica é fruto de um lento processo de maturação, resultado de um progresso inequívoco[23].

Por seu turno, Robert Granderoute, partindo de certas afinidades nucleares, estabelece uma divergência crucial entre romance de formação e romance pedagógico: enquanto o romance pedagógico é um romance de formação no qual a pedagogia predetermina o itinerário formativo, é o decurso da formação, no romance homónimo, que põe a nu a pedagogia, ambos apelando para o esforço, para o empenho e para a experiência pessoais (1985: 4). Quanto a François Jost, ele debruça-se, de modo rigoroso, sobre as relações entre romance de formação, romance de desenvolvimento, romance de educação e autobiografia.

Por um lado, o romance de desenvolvimento é mais genérico do que o "Bildungsroman" (vulgarmente traduzido por romance de aprendizagem[24] e / ou por romance de formação), tendo em conta que raras são as obras passíveis de não contemplação da curva evolutiva do protagonista patente na sucessividade de episódios de vida que se encadeiam por elos mais ou menos lógicos; por outro, o romance de educação manifesta o seu caráter mais restrito ou redutor, atendendo à prescrição de uma formação dirigida, a cargo de um mestre responsável por um programa de estudo(s).

Constituindo, em geral, uma espécie de autobiografia mal simulada ou dissimulada, ao longo da qual os escritores dissecam a assunção de certas atitudes perante a vida, as personagens se movem num universo de realidades que intentam dominar e o *explicit* prima pela ausência da morte (Jost, 1969: 99-100), o "Bildungsroman" não tem como escopo, ao invés da autobiografia, a revisitação totalizante da trajetória humana[25], limitando-se, como protonarrativa, ao seu exórdio ou prelúdio:

"*[...]*
la historia de una educación, de un irse haciendo un hombre, de las experiencias, sacrificios, aventuras, por las que viaja hacia la búsqueda, la conquista de su madurez." (Goyanes, 2001: 35).

Assim sendo, e numa curiosa teia urdida de empréstimos, o romance de formação vai buscar ao romance biográfico a sua estrutura temporal (linear, na maioria dos casos), ultrapassa a narrativa de viagens, onde o protagonista se desloca como um peão e persiste na ignorância do devir (Locatelli, 1998: 36), e posta-se diante do romance de aventuras, que nem privilegia a interação homem-mundo nem fomenta a cristalização caraterológica, optando apenas por inculcar ao seu herói aventureiro marcas de envelhecimento e por introduzi-lo, de certo modo, na antecâmara da morte.

Do mesmo modo, o romance de formação diverge do romance de cavalaria, que põe em cena um herói estático cuja personalidade impossibilita modificações de relevo, bem como do romance picaresco, que tanto prescinde de continuidade no processo de educação como enfatiza o papel do acaso no percurso vivencial. Importa, porém, realçar que o determinismo inerente ao nascimento, de baixa origem, do pícaro não inviabiliza a sua conversão tendente a uma rutura com a malfeitoria condenável.

22 Ver, a este respeito, Lukács Georg (1968 : 84): "Le roman est l'épopée d'un monde sans dieux; la psychologie du héros romanesque est démoniaque, l'objectivité du roman, la virile et mûre constatation que jamais le sens ne saurait pénétrer de part en part la réalité et que pourtant, sans lui, celle-ci succomberait au néant et à l'inessentialité."

23 Ver, sobre este assunto, Bakhtine, Mikaïl (1979 : 229): "L'évolution de l'homme y est indissociable de l'évolution historique. La formation de l'homme se fait dans le *temps historique* réel, nécessaire, avec son futur, avec sa profonde chronotopicité." Aliás, para este critico, "Il s'agit, avant tout, d'isoler le príncipe déterminant de la formation de l'homme." (1979: 226).

24 Segundo Locatelli, Aude (1998: 30), "La notion d'apprentissage, qui renvoie au sens propre à l'état d'apprenti, à l'action d'apprendre un métier en général manuel, même si elle peut englober par extension tout acte d'apprendre, nous paraît moins apte à rendre compte de la 'formation musicale' des protagonistes de nos romans,
[...]".

25 Ver, a este respeito, Miraux, Jean Philippe (1996 : 54): "Tournée vers l'intérieur du roman, elle [l'autobiographie] tente de retracer le parcours qui a motivé l'éclosion d'une personnalité et le cheminement d'une vie. Mais tournée vers l'extérieur, elle cherche aussi à se réapproprier un monde perdu pour comprendre le monde présent." Ver, também, p. 63:
"[...]
l'on peut admettre que l'autobiographe parcourt le chemin qui va de la naissance au moment de l'énonciation, mais plus profondément, son cheminement est celui qui le mène de la décision d'écrire à l'écriture. Alors, cet étrange lieu où le temps devient achronique permet à l'oublieuse mémoire de se manifester."

Ainda nesta sequência, o "Bildungsroman" afasta-se do romance de renascimento ("novel of rebirth") pela faixa etária do seu protagonista masculino (Pinto, 1990: 15-16), infantil ou préadolescente (e não mulher feita e 'madura') e pela busca da sua integração social (e não de integração espiritual), diferenciando-se do romance de iniciação pela ausência quer da função em geral sacralizada do cenário que acolhe o neófito, quer da

"*esperienza cruciale di trasformazione radicale*
[...]
Su questo punto potrebbe giocarsi la differenza fra Bildungsroman e romanzo d'iniziazione: romanzo di formazione il primo, di trasformazione il secondo; progresso graduale vs metamorfosi." (Cabibbo e Goldoni, 1983: 41).

Nesta ordem de ideias, uma história de aprendizagem pode definir-se sintagmática e paradigmaticamente: a nível sintagmático, sobressaem as duas transformações paralelas que afetam o protagonista e desembocam na transição da autoignorância para o conhecimento de si e na passagem da passividade para a ação; numa perspetiva paradigmática, sublinhe-se a aglutinação das categorias actanciais sujeito, objeto e destinatário num só ator, o qual percorre o mundo (sujeito) para fazer jus à divisa do templo de Delfos ("Conhece-te a ti próprio") - objeto -, tornando-se o único beneficiário do conhecimento autoadquirido.

Decisiva, em termos definitórios, não deixa de ser a existência de dois espaços ideológicos distintos, porventura equivalentes aos do mestre e discípulo (ou 'contramestre' e antidiscípulo), contrariamente valorizados por um narrador, voz da autoridade, que encarna o supersistema ideológico:

> "*[...]*
> *nous acceptons comme vrai non seulement ce que le narrateur nous dit des actions et des circonstances de l'univers diégétique, mais aussi tout ce qu'il énonce comme jugement ou comme interprétation. Le narrateur devient ainsi non seulement source de l'histoire mais aussi interprète ultime du sens de celle-ci.*" (Suleiman, 1979: 28).

Esta instância narrativa cede, por vezes, a voz a um narrador na primeira pessoa, interposto (segundo José Martins Garcia) ou intraficcional (na ótica de Paulo Meneses), como é o caso de Mateus Queimado, alterónimo de Vitorino Nemésio, que assina sete narrativas de *O Paço do Milhafre*, de entre as quais avulta "Cabeça de Boga"[26].

Nesta última perpassam, bem ao gosto de Nemésio, sucessivas imagens nucleares e antinomias, explícitas ou implícitas, quer de teor geográfico - Ilha *versus* não Ilha / mar[27] *versus* terra -, quer de ordem sociológica, configurando o universo dos comerciantes e dos pescadores terceirenses[28], o primeiro emblematizado por Abílio e Matesinho, representado o segundo pelo Francisco da Segunda e pelo Tiazé:

> "*Os desafios eram principalmente para os que tinham pai pescador, acostumados ao falatório nas vendas até que horas!, às pragas do puxar da rede, às juras terríveis das mães tratando-se de curtas e compridas nos lavadoiros públicos,*
> *[...]*
> *Nós, 'os da terra', brincávamos a outras coisas. Os nossos pais tinham escritórios ou lojas; as nossas mães tinham salas com consolas, avencas e begónias. Era outra loiça...*" (Nemésio, 2002: 254).

Ao desafogo pecuniário dos segundos, traduzido por uma ou outra referência ancilar[29], opõe-se a penúria física e cívica dos primeiros, visível até na falta de higiene, pormenor realista ao serviço da estratificação social: "*Cheiravam a peixe e, quando o ranho era muito, limpavam-no à manga do casaco e engoliam o resto, fungando*." (Nemésio, 2002: 253).

Por sua vez, Abílio é sempre qualificado por uma adjetivação binária - "pacato e pesado", "bonacho e gordo", "sombrio e bom" (Nemésio, 2002: 253-254) -, presidindo este mesmo binarismo ao 'duo' Abílio-Matesinho: "como a unha e a carne" e / ou "o cego e a sanfona" (Nemésio, 2002: 254). Se a aprendizagem exemplar positiva e a aprendizagem exemplar negativa constituem duas variantes do mesmo processo formativo, definindo-se uma pela preeminência do destinador e do adjuvante e a outra pela inautenticidade do objeto e pelo peso do oponente, bem como pela ineficácia do "destinateur bénéfique" (Suleiman, 1979: 35), Abílio, ao passar com suficiente no exame do segundo grau, ao ser alcunhado, pela sua insuficiência, de "Cabeça de Boga" pelo Professor e forçado pelo Pai a zarpar para o Brasil[30], parece ilustrar a segunda vertente, enquanto Matesinho, por obter a distinção, ilustra a primeira.

26 "Tomadas numa perspetiva de macrotexto, as sete narrativas de Mateus Queimado constituem uma espécie de *novela de aprendizagem*,
[...]"
(Bettencourt, 2002: 26). Ver, também, a nota 19 da mesma página: "Sintomaticamente uma das alterações registadas em 'A Burra do Lexandrino' (*Quatro Prisões debaixo de Armas*) consiste na substituição de 'Influências Recebidas' por 'Anos de Aprendizagem'".

27 "A ligação substancial poeta-ilha, poeta-mar, é percetível nos mínimos detalhes.
[...]
O mar, para o poeta, é o mar da sua ilha, é o mar da sua geografia." (Sá, 1988:182).

28 "Através das páginas nemesianas de fundo açoriano
[...]
perpassam com frequência representantes das camadas mais populares, quer citadinas quer rurais: pequenos e médios agricultores ou lavradores, pastores, jornaleiros e criados, pescadores, operários,
[...]
pequenos comerciantes,
[...]"
(Silva, 1985: 243).

29 "Mas estes dois [o Francisco da Segunda e o Tiàzé] não iam jantar nem passar tardes connosco, de bibes embrulhados ou pela mão de um criado, como o Chinchinho." (Nemésio, 2002: 253). De referir, igualmente, a criada da família de Matesinho, a Malagrida, que "se punha a bufar nas brasas ao dar trindades da noite. Minha mãe – fora." (Nemésio, 2002: 255).

30 "Vitorino Nemésio, professor na Bahia e no Ceará, professor de literatura brasileira na Faculdade de Letras na Universidade de Lisboa, onde criou e dirigiu o Instituto de Estudos Brasileiros, autor de poemas brasileiros,

Pode, todavia, o narrador-protagonista atribuir um valor positivo ao que a coletividade reputa de negativo ou, mais bem-dito, preterir o sistema ideológico vigente - o mérito escolar - em proveito de um outro, mais abrangente, que é a 'Escola da Vida' representada pela Arte[31].

De supetão, e no seguimento de maturação de Abílio[32], processo de amadurecimento que Matesinho não patenteia, assiste-se, no decurso do tempo - "*Estávamos a ficar espigados*." / "*Nesse ano crescemos por muitos em que só tínhamos brincado e jogado à tapona*." (Nemésio, 2002: 255 e 258) -, à inversão de valores antes encarados como definitivos.

O 'cego' Abílio, que obedecia cegamente a Mateus, torna-se a sanfona que Mateus era e deixou de ser, volvendo-se a "nódoa na pauta" (na terminologia do Professor) em 'pauta da vida':

> "*A mim* [Matesinho] *parecia-me, porém, que uma coisa qualquer estava a tornar agora o nosso Abílio distinto, a mim suficiente.*
> *[...]"*
> (Nemésio, 2002: 258).

Avatar de Abílio não deixa de ser Gibicas, protagonista da novela epónima de Vasco Pereira da Costa, que, irreverentemente, resiste às seduções falaciosas emanadas da Base Americana, à subserviência linguística que o Professor Honório infunde à turma e ao óbolo algo vexatório das caixinhas vermelhas, azuis e brancas ofertadas por uma "farda grande, gorda e castanha" (note-se a reificação das personagens e a animização dos objetos / trajos).

À semelhança de Abílio e Matesinho, Gibicas e o narrador formam um par quase indissociável: se Abílio se engana no nome do rei que havia mandado plantar o pinhal de Leiria - para ele fora D. Afonso Quarto, o Bravo (Nemésio, 2002: 256) -, Gibicas surge como o "companheiro de mais sabedura", apesar de

> "*não saber as estações do caminho-de-ferro da linha da Beira Alta, de não conseguir reduzir metros a quilómetros, de soletrar mal e porcamente duas sílabas, de nunca ter decorado as preposições, de não conhecer os afluentes da margem esquerda do Cávado*" (Costa, 1978: 132).

Aprendera, todavia, o americano - aprendizado que renegava na escola ao bradar o dissonante "Fóqui, fóqui" no bem orquestrado coro dos "Tanquiú" (Costa, 1978: 131) - ao engraxar sapatos na Praça Velha e ao pedinchar na Rua da Sé, habituara-se ao expediente de sacar um escudo fazendo uns olhos tristes, ensinara o mistério da fecundação, a partir do bem escolhido exemplo-base dos coelhos, dos cães, dos porcos, dos burros e da Rosinha do Manel da Augusta, à rapaziada (englobando o Bebé, o Jèzinho dos Quatro-Ventos e o seu amigo íntimo) e, em troca das suas lições de Vitalogia, pedira tão-somente ao narrador uma explicação pontual:

> " *- Agora tens de me ensinar como é que é essa coisa dos quebrados... Senão não te ensino nem mais pitada.*
> *Eu!? Eu daria tudo o que ele quisesse: os quebrados, os promontórios, a descoberta do caminho marítimo para a Índia, tudo*." (Costa, 1978: 135).

Esta relutância ou aversão do Gibicas pela autoridade, metonimizada pelas fardas ("os Américas"), pelas batas (os professores e o diretor escolar) e pelas sotainas (o Padre Abílio), encontra justificação cabal no desabafo do adolescente vazado pelo discurso indireto livre:

> "*Se aquilo era só por cinco meses, porque não disseram logo ao pai que, assim, não teria deixado o emprego na moagem; dava poucachinho, mas bastava para o pão...*
> *Agora, se o queria, tinha de o ir pedir, duro que nem calhau, de porta em porta... Agora, se queria conduto, tinha que ir com o caniço para riba do cais apanhar carapau ou sargos...*" (Costa, 1978: 140).

Paralelamente a "Cabeça de Boga" opera-se em "Gibicas", mercê de uma pedagogia inoperante e de uma educação fossilizada, uma alteração de valias, metamorfoseando-se negativamente o professorado - o insigne Professor Honório era conhecido pelos "calzinhos no botequim do Lourinho" (Costa, 1978: 133) - e ascendendo o antidiscípulo ao estatuto de Mestre:

> "*A minha escala de valores, porém, não correspondia à do Honório e, enquanto eu dava ao Gibicas a minha admiração e a minha amizade, o professor recompensava-o com bolos nas mãos*
> *[...]*
> *e com suplícios de estátua, nariz comendo sombra de parede durante horas a fio.*
> *[...]*
> *tive dois professores*
> *. [...]*
> *O outro era o que tinha vida para dar e ensinar. Esse, o Gibicas.*" (Costa, 1978: 132-133).

O desfecho, longe de ser harmonioso, torna-se palco do antagonismo individualidade / mundo (descaramento de Gibicas que o palavrão "Sanabobichas" traduz[33]), atingindo o

de ensaios e crónicas ligadas às suas viagens no Brasil e ao aprofundamento da experiência social, histórica e institucional brasileira, é um exemplo notável da luso-brasilidade. Esta sua consciência tem duas fases: a 'adivinhada', antes de viver e lecionar no Brasil, e a 'vivida', a partir dos anos 50." (Gouveia, 2001: 36). Como *O Paço do Milhafre* foi editado em 1924, estamos, com toda a certeza, perante a fase 'adivinhada' do Brasil...

31 "En todo arte de narración o de representación la vida és fuente, bien para emularla o para suplantarla." (Díez, 1999: 15).

32 Abílio tinha entrado, antes de rumar ao Brasil a fim de carregar café, para o armazém do Pai a medir petróleo e vinho, enquanto Matesinho andara no explicador para o primeiro ano do liceu (Nemésio, 2002: 257). A história termina quando Abílio conta treze anos de idade.

33 "Até que foi a tua [de Gibicas] vez. Agarraste na caixinha vermelha, azul e branca, com as estrelinhas desse people para o nosso povo e, sem esperar o afago da farda grandalhona, correndo, gritaste-lhes alto, como ninguém ainda o fizera: - Sanabobichas!!!" (Costa, 1978: 141). Em nota de rodapé, lê-se a seguinte explicação: "filho de uma cadela".

revoltado protagonista e, indiretamente, o narrador a autoconsciência da sua identidade e alteridade paulatinamente moldadas:

> "*Só mais tarde, Gibicas, só mais tarde. Menti-te porque a minha solidariedade nesse dia era puramente sentimental. Era a do discípulo medíocre que é incapaz de contradizer o mestre admirado. Tento remir-me hoje, escrevendo esta tua-nossa aventura.*" (Costa, 1978: 140).

Ao passo que Gibicas e o narrador, Abílio e Matesinho permanecem distintos, mau grado a sua quase indissolubilidade, o mesmo não sucede com Fernando, protagonista de *Raiz Comovida* de Cristóvão de Aguiar, o "ai-jesus da casa" (Aguiar, 2003: 20), bisneto de Jacinta - irmã do Sr. Ernesto -, irmão mais velho de Anselmo, o "gorgulho da casa" (Aguiar, 2003: 15), sobrinho, pelo lado materno, de Ti Luciano, emigrado para a América, e de Titia Maria dos Anjos, casada com Ti José Pascoal - irmão de Luís -, neto de Vavó Luzia e de Vavô José dos Reis, irmão de Ti Guilherme, Ti Lexandrino e Ti Escolástica (residentes na Nova Inglaterra), e, pelo lado paterno, sobrinho de Ti Dinis (que leva para solo americano os restos mortais do seu progenitor) e de Titia Gilda, filhos de Vavó Arminda e de Vavô Samuel (pais de seu Pai).

Descurando, numa leitura gradualmente concêntrica, a cosmovisão sociológica do Autor veiculada pelo constante paralelismo entre a América - "*terra [...] abençoada por Deus*" (Aguiar, 2003: 32), "*santa terra por todos desejada*" (Aguiar, 2003: 115), "*terra de fartura*" (Aguiar, 2003: 236) detentora de "*poderios de lindeza*" [*mónim*, *freijoeira*, *baicicla*, *talafône*, *mechins* e *estoas*] (Aguiar, 2003: 46), cujas casas de banho "*parecem salas de visitas*" (Aguiar, 2003: 49), cujas roupas rescendem à "*fortidão do perfume*" (Aguiar, 2003: 233) e cujo tabaco[34] é alvo de cobiça - e a Ilha - "*grande prisão*" onde o bafo reina (Aguiar, 2003: 277 e 47) e onde "*ou a gente entra na dança de soalheiro ou fica excomungado*", por "*não vir um corisco que [a] abrasasse*" (Aguiar, 2003: 185 e 259) -, que tangencialmente se parecem incorporar nessa "latinha de cocoa" bebida com o "chazinho da Gorreana" (Aguiar, 2003: 238); marginalizando, no espaço insulano, a subdivisão da sociedade, tal como na obra nemesiana, em campónios e pescadores (Aguiar, 2003: 127), relegando para plano secundário tanto a referência à Base, apelidada de "América pequenina" (Aguiar, 2003: 137), como a imagem dos Portugueses na América –

> "*[...]*
> *os porigui são gente de mau fundo, tresandam a suor e a sardinha, a tua terra é um ailende muito atrasadinha, casas de chão terreiro, currais de porcos logo à banda de fora da porta do quintal*" (Aguiar, 2003: 137) -, quedemo-nos na escola islenha, triplamente designada por prisão[35], bipartida entre escola feminina e escola masculina, onde imperam respetivamente D. Irondina e o Professor Anacleto.

A partir do "quartinho do relógio onde nasceu" (Aguiar, 2003: 151) e por um processo rememorativo, anamnéstico, ditado pela força da palavra demiúrgica, em que as figuras do passado não são aleatoriamente convocadas para a narração, Fernando, narratário por excelência de "*casos velhos e cediços de outro tempo*" (Aguiar, 2003: 120), contados por Ti José Pascoal e por Vavô José dos Reis - em casa do qual se deleita a beber uma tigela de chá e a mastigar uns biscoitos "*de esfregadura da farinha de milho que vavó cozia às sextas-feiras*" (Aguiar, 2003: 25) -, surge, também, como narrador singular e como narrador coletivo, por inclusão no pronome substituto "nós", cujo referente é a rapaziada: o Cidério, o Marrolia e o Raul pé-de-boi, "faz a cama que eu lá vou" (Aguiar, 2003: 222). Era, verdade seja dita, outro tempo esse, porquanto, ao invés da hipócrita D. Irondina, o Professor Anacleto, de alcunha "o *Caniço*", "*tirava uma hora ou assim para nos dar conselhos para a vida*" e prelecionava a transplantação para o quotidiano do saber ministrado na escola (Aguiar, 2003: 292-293).

Bom conselheiro, também, não deixava de ser o Pai de Fernando, que herdara de Vavô Samuel o hábito de ler a Bíblia, não em inglês, mas em português, e que martelava a cabeça do filho, receoso da rumorofilia da freguesia, com imperativo refrão: "*Do que se fala em casa, nem um pio com ninguém; ouviste bem o que estou dizendo, Fernando?*" (Aguiar, 2003: 246). Ao longo deste episódio com enfoque na leitura da Bíblia, em que o Pai o inicia nos mistérios do *Livro Sagrado*, um versículo dos Atos dos Apóstolos, lido duas vezes e relativo à 'morada' de Deus, deixa perplexo o 'iniciado' protagonista que, à pergunta do Senhor Padre - "Diz-me cá, ó Fernando, o que é que fica na hóstia depois de consagrada?" -, se não coíbe de retorquir:

> "*No vinho e na hóstia depois de consagrados... (o Cidério soprou-me o resto) não fica nada, senhor padre, fica vinho e pão na mesma*." (Aguiar, 2003: 249).

Em virtude desta resposta errónea em matéria de Fé, o resultado não se faz esperar: a ira do vigário por tamanha heresia, a raiva do Pai pelo juízo não esclarecido, a punição física paterna como recompensa da asserção ímpia e pouco ortodoxa, o pranto da Mãe como reação ao exagero do castigo infligido e o remorso do Pai pela escolha do filho inocente como bode expiatório, quando os culpados, incólumes, a denunciar seriam a Igreja e os seus representantes, o governo ditatorial de Salazar, o Inferno da Ilha e o não embarque para a América (Aguiar, 2003: 249). Porém, Fernando, bom aluno, passa, como Matesinho, o exame do primeiro grau com distinção (Aguiar, 2003: 225), conhece a frustração amorosa ao ser deixado por Marília (Aguiar, 2003: 280), à imagem de Abílio

34 "Não queria [Ti Pacheco] perder a esperança de fumar, durante uma larga temporada, uns maços de cigarros *Lucky Strike*, tabaco louro e cheiroso como a América de todos os sonhos sonhados e por sonhar." (Aguiar, 2003: 330).

35 "O melhor era a desforra que eu [Fernando] tirava, quando, nas pachorrentas tardes dos dias grandes, acabada a prisão da escola, meu Pai me mandava vigiar a praga dos melros no cerradinho
[...]"
(Aguiar, 2003: 16); "E sempre que me via livre da prisão da escola, vinha pôr-me [Fernando] à espreita das pombas nas suas idas e vindas
[...]" (Aguiar, 2003: 186);
"Era mais ou menos à hora da camioneta que o professor Anacleto nos punha com dono porta fora.
[...]
Até ao portão da casa da escola, não se ouvia pio, não fosse o mestre, agastado e de génio a ferver, arrepender-se e dar o dito por não dito, como já acontecera, e fazer-nos dar meia volta para de novo continuar a aula naquela endiabrada prisão que nos punha empolas nas mãos e na alma." (Aguiar, 2003: 239).

abandonado por Lucinda devido ao famigerado suficiente[36], aprende o mistério da fecundação com Cidério, da mesma 'escola' que Gibicas, e elege a amizade como junção espiritual, de teor irreversível, de dois seres contrários que mutuamente se invadem, dando voz ora a um ora a outro.

> "*O Cidério, que andava sempre comigo,*
> *[...]"*
> *(Aguiar, 2003: 345).*

> *"Passei a andar mais com o Cidério, por isso havia quem me chamasse Fernando-Cidério." (Aguiar, 2003: 348).*

> "*Quando entrei para o Liceu, veio o Cidério ao de cima, ficando o Fernando escondido. Inteiro, só me considerava Ti Luciano e dois ou três mais ilustrados na freguesia. E assim fiquei, Cidério num lado, Fernando no outro,*
> *[...]"*
> *(Aguiar, 2003: 349).*

> "[...]
> *o Cidério recolhia-se no íntimo de Fernando. E foi de facto o Fernando quem entrou em casa com o gémeo dentro de si." (Aguiar, 2003: 359).*
> *"[...]*
> *a voz de Cidério empurrando-me de novo para o precipício..." (Aguiar, 2003: 360).*

Não obstante o seu estatuto de "almas gémeas", persistem certas diferenças, não de todo impercetíveis, apontadas não pelo narrador singular e coletivo que é Fernando, mas pelo mesmo Fernando, narrador / autor, que, distanciando-se algo ironicamente da narração, se volve em narrador extradiegético:

> "*O Fernando mostra-se familiar, mais obediente e muito bensinado.*
>
> *[...]*
> *O Cidério movimentava-se mais a sul. Endiabrado por natureza e livre por vocação, sempre gostou de partir a louça das conveniências e dos dogmas instituídos. [...]*
> *Não desdenho do Fernando. Reconheço nele um certo pendor para se enraizar numa inocência da infância vivida na Ilha e que tem medo de perder. [...] conserva um fundo religioso, ao contrário do irmão gémeo que, por vezes, gosta de achincalhar a religião onde mamou o primeiro leite espiritual. Serve de contrapeso às loucuras do Cidério, mas, nem sempre o consegue segurar*." (Aguiar, 2003: 349-350).

No final de *O Fruto e o Sonho* (último volume da trilogia romanesca), a osmose Fernando-Cidério atinge o clímax, ao revelarem-se irrevertíveis as eventuais fronteiras, agora delidas, ou os limites plausíveis, doravante ignotos. De facto, onde começa Fernando e acaba Cidério?

> *"Gritei, procurei explicar-lhes [aos companheiros] que era o Fernando, o que nunca saíra de ao pé deles; o Cidério é que tinha ido estudar, era ele quem dizia feijões, nós, connosco e outras palavras deslavadas da cidade. Em vão. Continuaram fechados em seus esconderijos. Tirei do bolso a fieira e o pião. Joguei-o para a terra batida da Avenida. Zunia, quase se finava. Tomei-o na palma da mão. Encostei-o ao ouvido. Bebi-lhe a música. Sozinho!" (Aguiar, 2003: 366-367).*

Nos antípodas desta (con-)fusão identitária surge a multiplicação de identidades patente no título plural da novela "O(s) Adriano(s)" de Onésimo Teotónio Almeida. A este nível, urge alertar para o concerto de vozes diferenciadas, para a representação linguística dos discursos alheios e para a sua subsequente incorporação no fluxo textual. Destacam-se, deste diabolismo, polifonia ou "poliaudición,"[37] mundividências diversas que, por interrelação e confronto ideológicos, se amalgamam no discurso autorial, incentivando o leitor a reconhecer ou a identificar a 'fala' individualizada das personagens em cena[38].

Estas últimas, ao caraterizarem o Adriano, mais não fazem do que autocaraterizar-se, mediante pontos de vista que explicitam a sua mentalidade, traduzem os seus usos e costumes, patenteiam o seu nível social e exteriorizam o seu modo de ser e de estar no mundo. Assim sendo, é o narrador que, num repto ao narratário, dá início à descrição do protagonista, em termos de energia e de entropia[39], e que o convida a lanchar no "Spats", que ele já conhecia a par de "*todos os restaurantes da Thayer Street*" (Almeida, 2000: 187).

> *Vocês conhecem o Adriano? Um par de olhos velozes e penetrantes num corpo irrequieto de onze anos de dinamite, cinco dos quais trazem ainda marca da Terceira no português raro que fala. Vi-o pela primeira vez apanhando um volume imenso de jornais junto à College Travel,*

36 Segundo José Martins Garcia, a frustração amorosa desempenha um papel importante na narrativa nemesiana (1988: 51).

37 "Si el autor habla a través de una o varias voces suscitadas, el lector 'oye' a través de otro u otros lectores que interpone entre él y el texto, saliéndose de sí, enajenándose también, para descifrar la obra literaria." (Reyes, 1984: 40).

38 Ver, a este respeito, Naves, M.ª del Carmen (1998: 55): "Una vez incorporado en en habla del narrador el dialogismo lingüistico, circunstancia que és común con todos los usos de la lengua, el discurso de la novela se manifiesta a través de la voz del narrador como un conjunto de voces reconocibles que proceden de los personajes, y que se incorporan al texto, directa o indirectamente, pero conservan su tono, las señales de su origen y sus señas de identidad."

39 Do ponto de vista de Francisco Cota Fagundes, Autor de *Desta e da Outra margem do Atlântico. Estudos de Literatura açoriana e da diáspora* e do "Posfácio" de *(Sapa)teia Americana*, as imagens caraterizadoras de Adriano - "de dinamite" e "um pequenino vulcão" - são "altamente suscetíveis de serem lidas entropicamente
[...] seria mais um glóbulo de energia em explosão, entropicamente a caminho do nada. Seria, no entanto, igualmente lícito encarar essas imagens como positivas [...] simbólicas do potencial inerente à personagem deste e/imigrante a caminho da adaptação (idealmente uma adaptação bem sucedida.) (2000: 214). Por sua vez, para João de Melo, Autor do "Prefácio" da obra supracitada intitulado "L(USA)LANDESES, PORTUGUESES E ÀS VEZES… AMERICANOS", "Adriano encarna uma espécie de símbolo ou de metáfora do futuro, definindo-se a si mesmo como homem novo e sendo também definido pelos outros como homem diferente." (2000: 11).

[...].
Eu segui aquele pacotinho de energia e determinação.
[...] num corpinho português ilhéu." (Almeida, 2000: 183-184).

Ao invés de Fernando que "Não cresceu como era dado." (Aguiar, 2003: 350), é sobejamente visível o processo de autodidatismo de Adriano, "self-made man" e "businessman" de vocação, passando pela rejeição dos Portugueses em geral e dos Micaelenses em particular:

"*Os Portugueses são estúpidos. O meu sangue já é todo americano. Os melhores negócios que eu faço são com portugueses estúpidos... Eu preferia não saber português. Estou mesmo a tentar esquecê-lo. Ainda bem que sou da Terceira e não de S. Miguel. Eu odeio os micaelenses. Na minha escola é quase tudo de S. Miguel. Nunca ouvi falar de S. Miguel antes de vir para a América. Só aqui é que soube que esses coriscos existiam, mais a Ásia e a Califórnia.*" (Almeida, 2000: 1845-185).

Num "*turbilhão, levada, torrente, cascata, catarata*" (Almeida, 2000: 187), lá vai Adriano desenrolando ao narrador o fio da sua vida, sinónima de denegação não 'comovida' das suas raízes e de afirmação perentória do 'sonho' americano. Distribui jornais, vende livros, tem duas contas no banco (uma secreta, no montante de quatrocentos e vinte e cinco dólares e oitenta cêntimos, e uma outra com o Pai), gosta de ver na televisão o "Charlie's Angels", de ouvir o Elton John, os Beatles e o Elvis e de se assumir como "detetive" no tocante aos segredos dos progenitores, que se não furta a dissecar: assim, a mãe só limpa e, quando acaba a limpeza, recomeça sisificamente a limpar; o pai trabalha na fábrica até às seis da tarde, limpa das 18h às 22h dois bairros no centro da cidade e entretém-se ao fim de semana com o asseio de uma fábrica em Warren; nunca vão aos restaurantes, nem sequer ao McDonald's (onde o Adriano já comeu "à borla"), tencionando a mãe ir às Ilhas pagar uma promessa (expressão que Adriano não sabe traduzir para inglês) ao Espírito Santo, posto que, segundo a perspetiva algo futebolística do protagonista, "*Parece que o Espírito Santo joga pela Terceira, e o Santo Cristo por S. Miguel*" (Almeida, 2000: 1888).

Bem vistas as coisas, o pai está ao serviço da escravidão - "Trabalho de Portugee" (Almeida, 2000: 186) -, consagrando-se ele ao jogo com o dinheiro - "*I love money*" (Almeida, 2000: 184) -, mercê de umas "big business" que lhe permitirão, no futuro, adquirir uma "*Casa de verão no Cape Cod e casa de inverno em Vermont*." (Almeida, 2000: 186).

O terceiro ponto de vista definitório do protagonista está a cargo do Pai - "*Ah! O senhor conhece o meu filho, o Adriano? Aquele diabrete, que Deus me perdoe?*" (Almeida, 2000: 188) -, que deplora os seus negócios demoníacos –

"*Faz bísinas com o diabo,*
[...]" -,
as suas diabólicas companhias universitárias (atente-se na perífrase da Universidade) - "*Sai com estudantes daquela escola muito alta aqui em cima e vai com eles para o diabo.*" - e a sua indiferença em relação aos valores lusitanos - "*Não quer saber*
[...]
das nossas coisas, que é o que a gente tem e é nosso..." -, confessando que "Em má hora vim eu para esta terra." (Almeida, 2000: 189).

O quarto agente caraterizador - "*Oh! You Know Adriano too, hein?"* (Almeida, 2000: 189) - é Steve, estudante do quarto ano de Medicina, que lhe vaticina uma carreira de triunfo: "*Está na fase da rejeição da sua cultura, mas pode sair daí um grande homem*
[...]
um grande empreendedor,
[...].
É um fenómeno. É brilhante, o rapaz.
[...].
Um grande Adriano vai ser ele, que já é um little big man." (Almeida, 2000: 191).

Uma quinta focalização, desta última divergente, é a do senhor padre - "*Conhece o Adriano? Um rapazinho da Terceira aqui da minha paróquia que anda muito aí pela universidade e que vende jornais na escola?*" -, que, com base na hodologia, ritmada pela quádrupla ocorrência da forma verbal assertiva "Dizem que", informa que o Adriano, atascado no vício - "*Tem a alma vendida ao diabo, já tão novo*." (Almeida, 2000: 191-192) -, fuma marijuana, brinda as transeuntes com ditos indecorosos e incrementa a não-comparência dos rapazes na catequese de sábado.

O sexto juízo de valor é emitido pelo diretor do departamento de distribuição da "Providence Journal" - "Do you know Adriano? He is Portuguese! What a kid!" -, que tece encómios a esse "hard-worker" que é Adriano, prognosticando a sua liderança de uma multinacional num tempo a vir:

"*Trabalha no duro como um bom português, mas tem a garra, o espírito de agressividade que faltam aos portugueses.*
[...].
Ganha sempre todos os prémios para o melhor vendedor de jornais.
[...]
Se Portugal tivesse uns quantos daqueles, não era preciso emigrar tanta gente para aqui." (Almeida, 2000: 192-193).

A enunciadora da sétima opinião, disfórica - *"- Conhece aquilo? O Adriano? O demónio em pessoa –*
[...]"
-, é a senhora Olinda Ferreira, que o considera um exemplo vergonhoso da sua 'raça': "*Diz que os portugueses são grinanos e dâme, mas ele parece que não repara que também é português.*
[...]
Feito lá todinho, à conta de Deus." (Almeida, 2000: 193-194). O oitavo parecer, desta feita positivo, é o da professora - "Oh! Do you know Adriano? I guess everybody knows him." -, que elogia a sua esperteza e inteligência, verbera a sua pouca aplicação nos estudos - "*Não gosta de guardar trabalhos para casa. Fá-los nos recreios*." -, admira a sua doçura e energia - "
[...]~
talvez aquela doçura portuguesa que as ilhas deixam nas pessoas. É um pequenino vulcão saído daquela paz,
[...]"

- e deleita-se com as suas saídas humorísticas:

"*Há dias pôs-se a gozar uma mocita que não sabia português. Ele chamava-lhe my girl e depois voltava-se para os amigos que sabem português e troçava: My dear girl, minha querida gal...inha.*" (Almeida, 2000: 195).

O fim em aberto - "*Ah! Conhece o Adriano?... Sabe? Ele é...*" (Almeida, 2000: 196) -, espraiado nas reticências que omitem as palavras e suspendem voluntariamente o sentido, mais não constitui do que um convite ao leitor, incentivando-o a participar, como juiz derradeiro, na caraterização do protagonista, quer optando por uma das múltiplas facetas temperamentais exaradas, quer prosseguindo na indefinição ou contradição caraterológicas, quer decidindo manter semanticamente indeterminado o sinal gráfico do *explicit*.

Retomando a parte teórica inicial, a título de conclusão, e adaptando à novela os conceitos definidos no que respeita ao romance, é de realçar que os quatro textos incipientemente analisados comungam de similar estrutura de aprendizagem, à qual subjazem as tradicionais figuras-tipo que são o mestre e o discípulo. Por uma inversão assaz significativa e sintomaticamente indiciada pelos títulos, falham os mestres no cumprimento da sua função e missão - veja-se o fero dogmatismo do Professor de Abílio, a par do pragmatismo servil do Professor Honório e da retidão falaz do vigário de *Raiz Comovida* -, sendo esta assumida pelo próprio protagonista e pelo seu inseparável companheiro, ambos aprendendo um com o outro a enfrentar os não parcos obstáculos de uma vida recém-descoberta. Mercê de uma segunda reviravolta que a primeira engloba, não se torna o mestre, no par acima referido, o aluno exemplar, vergado aos dogmas, mas, antes, o parceiro que criticamente os questiona e os sobreleva.

Com efeito, que interessa a Matesinho passar com distinção quando é Abílio que se destaca pelo culto da partilha

- "*Enfim, pegou na navalhinha velha*

[...] e insistiu que eu a aceitasse.
[...]
Pega... É a última coisa que te dá o 'cabeça de boga'..." (Nemésio, 2002: 259) -, pelo regozijo sincero com o sucesso do outro

- "*- Ó Mateus, ainda bem! E foi nos olhos dele que eu me senti distinto*." (Nemésio, 2002: 257)

- e pela resignação a um *fatum* hierárquica e injustamente traçado?

Que vantagem traz ao narrador de "Gibicas" o facto de ser consentâneo com o sistema axiológico vigente quando é o próprio Gibicas que 'assume a dianteira' ao quebrar os enganadores convencionalismos propalados pelas instituições em vigor? Tal rutura dá a sensação de se fixar, de modo definitivo, em Cidério, duplo de Fernando que, inteligentemente, se não furta a autopsiar a autoridade civil, institucional e eclesiástica e tem, para além do mais, pretensões a bispo:

"*Um dia, na escola, o senhor professor mandou fazer aos da quarta classe uma redação subordinada ao tema, 'O que gostavas de ser quando fores grande'... O Cidério pôs-se a matutar, lápis na boca e olhos pregados no teto. Após uns momentos de reflexão, pegou do lápis, molhou a ponta com saliva, baixou os olhos para a ardósia e entregou-se, língua de fora, ao labor da escrita*
. [...]
'Quando eu for grande, gostava de ser bispo. Diz meu Pai que é uma rica vida, come-se do bom e do melhor e pouco ou nada se faz, a não ser abençoar, excomungar e celebrar missa com muitos padres a ajudar e às vénias. O pior é falar latim, que é uma língua que morreu no tempo em que Jesus Cristo andava pelo mundo a pregar, e é muito rude de se aprender de cor." (Aguiar, 2003: 290).

Defluindo deste aprendizado que se consolida na adolescência, o fim das três novelas e do romance *Raiz Comovida* fica em aberto, já que, como afirma Miguel de Unamuno,

"*Lo acabado, lo perfecto, es la muerte, y la vida no puede morirse. El lector que busque novelas acabadas no merece ser mi lector; él está ya acabado antes de haberme leído*." (2009: 126).

Nesta sequência, e convocando o rigor científico possível que a tenuidade de fronteiras teoréticas entre os vários subgéneros narrativos afins permite ou faculta, a nemesiana "Cabeça de Boga" afigura-se uma novela de educação (e não pedagógica, de que é paradigma *L'Émile* de Rousseau), tendo como *acme* a discrepância introduzida pelo suficiente de Abílio e conducente tanto ao término do seu breve percurso escolar e da sua primeira e frustrante experiência amorosa como ao precoce início da sua vida adulta, estigmatizada pelo embarque para o Brasil.

Por sua vez, "Gibicas" e "O(s) Adriano(s)" surgem como novelas de autoformação, não só porque os heróis se definem mediante o eixo conflituoso eu / mundo, mas também porque o final abrupto e irónico vinca a desarmonia entre a necessidade de desenvolvimento integral por parte de um indivíduo algo desenraizado e as solicitações utilitárias de uma sociedade regida pelas conveniências de bom-tom.

Cumpre, a este respeito, referir que, enquanto Gibicas sai vitorioso, graças à sua irreverência advinda de incontida revolta, de um universo social ancilosado no qual, paradoxalmente, mais não é do que um vencido, Adriano, eivado de seiva, detentor de uma curiosidade insaciável que o leva a saber como é para contar como foi, a não desperdiçar uma única oportunidade de assimilar o que desconhece e a tudo perguntar para, numa etapa ulterior, conseguir responder, impõe-se pela integração e aculturação num espaço que, à partida estranho e estrangeiro, se vê logo interiorizado em termos de lugar onde se 'joga' à vida.

Do mesmo modo, e ao invés de Gibicas cujo trajeto desconhece um projeto, a trajetória de Adriano, de cunho picaresco, é cuidadosamente planeada, como se os seus múltiplos trabalhos de Hércules em miniatura outra meta não tivessem do que a sua exímia consecução e concreção.

No tocante à trilogia romanesca *Raiz Comovida*, ela pode e deve ser rotulada de "Bildungsroman" ou romance de formação, confinando com a autobiografia[40] - não se identificarão, no entanto, todas as criaturas com o seu criador? -, ambos os géneros patentes quer na tripla titulação desencarnada traduzindo uma curva ascendente - "A semente e seiva" / "Vindima de Fogo" / "O Fruto e o Sonho" -, quer nos indícios paratextuais revelados à saciedade pela dedicatória do último volume.

Se, na focalização de Maria de los Ángeles Rodríguez Fontela (1996: 52-53-54), o "Bildungsroman" visa essencialmente a figura do leitor, obrigado a fazer uma leitura reflexiva e a atingir ou a descobrir as suas expetativas culturais e literárias, mais não sendo este processo autoformador do que a metáfora narrativa da autoconstrução do romance e de toda a Humanidade, que descortina a sua identidade na narração que conta a si mesma sobre si própria, não restam dúvidas de que a trilogia romanesca de Cristóvão de Aguiar satisfaz cabalmente estes requisitos.

Através desta estrutura básica de aprendizagem detetável em quatro obras de quatro escritores açorianos, e não apelando nem para uma leitura macrotextual nem para uma abordagem cíclico-sequencial ou intratextual, mas tão-só para a intertextualidade, verifica-se que o complexo conceito de açorianidade não deixa de pisar a ribalta: visto 'de dentro' em Vitorino Nemésio e em Vasco Pereira da Costa, ele é encarado 'de dentro' e 'de fora' na obra de Cristóvão de Aguiar e tratado 'de fora' por Onésimo Teotónio Almeida.

Cabe ao leitor refletir sobre esta oscilação entre o *cá* e o l*á*, ou, passe o açorianismo, sobre o "laricá".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Aguiar, Cristóvão de. (2003) *Raiz Comovida. Trilogia Romanesca* (I. "A semente e a seiva" – Coimbra, 20 de fevereiro de 1978; II. "Vindima de Fogo" – Coimbra, 29 de março de 1979; III. "O Fruto e o Sonho" – Coimbra, 25 de fevereiro de 1981), Lisboa: Dom Quixote.

Almeida, Onésimo Teotónio. (2000) *(Sapa)teia Americana. Contos*. "Prefácio" de João de Melo e "Posfácio" de Francisco Cota Fagundes, Lisboa: Edições Salamandra, col. "Garajau".

Bakhtine, Mikaïl. (1984) [1979] *Esthétique de la création verbale*. Traduit du russe par Alfreda Aucouturier. Préface de Tzvetan Todorov, Paris: Gallimard, nrf.

Bettencourt, Urbano. (2002) '*Introdução*' a *Paço do Milhafre. O Mistério do Paço do Milhafre*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 9-27.

Cabibbo, Paola e Goldoni, Annalisa (1983) "*Per una tipologia del romanzo d'iniziazione*" in *Sigfrido nel nuevo mondo. Studi sulla narrativa d'iniziazione*, Roma: Editrice Universitaria di Roma - la goliardica -, col. "Lett(erat)ura", 13-51.

Costa, Vasco Pereira da. (1978). Nas *escadas do Império. Contos*, Coimbra: Ficção – Centelha.

Díez, Luis Mateo. (1999) *El porvenir de la ficción*, Junta de Castilla y Léon: Consejería de Educación y Cultura.

Fagundes, Francisco Cota. (2000) '*Posfácio - Sapateia Onesimiana: Subsídios para leituras de (Sapa)teia Americana'*. In Almeida, Onésimo Teotónio. (2000) *(Sapa)teia Americana. Contos*., Lisboa: Edições Salamandra, col. "Garajau", 197-214.

Fontela, Maria de los Ángeles Rodríguez. (1996) *La novela de autoformación. Una aproximación teórica e histórica al 'Bildungsroman' desde la narrativa española*, Universidad de Oviedo: Reichenberger, col. "Problemata Literária", 25.

Garcia, José Martins (1988) "Nem toda a noite a vida" in Arquipélago. Línguas e Literaturas. Número Especial. Comemoração do 10º Aniversário da Morte de Vitorino Nemésio, Ponta Delgada: Univ. dos Açores, vol. X, 49-62.

Gouveia, Margarida Maria. (2001) *Vitorino Nemésio e Cecília Meireles. A Ilha ancestral*, Porto: Casa dos Açores do Norte, Fundação Eng. António de Almeida.

Goyanes, Mariano Baquero. (2001) [1989] *Estructuras de la novela actual*, Madrid; Editorial Castalia.

Granderoute, Robert. (1985) *Le roman pédagogique de Fénelon à Rousseau*, Genève-Paris: Éditions Slatkine.

Jost, François (1969) "La Tradition du Bildungsroman" in Comparative Literature Vol. 21, Nº2, 97-115.

Locatelli, Aude. (1998) La lyre, la plume et le temps. Figures de musiciens dans le >Bindungsroman<, Tübingen: Max Niemeyer Verlag Communicatio.

Lukács, Georg. (1968) [1920] *La Théorie du roman*. Traduit de l'allemand par Jean Clairevoye et suivi de *Introduction aux premiers écrits de Georg Lukács* par Lucien Goldmann, Paris: Denoël.

Melo, João de. (2000) '*L(USA)LANDESES, PORTUGUESES E ÀS VEZES… AMERICANOS'*. In Almeida, Onésimo Teotónio. (2000) *(Sapa)teia Americana. Contos*., Lisboa: Edições Salamandra, col. "Garajau", 5-12.

Miraux, Jean-Philippe. (1996) *L'autobiographie. Écriture de soi et sincérité*, Paris: Nathan Université, col. "128".

Nemésio, Vitorino. (2002) *Paço do Milhafre. O Mistério do Paço do Milhafre*. Introdução e fixação do texto de Urbano Bettencourt, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, col. "Biblioteca de Autores Portugueses", vol. VII.

Naves, M.ª del Cármen Bobes. (1998) *La Novela*, Madrid: Editorial Síntesis, S.A., col. "Teoría de la Literatura y Literatura Comparada".

Pinto, Cristina Ferreira. (1990) *O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros*, São Paulo: Editora Perspetiva, 25 anos, col. "Debates".

Reyes, Graciela. (1984) *Polifonía textual. La citación en el relato literario*, Madrid: Editorial Gredos, col. "Biblioteca Románica Hispánica".

Ribeiro, Ana. (1998) *A Escola do paraíso de José Rodrigues Miguéis. Um Romance de Aprendizagem*, Braga: Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, col. "Hespérides", Literatura 2.

Sá, Maria das Graças Moreira (1988) "Vitorino Nemésio: poeta da sua ilha, poeta do seu mar" in Arquipélago. Línguas e Literaturas. Número Especial. Comemoração do 10º Aniversário da Morte de Vitorino Nemésio, Ponta Delgada: Universidade dos Açores, vol. X, 181-193.

Silva, Heraldo Gregório da. (1985) *Açorianidade na prosa de Vitorino Nemésio. Realidade, Poesia e Mito*, Lisboa / Região Autónoma dos Açores: coedição Imprensa Nacional – Casa da Moeda e Secretaria Regional da Educação e Cultura, col. "temas portugueses".

Suleiman, Susan (1979) "La structure d'apprentissage. Bildungsroman et roman à thèse" in Poétique. Revue de théorie et d'analyse littéraire, Paris: Seuil, Nº 37, 24-42.

Unamuno, Miguel de. (2009) [1996] *San Manuel Bueno, mártir / Cómo se hace una novela*, Madrid: Alianza Editorial.

40 Na ótica de Goyanes, "Muy frecuentemente la estructura narrativa del 'Bildungsroman' se caracteriza no sólo por la ya citada articulación episódica [...] sino también por el uso de la forma autobiográfica, de la primera persona narrativa.
[...]
Tercera persona: la que corresponde a las reflexiones satírico-morales del propio escritor, no encarnado en ningún personaje, precisamente para mejor poder realizar (desde la perspectiva adecuada) esa tarea crítica e desengañadora." (2001: 36).

11. CHRYS CHRYSTELLO, AICL, PRESIDENTE COMISSÃO EXECUTIVA DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA 12º COLÓQUIO DA LUSOFONIA BRAGANÇA 2009

TEMA 2.6. AÇORIANIDADE LITERÁRIA, MESA QUADRADA SOBRE TRADUÇÃO E LITERATURA DE MATRIZ AÇORIANA

Grandes vultos das letras e (***das***) artes nasceram nos Açores, como ***Gaspar Fructuoso*** *(1522-1591, historiador); o* ***conde de Ávila****, marquês e duque de Bolama;* ***Manuel de Arriaga*** *(1840-1917),* ***Antero de Quental*** *(1842 -1891 filósofo e poeta);* ***Teófilo Braga*** *(1843 -1924 escritor e presidente da República);* ***Roberto Ivens*** *(1850-1898 militar e explorador);* ***Tomás Borba*** (1867-1950, mestre de quase todos os melhores compositores portugueses do século XX.); ***Francisco de Lacerda***, (1869-1934, musicólogo, compositor e maestro); ***Canto da Maya*** *(1890 -1981 escultor) que passou a vida em Paris;* ***Domingos Rebelo*** *(1891-1975 pintor);* ***Vitorino Nemésio*** *(1901-1978 escritor, (poeta, crítico, ensaísta, comunicador);* ***António Dacosta*****, terceirense** *(1914 -1990 pintor)***,** poeta da escola surrealista, viveu longo tempo em Paris**.** ***Carlos Wallenstein*** **(**1926-1990), escritor, ator, cujas obras completas foram publicadas na Salamandra.

Outro pintor micaelense, que acabou os seus dias em *Oeiras*, foi ***Victor Câmara***[41] (1921-1998), o mais fiel discípulo de Domingos Rebelo, representado no Museu Carlos Machado, tendo, em Oeiras, se dedicado ao retrato**;** ***Carlos Carreiro*** (n 1946-), expressionista, com cores vivas, grande pintor, professor nas Belas Artes no Porto.

Dos inúmeros autores açorianos contemporâneos selecionei não os que já traduzi para inglês, mas aqueles com quem convivi, cuja obra conheço e pela qual nutro apreciação como adiante se verá**.**

Acolho como premissa o conceito de açorianidade de **Martins Garcia** que, admite uma literatura açoriana *«enquanto superstrutura emanada dum habitat, duma vivência e duma mundividência»*[42]. Para ele a açorianidade literária[43] (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista Insula, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comummente abordados na literatura, tais como a solidão, o mar, a emigração. Martins Garcia não se mostra empenhado em definir a literatura açoriana, mas a sua qualidade estética.

Na obra "Para uma literatura açoriana" (1987) afirma:

> *"...utilizar um conceito antropológico de cultura para provar a diferença entre os Açores e o Continente é admitir que um traço distintivo venha a justificar uma autonomia, quando, na realidade, são as diferenças culturais que formam um acréscimo que dão identidade, seja a uma literatura, seja a um povo*[44]*.*

Em "Constantes da insularidade numa definição de literatura açoriana", diz **J. Almeida Pavão** (1988)

> *"...sobre a existência de uma Literatura Açoriana...assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Literatura Portuguesa Continental. No polo positivo de um extremo, enquadrar-se-ia a posição de Borges Garcia e no outro extremo situar-se-ia o polo, naturalmente contestário, formado por Gaspar Simões e Cristóvão de Aguiar. Isto, sem falarmos de outros tantos depoimentos, compendiados na obra* A Questão da Literatura Açoriana*, de Onésimo Almeida (1983)*[45]*."*

Depois de, no meu fervor iniciático, ter sido um fervoroso adepto da LITERATURA AÇORIANA, à medida que lia os autores mais consagrados e badalados, ficava com uma sensação amarga. Há muitos, mas de qualidade irregular, dir-se-ia mesmo duvidosa. Confesso mesmo que sorri da minha ingenuidade.

De Dias de Melo, ressalvam-se os livros sobre baleeiros, outros li que eram execráveis, como "*O Menino que deixou de ser menino*", e "*Pena dela saudades de mim*", ambos dum neorrealismo primário e balofo, que nada tem a ver com os seus livros mais antigos sobre baleação. Daniel de Sá[46] tem um romance deveras

[41] Em 1949 no "Correio dos Açores", uma crítica, a duas colunas, dizia que Victor Câmara "desonrava-nos com a exposição, descendo tão baixo a chafurdar na lama". A crítica era toda deste teor. Com Victor Câmara foram atacados Rui Galvão de Carvalho, Armando Cortes Rodrigues, Eduíno de Jesus, que era tropa na altura e foi detido no quartel por ter escrito e favor da pintura. E ainda Pedro da Silveira e Cristiano Frazão Pacheco, que no jornal "A Ilha" encerrou o debate, por não encontrar nos críticos que levantaram o caso, competência para discutir o assunto

[42] http://lusofonia.com.sapo.pt/acores/acorianidade_pavao_1988.htm#_ftn11#_ftn11

[43] BRASIL, Luiz Antônio de Assis. Escritos açorianos: a viagem de retorno - tópicos acerca da narrativa açoriana pós-25 de abril. Lisboa: Salamandra, 2003, p. 14.

[44] RIBEIRO, Lúcia Helena M. A questão da identidade da terra: a ideia de permanência na obra Contrabando Original, de José Martins Garcia. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica Rio Grande do Sul, 1996.

[45] O Centenário (1963) (poesia); Esperança-21 (1969) (peça de teatro); Cérebros do Grande Público (1970) (ensaio), Da Vida Quotidiana na Lusalândia (1975) (estudo); José Rodrigues Miguéis/Portugal in Manhattan (1983) (ensaio), A Questão da Literatura Açoriana (1983) (ensaio); (Sapa)teia Americana (1983) (contos); Mensagem - Uma Tentativa de Reinterpretação (1987) (ensaio); Açores, Açorianos e Açorianidade (1989) (ensaio)

[46] *Génese* (novela), edição da D.R.A.C. da Secretaria Regional de Educação e Cultura, Angra do Heroísmo, 1982: Durante a Guerra Civil espanhola, Don Francisco Calvera Ten, um padre da província de Valência, teme os Republicanos e não gosta dos Nacionalistas. E deu-lhe em duvidar do próprio Deus
Sobre a Verdade das Coisas (crónicas-contos), edição da Junta de Freguesia da Maia, 1985: A vida rural de S. Miguel. A ficção ao serviço da realidade, a realidade ao serviço da ficção. Mas onde o real é bem mais forte do que o imaginário. *O Espólio* (novela), edição Signo, Ponta Delgada, 1987. Se uma ilha dos Açores sofresse um ataque nuclear, que poderia resultar daí para a felicidade ou infelicidade do Mundo? Talvez nada mais do que o Prémio Pulitzer para a melhor reportagem sobre a tragédia. *A Longa Espera* (contos), edição Signo, Ponta Delgada, 1987: E se o Natal fosse um homem vindo de longe, de onde os rios correm sempre, para se sentar diante de uma fonte seca, num sacrifício de implorar a chuva aos Céus e até à sua própria morte? E se o Natal fosse e não fosse o resto? *Bartolomeu* (teatro), edição da D.R.A.C. da Secretaria Regional da Educação e Cultura, Angra do Heroísmo, 1988: Um dos maiores navegadores portugueses de todos os tempos julga-se com direito de ir à Índia. Razões de Estado tiram-lhe esse privilégio em favor de Vasco da Gama, um capitão intransigente.

interessante “O Pastor das Casas Mortas” e uns apontamentos coloridamente atraentes em guias turísticos como Santa Maria Ilha-Mãe e São Miguel e Terceira além de uma ou outra obra mais antiga de relevo.

Como tradutor que vive no seio desta azórica geografia idílica, não busquei a essência do ser em miríades de variações. Também não cuidei de saber se o homem se adaptou às ilhas ou se estas condicionaram a presença humana, para evidenciar a sua especificidade ou açorianidade.

Deduzi no decurso do meu trabalho de tradução de autores açorianos, caraterísticas relevantes para a açorianidade:

1. O clima inculca um caráter de torpor e de morosidade;
2. Os povos quedam hoje, física e culturalmente, quase tão distantes de Portugal como há séculos atrás;
3. O recorte dos estratos sociais: é ainda vincadamente feudal apesar do humanismo que a revolução de 1974 alegadamente introduziu nas relações sociais e familiares;
4. A adjacência das gentes à terra persiste ainda imune a aculturações, fora das pequenas metrópoles que comandam a vida em cada ilha, opondo-se ao centralismo autofágico e macrocéfalo, que regem esses dois submundos como vasos não-comunicantes.

Daniel de Sá, dedicou *“O Pastor das Casa Mortas*” “à*s mulheres e aos homens que ainda acendem o lume nas últimas aldeias de Portugal*. O herói busca um amor perdido no léxico e na sintaxe dos velhos montes escalavrados da Beira Alta. Por entre o pastoreio, calcorreia paixões sofridas, numa verdadeira apologia da solidão física e mental. Este retrato de Manuel Cordovão, lusitano de um amor só, é uma ode ao açoriano apartado de si e do mundo por um amor impossível inconcretizado. Trata-se de uma visita ao Portugal profundo, montanhoso, interior e inacessível. Aqui não se fala do “*despovoamento das ilhas” antes* se resgata o imaginário coletivo na erudição improvável de um apascentador de cabras.

Noutra obra, “*Santa Maria ilha-mãe”* Daniel de Sá viaja ao passado mítico, mas refulgente de nostalgia lírica por uma infância despretensiosa. Ao falar da Ilha-Mãe visita-se o isolamento de séculos, permeado por ataques de piratas, a inculcar mais vincadamente as crenças de origem religiosa. Revi *enésimas vezes, cada passagem do livro para lhe dar, em inglês, o tom, o colorido, a sonoridade e a poesia da prosa recorrente à totalidade da obra ficcionada.* Essa *mundividência*, transporta-nos num interessante roteiro turístico. O título gerou controvérsia, como o próprio autor notaria: “*Não se trata de "mãe" com valor de adjetivo, mas sim de dois substantivos ligados por hífen. É uma ilha que é mãe também...*” Diz-nos o autor “*Ainda hoje recordo exatamente o seu cheiro*” e todos nós sentimos os cheiros, as cores e as melopeias que nos descreve.

A escrita de Daniel de Sá vagueia por tempos infindos. As personagens simples são tão credíveis que nos sentimos transportados e partilhamos sentimentos com os interlocutores. Como magistralmente disse a escritora canadiana Ann-Marie MacDonald, “*A tradução, tal como a escrita, é uma arte e uma maestria, com um toque de alquimia. Quando o autor e o tradutor se reúnem, o resultado pode ser inspirador. As nuances traduzem a língua numa forma de arte “*

Dias de Melo foi agricultor, compositor, versejador e homem do mar. Escrevia sobre os baleeiros do Pico, como se da janela da sua “Cabana do Pai Tomás”, no Alto da Rocha do Canto da Baía, na Calheta de Nesquim, vigiasse os botes e as lanchas da Calheta, baleando contra os Vilas e os Ribeiras. A escrita fluida embrenha-se como o nevoeiro em que os trancadores se debatiam na luta inglória para ganhar a vida. Resumirei o autor a uma frase: **Injustiça Social**. É da sua denúncia que trata ao abordar a emigração, a vida no Pico, as realidades sociais e económicas, a repressão do Estado Novo e os dramas humanos, na linguagem simples dos homens do mar. Apreendendo as suas obras e a sua luta, fica-se com a sensação de uma sociedade arbitrária e perversa.

A Dias de Melo, inexoravelmente o escritor da baleação, coube-lhe a sorte de ter merecido homenagens públicas nos últimos meses de vida, quando a VerAçor re-editou alguns dos seus livros. Como espetador atento da luta quotidiana e da condição humana, nunca se coibiu de a viver e contar. Cumpre-nos evitar que essa memória se esvaneça e porfiar para que seja lido pelas novas gerações, pois, como o próprio escreveu: “*A esperança num mundo melhor já não será para mim, nem para nenhum de nós e eu revolto-me com o que vejo à volta de mim*”.

Nas ilhas existem interesses esconsos e panelinhas em que pontificam menos valias com fama fácil, o apoio das instâncias oficiais e de uma clique na qual se incluem nomes menores da literatura local. Com a paixão de descobrirmos todos estes autores

O drama de Bartolomeu Dias, que o não mereceu...*Um Deus à Beira da Loucura* (novela), edição da D.R.A.C. da Secretaria Regional da Educação e Cultura, Angra do Heroísmo, 1990: Se Cristo reincarnasse e fosse condenado a um campo de concentração nazi, resistiria melhor do que um prisioneiro ateu? *Ilha Grande Fechada* (romance), edição Salamandra, Lisboa, 1992: João peregrina à volta da ilha no cumprimento de uma promessa e na despedida da sua terra antes de emigrar para o Canadá. E acaba por compreender que "sair da ilha é a pior maneira de ficar nela". *A Criação do Tempo, do Bem e do Mal* (ensaio), edição Salamandra, Lisboa, 1993. Uma visão agnóstica do Tempo. A justificação do Bem e do Mal, numa perspetiva teísta. Algumas questões mais difíceis da Doutrina e da Moral católicas, segundo a opinião de quem acredita em Cristo e na Sua Igreja, dita Universal, Apostólica e Romana, sem ter a certeza de que Ela seja infalível. *Crónica do Despovoamento das Ilhas (e Outras Cartas de El-Rei)* (crónicas históricas), edição Salamandra, Lisboa, 1995: A vida nos primeiros tempos de haver gente nos Açores, ouvida dos velhos cronistas e contada com a ironia da ignorância e da suposta superioridade de ser homem do século XX. *E Deus Teve Medo de Ser Homem* (novela), edição Salamandra, Lisboa, 1997. Vinte séculos de humanidade não ensinaram ao Homem a ser humano. O lobo de si mesmo continua tão pérfido como os crucificadores romanos. *As Duas Cruzes do Império – Memórias da Inquisição* (romance), edição Salamandra, Lisboa, 1999: O absurdo da Inquisição foi praticar o mal em nome de Deus. O paradoxo do nosso século tem sido destruir milhões de homens e mulheres em nome da Humanidade.

Contos: • Um trovador na corte de D. Sancho, • Dueto a uma só voz

Outras páginas sobre o autor: • Recensão sobre a obra *E Deus Teve Medo de Ser Homem,* • Malino: Homenagem a Miguel Torga, • Dois sonetos sobre Natália Correia. Novos livros: Santa Maria Ilha-Mãe ed. VerAçor, O Pastor das Casas Mortas ed. VerAçor, S. Miguel: A Ilha esculpida” ed. VerAçor, “Ilha Terceira” ed. VerAçor

desconhecidos, olvidamos o conhecimento dos restantes. Deixamo-nos iludir pela açorianidade, pela beleza narrativa das ilhas e seus costumes ancestrais...embalamo-nos no canto das suas sereias...

Lemos outros poetas e escritores açorianos espantosos de que QUASE ninguém fala como José **Martins Garcia**[47]. Sobre ele escreveu David Mourão-Ferreira "*Se não vivêssemos, vicentinamente, num País em que a "barca do purgatório" anda sempre mais carregada que as outras duas, o* [seu] *nome deveria ser hoje saudado como o do escritor mais completo e mais complexo que no último decénio entre nós se revelou; (...) com igual mestria tanto abrange os registos da mistificação narrativa como os da exegese crítica, tanto os da desmistificação satírica como os da transfiguração telúrica, e que sem dúvida não encontra paralelo, pela convergência e concentração de todos estes vetores, na produção de qualquer outro seu coetâneo*" (Jornal SIGNO, 30/9/1987)."

Maria Lúcia Lepecki acrescenta "*É a arte de narrar "em puro" que Martins Garcia cultiva: de modo que opta por não fazer quaisquer tipos de experimentações. Vai sempre re-experimentando, e confirmando, o contar histórias*."

Armando *Côrtes-Rodrigues* é outro nome a não esquecer.

Emanuel de Sousa é poeta e autor de *Eurídice* com prefácio de Natália Correia; e autor de *Ariadne*, ambos da Quetzal.

Saiu agora uma antologia de contos de Martins Garcia, numa rica edição. A coleção intitula-se Biblioteca Açoriana e é dirigida por Urbano Bettencourt e Carlos Alberto Machado (diretor do Centro de Estudos do Mar nas Lajes do Pico). Já foram publicados, nesta coleção, em 2009, os seguintes livros: *Almas Cativas e Poemas Dispersos*, de **Roberto de Mesquita** (prólogo e organização de Carlos Bessa); *A Moldura*, de **Conceição Maciel**; *Português, Contrabandista*, de **José Martins Garcia**, antologia de contos de muitos dos seus livros, a maior parte inexistente no mercado, ***com um*** posfácio de Urbano Bettencourt.

Há mais três nomes a não esquecer: **Vasco Pereira da Costa,** poeta, romancista, nascido em Angra do Heroísmo em 1948. Além disso é pintor, usa o pseudónimo de Manuel Policarpo. Teve em junho uma Exposição de Pintura no Museu dos Baleeiros das Lajes do Pico, a qual irá para a Terceira, e em outubro para as Portas do Mar, em Ponta Delgada. Intitula-se AS ILHAS CONHECIDAS - CARTOGRAFIA E ICONOGRAFIA. Os quadros relativos ao culto do Espírito Santo são, creio que, pela primeira vez, contêm uma forte crítica não só ao culto da terceira pessoa como à sociedade...

Há **Eduardo Jorge Brum** (fundador e diretor do Semanário "Expresso das Nove") poeta, contista e romancista, nascido em Rabo de Peixe. Escritor maldito, na linha de Luiz Pacheco. As suas principais obras, todas publicadas na Europa-América, com exceção de uma, que saiu na Vega (*Oriana ou o nome das Coisas*), e por último, **Marcolino Candeias,** nascido em Angra em 1952. Poeta de um só livro, embora se tivesse estreado aos 16 anos com um livrinho que terá repudiado, pelo menos não consta na bibliografia do autor, intitulado POR TER ESCRITO AMOR**.** O seu livro, portanto, já em 2.ª edição intitula-se: ***Na Distância deste Tempo***, 2.ª ed. Salamandra.

Como se pode ver há muito para além das hortênsias e dos romeiros, tema desesperado de tanto aspirante a escritor numa eterna antologia de autores açorianos, mas nem todos eles serão obreiros de verdadeira literatura.

Deixei propositadamente para o fim Cristóvão de Aguiar[48] , um escritor incómodo.

[47] **Outras obras de referência do autor:** (1975), *Lugar de Massacre.* Lisboa, Afrodite. (1978), *Vitorino Nemésio, a obra e o homem.* Lisboa, Arcádia. (1978), *A Fome*. Lisboa, Afrodite. (1982), *Imitação da Morte*. Lisboa, Moraes. (1984), *Invocação a um Poeta e outros poemas.* Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura. (1985), *Fernando Pessoa: "coração despedaçado".* Ponta Delgada, Universidade dos Açores. (1986), *Temporal*. Providence, Gávea Brown. (1987), *Contrabando Original*. Lisboa, Vega. (1988), *Vitorino Nemésio – à luz do Verbo*. Lisboa, Vega. (1990), *Memória da Terra.* Lisboa, Vega. (1996), *No Crescer dos Dias*. Lisboa, Salamandra. (1999), *(quase) teóricos e malditos*. Lisboa, Salamandra. Ensaio: (1987). *Para uma Literatura Açoriana.* Ponta Delgada, Universidade dos Açores. (1987), *David Mourão-Ferreira/ /Narrador.* Lisboa, Vega. (1995), *Exercício da Crítica*. Lisboa, Salamandra. Conto: (1978), *Receitas para Fritar a Humanidade.* Lisboa, Edições Montanha. (1979), *Morrer Devagar*. Lisboa, Arcádia. (1987), *Contos Infernais.* Ponta Delgada, Brumarte. (1992), *Katafàraum Ressurrecto*. S.l., M. Garcia. Teatro: (1987), *Domiciano*, Angra do Heroísmo, Direção Regional de Assuntos Culturais (Prémio Armando Côrtes-Rodrigues, da SREC).

[48] Poesia: Mãos Vazias; ed. do Autor, com a chancela da Livraria Almedina, Coimbra, 1965; O Pão da Palavra; Cancioneiro Vértice, Coimbra, 1977; Sonetos de Amor Ilhéu; ed. do Autor, Coimbra, 1992. Prosa: Breve Memória Histórica da Faculdade de Ciências (II Centenário da Reforma Pombalina), Coimbra, 1972; Alguns Dados sobre a Emigração Açoriana; Separata da Revista Vértice, Coimbra, 1976

Raiz Comovida (A Semente e a Seiva; 1.ª ed. Coimbra 1978 (Prémio Ricardo Malheiros Academia de Ciências Lisboa)
Raiz Comovida II (Vindima de Fogo); 1.ª ed. Coimbra, 1979
Raiz Comovida III (O Fruto e o Sonho); 1.ª ed. Angra do Heroísmo, SREC, 1981
Raiz Comovida (Trilogia Romanesca); revista e remodelada num volume, Editorial Caminho, Lisboa, 1987, Edições D. Quixote, Lisboa, 2003
Ciclone de Setembro; (Romance ou o que lhe queiram chamar), Editorial Caminho, Lisboa, 1985, incluído no romance Marilha, Publicações D. Quixote, 2005
Com Paulo Quintela à Mesa da Tertúlia; Nótulas Biográficas, Serviço de Publicações da Universidade de Coimbra, 1986, 2.ª ed. revista e aumentada, Imprensa da Universidade, 2005
Passageiro em Trânsito; Novela em espiral ou o romance de um ponto a que se vai sempre acrescentando mais um conto, Editora Signo, Ponta Delgada, 1988; 2.ª ed. refundida, Salamandra, Lisboa, 1994
Emigração e Outros Temas Ilhéus; Miscelânea, Editora Signo, Ponta Delgada, 1992
A Descoberta da Cidade e Outras Histórias; Contos, Editora Signo, Ponta Delgada, 1992
Um Grito em Chamas; Polifonia Romanesca, Edições Salamandra, Lisboa, 1995, integrado no romance Marilha, de que constitui a primeira parte.
Relação de Bordo (1964 -1988); diário ou nem tanto ou talvez muito mais (Grande Prémio da Literatura Biográfica da APE / CMP), Campo das Letras, 1999
Relação de Bordo II (1989-92); diário ou nem tanto ou talvez muito mais, Campo das Letras, 2000
Relação de Bordo III, diário ou nem tanto ou talvez muito mais, P. D. Quixote, 2004
Trasfega, casos e contos, Prémio Miguel Torga / Cidade de Coimbra, 2002
Marilha, sequência narrativa, D. Quixote, 2004
A Tabuada do Tempo, Prémio Miguel Torga, Almedina, 2006
Miguel Torga – O Lavrador das Letras – Um percurso partilhado, Almedina 2007
Braço Tatuado – Retalhos da Guerra Colonial, D. Quixote, 2008

Não só se libertou das grilhetas do cativeiro confinado da ilha como demonstrou com a sua prolífica publicação aquilo que mais se entreteve a negar: a existência de uma literatura açoriana. Exigente consigo e com os outros, com fama de intransigente, não se inibe da polémica e controvérsia. Domina a língua como só os grandes escritores almejam, enquanto se deixa consumir no fogo ardente da falta de confiança genética de ilhéu. Eterno insatisfeito burila o basalto da sua ilha adotiva, o Pico, as filigranas letras com que nos enleia.

Como visitou e viveu para lá da fronteira invisível do grande Mar Oceano olha retrospetivamente para o Pico da Pedra, em São Miguel, onde nasceu, e vislumbra a pequenez das gentes encarceradas nas ilhas, contentadas com qualquer emigração económica e a canga feudal que persiste. Pedaços de gente dura e impiedosa cumprindo rituais. Intolerantes, devotos e invejosos. Ansiosos por emigrar. Depois, voltam sempre com aparência triunfante, mas sem acarrearem na desafogada bagagem algo de valor. Apenas dinheiro e bens materiais. Sobre a sua marilha natal, diz Cristóvão

---

São Miguel já não é a mesma Ilha onde fui nado e criado e vivi até à arrogância dos vinte anos. Pude verificá-lo, há pouco, durante o 4.º Encontro Açoriano da Lusofonia, em que, para regozijo meu, não encontrei os costumeiros intelectuais de pacotilha, que sabem tudo quanto no Universo se passa, com retrato de pose na galeria dos imortais há muito mumificados…

Nem é sequer a mesma Ilha que foi, até há poucos anos, muito nublada, já não digo por um nevoeiro absoluto, mas por alguns resquícios aparentados a certas pesporrências de má memória. Temos, porém, de convir que, durante séculos, certas forças religiosas, conluiadas com todos os poderes, foram o sustentáculo da ignorância abençoada pela trilogia Deus, Pátria e Rei de outros tempos, e Deus, Pátria e Família, do tempo de muitos de nós. Direi como Mestre Gil Vicente: E assim se fazem as cousas. Levou tempo, mas o inevitável aconteceu. Acaba sempre. O medo e outras rançosas virtudes impostos ao espírito e nele lavrado em sulcos mais ou menos profundos ***(nem toda a terra consente a ignomínia), com relhas*** *enferrujadas e passadistas, têm destes percalços - no ápice de um instante imprevisto esse terreno enfastiado de tanta aridez fementida e coerciva, súbito se devolve à sua límpida condição de húmus que favorece a estrutura do solo e do subsolo e do infra-subsolo: o consciente, o subconsciente e o inconsciente.*

Cristóvão é um permanente "Passageiro em trânsito", título do seu mais benquisto livro, sempre na rota do inconformismo. É a voz ininterrupta de uma consciência coletiva que não se asfixia. Granjeou o direito a chamar os bois pelo nome sem se deter nas finuras das convenções do parece bem. É crítico impiedoso do destino que alguns queriam eterno, da subserviência e submissão aos senhores das ilhas, descendentes diretos dos opressores da gleba. Narrativas dissecantes que se assemelham a uma técnica de *travelling* em filmagem. Grandes planos, *zooms*, e paragens esmiuçadas nos rostos e mentes dos atores principais dos seus diários, intitulados *Relação de Bordo (trilogia) e A Tabuada do Tempo*. A câmara detém-se e escalpeliza a alma daqueles que filma com palavras aceradas. Dói e magoa como o vento mata-vacas que sopra do nordeste.

Psicanalisando as gentes e a terra que o viram nascer adotou uma nova ilha mátria, em 1996

A Ilha do Pico faz-me as vezes de mulher amada. Desvenda-se aos poucos, em erótico vagar, para se lhe descobrir os recantos e sortilégios mais íntimos. E nunca se chega, nem se precisa, ao cerne do feitiço...Meio encoberta, meio desnudada, sempre ataviada de cheiros exóticos e eróticos, faz com que se abram as narinas de cio. Colhem os olhos as tonalidades indefiníveis de seus roxos e azuis, o cinza entorresmado de seus mistérios, seus verdes percorrendo toda a escala cromática, vertidos na paleta primigénia de que se serviu o Criador para matizar a tela da Natureza. Sempre que caem sobre o mar do canal, cavado e furioso ou espelho de Narciso, a Ilha de São Jorge, nua e arroxeada, a garantir mais mundo, os olhos coalham-se de espanto em face do mistério de assistirem ao primeiro dia da Criação...Não cabe no olhar a Montanha bíblica. Extravasa a humana retina. Bíblica. Acredito ter sido em seu cimo, que roça o Céu, que Moisés recebeu as Dez Tábuas da Lei. E de um penedo fez jorrar a água que saciou a sede do seu Povo

---

Cristóvão de Aguiar não é um autor fácil nem facilita o seu léxico para leitores de pacotilha. Amaldiçoado, que nunca maldito, porque outros o fizeram malquisto. Acossado por tudo e por todos. Exige tanto dos seus leitores como de si mesmo. As suas palavras penetrantes estão gravadas visceralmente num granito alheio às ilhas que se encontra na *Relação de Bordo*.

No último volume da trilogia, depara-se com uma infindável história de amor sem que a maioria dos leitores se aperceba desses arroubos. Ele é o magma de que são feitas as gentes de bem. Este foi o autor que ora descobri como se o conhecesse há muito, como se tivesse sido irmão caçulo ou *compagnon de route* 66 à la *Jack Kérouac,* iluminando o túnel das ideias[49]. Navego imerso na sua escrita tateando como um recém-nascido fora do ventre materno. Aprendo hoje com este mestre contemporâneo

1. Tradução: A Riqueza das Nações, Adam Smith; Fundação Calouste Gulbenkian, 1982
2. Colaboração: Vietname; Antologia Poética, Nova Realidade, 1970; Antologia de Poesia Açoriana; org. por Pedro da Silveira, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1977; Para o Mundo de todos os Homens; Pequena Antologia de Poesia de Autores Portugueses contra o Racismo e Colonialismo, Conselho Português para a Paz e Cooperação, 1977; Antologia Panorâmica do Conto Açoriano; organizada por João de Melo, Vega, Lisboa, 1978; O Eclipse; Extrato de Romance, Revista Vértice, 448, maio - junho de 1982 (Número dedicado à Cultura Açoriana, organizado pelo Autor); The Sea Within; A Selection of Azorean Poems, Gávea-Brown, Providence, 1983

[49] Pressagio cordões umbilicais curiosos. Ambos criamos os sulcos que trilhamos percorrendo as savanas e as estepes do sofrimento pessoal, das amarguras e romances que nos embargavam a escrita e nos dispersavam. Plantámos árvores, publicámos poesia e tivemos filhos em buscas incessantes pelo Santo Graal. *Cumprimos*

da literatura de matriz açoriana. Muito apoucado me aquilato em tão ínclita companhia. Terei encontrado o escritor neste amigo novo?

Nestas navegações literárias, uma pessoa não lê apenas Cristóvão de Aguiar, mas empreende uma viagem tridimensional recheada de sentidos. Confluem na escrita como lava "pahoe-hoe" (pron. *pah hoi-hoi*) de aparência viscosa, mas fluida, prateada, brilhante e entrançada como cordas de baleeiro. Outros autores aparentam ser lava tipo "A a" (*ah ah*), grossa e áspera, magma de rochas solidificadas impulsionadas.

Em Cristóvão de Aguiar nada é impelido embora por vezes se assemelhe na sua descrição e nos contornos emocionais à pedra-pomes, piroclasto dominante das rochas traquíticas. A observação de qualquer pedaço de basalto revela-nos, quase sempre, a existência de VESÍCULAS disseminadas na rocha, de tal modo estanques, que esta pode flutuar na água por largos períodos. Resultam de gases separados do magma que, não tendo escapado para a atmosfera, ficaram aprisionados na rocha sob a forma de bolhas onde também ficam retidos *ad eternum* todos os leitores. A escrita lávica de Cristóvão fica a boiar no nosso espairecido imaginário. Foi ela que nos instigou a rabiscar esta lamentação com o frémito ciumento dos que não conseguem escrever da forma única e inimitável como só ele sabe e sente sobre os Açores. Essa a forma de amar e de ressarcir a terra que o viu nascer...

As ilhas irão, um dia, desatar grilhetas que as encarceram no passado e Cristóvão estará então desobrigado da tarefa hercúlea de acarrear a sua ilha como um fardo ou amor enjeitado, que nisto de ilharias há muitas paixões não correspondidas.

Dias de Melo e Daniel de Sá já foram traduzidos e "O Pastor das Casas Mortas" vai surgir em castelhano. Cristóvão não foi traduzido. Além dele há outros escritores e poetas[50] que teremos de divulgar e traduzir. Isto sim é um crime de lesa literatura.

Irei concentrar os esforços dos Colóquios em editá-lo no Brasil e tê-lo traduzido na Bulgária, Roménia, Polónia e Eslovénia enquanto nós, meros mortais, teremos de ler os restantes e apreciar a sua universalidade, apesar de a matriz açoriana que a todos permeia. Sei agora que incorremos numa grave omissão se não conseguirmos traduzir "A TABUADA DO TEMPO", "TORGA LAVRADOR DAS LETRAS", "MARILHA", "RAIZ COMOVIDA", "RELAÇÃO DE BORDO I, II, III".

Este o desafio que aqui lanço, hoje, como um repto que ninguém recusará, estou certo.

missões inomináveis no exército colonial português. Em Mafra, Tomar e em Leiria. Cristóvão entrou para o Teatro Universitário em Coimbra e eu para o Teatro Universitário do Porto quando me insinuava como jovem independente pensante, batalhando com Zeca Afonso, mestre José Rodrigues e um dos melhores declamadores de sempre, o Mário Viegas. Em Coimbra, o ilhéu Cristóvão lidou com Paulo Quintela, Miguel Torga, Luís Albuquerque, Joaquim Namorado e outros monstros sagrados do nosso imaginário.

[50] **Bibliografia** da cadeira de estudos açorianos

CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

Suplemento # 22 - junho 2017

VASCO PEREIRA DA COSTA

Todas as edições em www.lusofonias.net

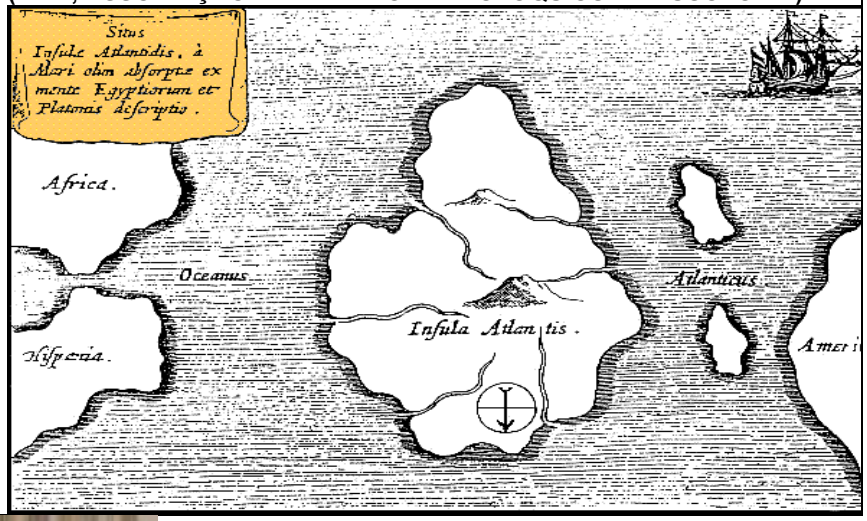
Editor AICL - Colóquios da Lusofonia

Coordenador CHRYS CHRYSTELLO

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)

©™®

Editado por COLÓQUIOS DA LUSOFONIA
(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)



Nota introdutória do Editor dos Cadernos,

Os suplementos aos Cadernos Açorianos servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até Pelos próprios autores.

Hoje este Suplemento # 22 é o segundo dedicado a VASCO PEREIRA DA COSTA depois do Suplemento nº 4 de maio 2010